



Mostração Brasileira

ANO XIX — NÚMERO 80 — DEZEMBRO DE 1941 — PREÇO 5\$000

Ilustração Brasileira

Mensario editado pela Sociedade Anônima "O MALHO"

Redação e administração : Travessa do Ouvidor, 26
Telefones : 43-9453 - 43-9008 - 23-4422
Caixa Postal 880 - End. teleg.: "O MALHO - Rio

Grande premio na exposição do Centenario, em 1922 - Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911. - Diploma de honra na Feira Internacional de Nova York em 1940. - Orgão Oficial da Exposição do Centenario de 1922.

DIRETORES :

Oswaldo de Souza e Silva **Jorge Santos**
Antonio A. de Souza e Silva **José Maria Bello**

PREÇO DAS ASSINATURAS (REMESSA SOB REGISTRO POSTAL)

Brasil, países da America e Espanha		Demais países :	
12 meses	60\$000	70\$000
6 meses	30\$000	35\$000

NUMERO AVULSO - 5\$000 — ATRAZADO - 10\$000



PERFUMARIA...

AS MODERNAS CRIAÇÕES DOS
MAIS AFAMADOS FABRICANTES
MUNDIAIS, NA

CASA HERMANNY

RUA GONÇALVES DIAS, 50-RIO
Filial: PETROPOLIS, Av. 15 de Novembro, 766

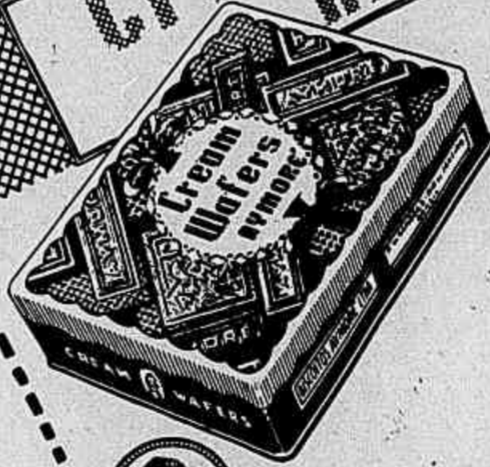


Um terno
ou um corte
de
Aurora

"A CASIMIRA PERFEITA"



CREAM WAFERS
AYMORE



Finissimo sortimento de
deliciosos sanduíches com
ricos recheios de Creme de
Limão, Tangerina, Frambo-
esa, Amora, Vanila e Choco-
late. Excelentes com sorve-
tes e doces gelados.

BISCOITOS **AYMORE**



para

PRESENTES



PRATA

ENOBRECE O AMBIENTE

AS PRATAS DE

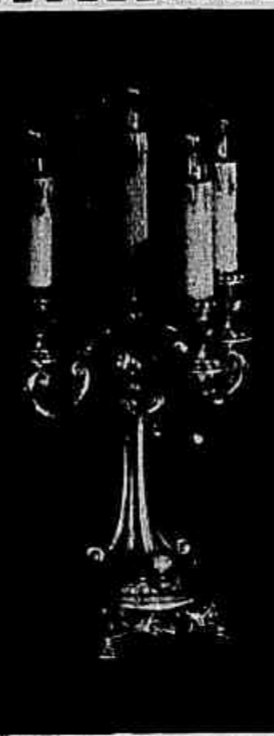
Reis Filhos (Porto)

SÃO MUNDIALMENTE FAMOSAS,
PELO SEU FINO LABOR E PELO
SEU DESENHO IMPECÁVEL

ANALISE-AS E CONFRONTE-AS

Vendas exclusivas de

A. CORRÊA



RUA DO OUVIDOR, 158 · 3º ANDAR
AV. ATLANTICA, 374 · RIO

O próximo número de
"Ilustração Brasileira"
 EDUCAÇÃO E ENSINO

Número especial
 dedicado ao en-
 sino no Brasil

A próxima edição de "Ilustração Brasileira", a aparecer no dia 15 de Janeiro, será o resultado de um grande esforço jornalístico, e vai revelar ao país os aspectos mais notáveis da obra educacional e pedagógica, realizada nos últimos anos.

Esse número, inteiramente dedicado à Educação e Ensino, lançado com a inteira aprovação e todo o apoio moral do Ministério da Educação, através de seus departamentos competentes, foi organizado dentro de um programa que visa a elucidação dos problemas sempre interessantes e das questões sempre dignas de estudo, da moderna pedagogia e do desenvolvimento escolar entre nós.

Além de oferecer farta documentação fotográfica dos nossos principais estabelecimentos de educação e ensino, esse número especial de "Ilustração Brasileira" focalizará todas as questões ligadas ao ensino, ontem e hoje, através de colaborações inéditas, escritas especialmente para essa edição e firmadas por nomes de relevo entre os quais se destacam os seguintes:

Afranio Peixoto, Antonio Austregesilo, Barbosa Leite, Berilo Neves, Carlos Sá, Celso Kelly, Fernando Azevedo, Flexa Ribeiro, Josué Montelo, Lourenço Filho, Nereu Sampaio, Osvaldo Orico, Pedro Calmon, Serafim Leite, Teobaldo Miranda Santos, Thiers Martins Moreira, Venancio Filho e outros, todos com a mais alta responsabilidade de educadores e gosando do mais justo renome nos meios culturais brasileiros.

Será, assim, uma edição destinada ao mais franco sucesso, uma iniciativa, como tantas, de "Ilustração Brasileira", visando divulgar aspectos e coisas do Brasil aos nossos patriotas.



Para assegurar a SUA vinda
TODOS OS ANOS
 — é preciso dinheiro
TODOS OS MESES

ESTE simbólico Papai Noel, que visita o seu lar todos os natais, como intermediário da sua ternura de espôso e pai, é também esperado este ano ansiosamente pela sua família.

E o Sr. — que gosta de fazer surpresas — não teria prazer de dar, neste Natal, um presente diferente à sua espôsa? Um presente que lhe garanta — mesmo na sua ausência — a vinda de Papai Noel todos os anos e o necessário para manter o seu lar e enfrentar os encargos de família todos os meses? ... Sua espôsa não deve ficar desamparada se o Sr. desaparecer de repente. Por que, então, o Sr. não deixa a garantia de uma renda mensal fixa durante muitos e muitos anos? A Sul America tem um plano de seguro que garante dinheiro mensalmente à sua família. Pense um instante e procure trocar idéias com um Agente da Sul America sobre esse seguro, capaz de proporcionar dinheiro todos os meses à sua espôsa.

Si o Sr. ganha, mensalmente,
1:500\$000 pôde garantir à sua
 família **500\$000** todos os meses

Por que o Sr. não garante, desde já, uma renda certa, todos os meses, à sua espôsa durante 20 anos após o seu desaparecimento? Não acha o Sr. que uma renda fixa de 500\$000 por mês servirá para sua família cobrir as despesas inevitáveis? Mesmo ganhando menos ou mais de 1:500\$000, um Agente da Sul America poderá oferecer-lhe planos de acordo com suas possibilidades. Pense nisto e peça o folheto explicativo com o "coupon" abaixo. A Sul America tem planos adaptáveis a todas as bolsas.

Sul America
 Companhia Nacional de Seguros de Vida
 Fundada em 1875



A SUL AMERICA
 CAIXA POSTAL 971 - RIO

Queiram enviar-me um folheto explicativo sobre esta modalidade de seguros.
 8 - KKKK-1234567890

Nome
 Rua
 Cidade Estado



VIVE A FALAR DA
 COZINHA DE SUA ESPOSA!

Seu timbre de voz denuncia orgulho, quando fala dos deliciosos pratos preparados pela esposa. Qual será o segredo? Nenhum: usa MAIZENA DURYEA no preparo dos pratos apetitosos que tanto agradam ao paladar do espôso: substanciosas sopas de creme, legumes enfeitados com salças, sobremesas deliciosas. E todos esses pratos: com MAIZENA DURYEA, são tão fáceis de preparar! Experimente a nutritiva MAIZENA DURYEA. Peça-a em toda parte.

Verifique
 o nome DURYEA
 e o acampamento
 índio em cada
 pacote.



MAIZENA BRASIL S. A. 11 7
 CAIXA POSTAL, F - SÃO PAULO
 30 Gratis! Remeta-me seu livro "Receitas de Cozinha"
 NOME
 RUA ESTADO
 CIDADE

A TORRE EIFFEL



Natal Ano-Bom

VARIADO SORTIMENTO
EM ARTIGOS PARA
PRESENTES

NOVIDADES DE "ARROW"

PARA O DIA DO PAPAÍ

CAMISAS DE PADRÕES MODERNOS

CAMISAS PARA ESPORTE

CUECAS, LENÇOS, GRAVATAS

Chapéus "Panamá"

LÉGITIMOS

PARA HOMENS E SENHORAS

NOVIDADES PARA O VERÃO

Chapéus "Stetson"

E
"Knox"

NOVAS FORMAS

NOVIDADES EM CÔRES

**Cavaleiros de
bon gosto**

ESPECIALIDADE EM ARTIGOS
FINOS

QUALIDADE E DISTINÇÃO

As

NOITES MAIS
FELIZES DA
CIDADE SÃO
PASSADAS



NO

"G

R

I

L

L"

DO



CASINO
COPACABANA

CURIOSIDADES DO BRASIL



QUAL É A EXTENSÃO DO AMAZONAS ?

O Amazonas é o maior dos Estados Brasileiros em extensão territorial, atribuindo-lhe muitos geógrafos a superfície aproximada de 1.900.000 quilômetros quadrados. Qual seja exatamente essa superfície ainda não foi possível calcular, por penderem de solução algumas controvérsias sobre limites. Enquanto tais questões não forem definitivamente resolvidas e demarcadas as linhas divisorias, só por estimativa poder-se-ia chegar a um resultado necessariamente falho e sujeito a retificações de grande vulto. A Comissão da Carta Geral do Brasil de 1873, encontrou para o Amazonas a superfície de 1.897.020 quilômetros quadrados. Elisée Réclus avaliou-a em 1.720.000 quilômetros quadrados. Nesses números ainda figurava o Território do Acre, cuja superfície na parte perdida pelo Amazonas, sem incluir a parte cedida pela Bolívia, em virtude do Tratado de Petrópolis, é 142.900 quilômetros quadrados. Posteriormente a essas perdas, o Barão Homem de Mello e Francisco Homem de Mello calcularam a superfície do Estado do Amazonas em 1.674.987 quilômetros quadrados. Resolvidas a favor do Amazonas as suas reivindicações, a superfície do Estado provavelmente irá a 2.000.000 de quilômetros quadrados, o que lhe dará mais da quinta parte do território brasileiro.

MENNA BARRETO, O HERÓI DE PAISANDU'

O marechal João Propício Menna Barreto nasceu em 1809. Teve a primeira praça em 27 de Julho de 1820, passando a Coronel em 30 de Setembro de 1846, Brigadeiro graduado em 14 de Março de 1855 e Marechal de Campo em 2 de Março de 1864. Por aviso de 19 de Janeiro de 1858, contou tempo de serviço de 1.º de Julho de 1822, em que passou a maior, até 1.º de Maio do ano de 1832 e de 1.º de Dezembro de 1835, em que serviu como oficial da Guarda Nacional contra a rebelião do Rio Grande do Sul. Foi comandante em chefe do exército, que marchou contra Montevideu, revelando altas qualidades de bravura militar. Triunfou em Paisandú, no dia 2 de Janeiro de 1865. O marechal João Menna Barreto morreu em 9 de Fevereiro de 1867, sendo Dignatário do Cruzeiro e Rosa, Comendador da Ordem de Aviz, Cavaleiro de Cristo, condecorado com a Medalha de ouro do Uruguai e de Paisandú e foi ainda o primeiro Barão de São Gabriel.

OS PRIMITIVOS HABITANTES DO PARA'

De acôrdo com os mais recentes estudos de Martius, Ehrenreich, Steinen e Adam, o índio que habitava o território paraense, pode ser classificado em quatro grupos principais, Tupis, Caraibas, Arnaks e Tapuias. Esta diferenciação é feita sobretudo relativamente as línguas e dialetos por eles falados, havendo tribus que não puderam ser ainda classificadas, por falta de estudos a seu respeito. Ocupa-

Fernandes

OS MAIS LINDOS CHA-
PÉUS PARA AS MULHERES
ELEGANTES DO RIO

AVENIDA RIO BRANCO, 180 - Tel. 42-3322

vam o seu vastíssimo território desde os mais invios sertões, até as margens dos seus rios e costas marítimas, em uma população duplamente superior a que contamos hoje. Infelizmente a compacta massa indígena foi trucidada pelos conquistadores e evadiu-se para os outros Estados.

O SÃO FRANCISCO DO BRASIL

Joaquim Francisco do Livramento, missionário do bem, nasceu em 22 de Março de 1761, na cidade de Desterro na Província de Santa Catarina. Era filho do sargento-mór Thomaz Francisco da Costa e Marianna Jacintha Victoria, natural das Ilhas dos Açores. Desde os primeiros anos demonstrou a sua vocação para a vida eclesiástica. Tinha Joaquim Francisco dezoito anos, quando se tornou o verdadeiro homem de caridade, o tipo do benfeitor humano. Tomando um saial de lã pardo, tendo representado no peito a figura do santo cálice e da hóstia, e cingindo a cintura com uma corda, começou o Irmão Joaquim a sua peregrinação, através de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Atravessava ermos, matas extensas e sombrias, pedindo a todos uma esmola para a ereção de um asilo de enfermos. Começou a construir o seu hospital em um terreno junto à Capela do Menino de Deus, na povoação de Desterro. Havia uma roda de expostos, oratórios, botica, gabinete de consultas e uma casa para o Capelão. Tornou-se enfermeiro do seu hospital. Desejando obter um patrimônio, partiu para Lisboa e pelas suas grandes virtudes conseguiu de D. Maria I, rainha de Portugal, uma prestação anual de 300\$000. Pelos anos de 1796 a 1800, dirigiu-se à Baía, e procurou instituir um estabelecimento de instrução para os meninos desvalidos. Fundou o Seminário de São Joaquim. Enfermeiro e médico em Santa Catarina, evangelista na Baía, o Irmão Joaquim vivia exclusivamente para a humanidade. Obteve a amizade de D. João VI, quando esteve no Rio de Janeiro. Em 1809, foi a São Paulo, estabelecendo o Seminário de Itú e o Seminário de Sant'Ana. O Irmão Joaquim é uma figura luminosa de caridade, um missionário do bem, podendo ser considerado pelo seu amor aos pobres, o São Francisco do Brasil.

OS DESCOBRIDORES DO MARANHÃO

Só em 1530, é que partiu uma expedição com o intuito de colonizar o Maranhão. Dividiu-se o território nos anos de 1534 a 1535, em capitanias particulares, fazendo-se doação a povoadores particulares. Coube o Maranhão a uma associação trina, composta de João de Barros, Ayres da Cunha e Fernão Alvares de Andrade, os quais vendo malograda uma expedição que mandaram, foram obrigados a abandonar o senhorio, que reverteu à Corôa. Cincoenta anos depois do descobrimento, nova doação é feita a Luiz de Mello da Silva, que logrou melhor fortuna do que os primeiros donatarios. Missionarios e cabos de guerra tentaram penetrar pelos sertões do Ceará. Em 1593, aqui aportou Jacques Riffault, acompanhado de Des Vaux e outros franceses, que se enamoraram da terra e conseguiram a vinda de La Ravardière. A missão francesa lançou os primeiros fundamentos da cidade de São Luiz, no dia 8 de Setembro de 1612. Expulsos os franceses em 1615 por Alexandre de Moura, é nomeado primeiro capitão-mór da conquista Jeronymo de Albuquerque.

BANCO HYPOTECARIO LAR BRASILEIRO

S. A. DE CRÉDITO REAL

RUA DO OUVIDOR, 90

TELEFONE 23-1825

CARTEIRA HIPOTECÁRIA — Concede empréstimos a longo prazo para construção e compra de imóveis. Contratos liberais. Resgate em prestações mensais, com o mínimo de 1% sobre o valor do empréstimo.

SECÇÃO DE PROPRIEDADES — Encarrega-se de administração de imóveis e faz adiantamentos sobre alugueis a receber, mediante comissão módica e juros baixos.

CARTEIRA COMERCIAL — Faz descontos de efeitos comerciais e concede empréstimos com garantia de títulos da dívida pública e de empresas comerciais, a juros módicos.

DEPÓSITOS — Recebe depósitos em conta corrente à vista e a prazo, mediante as seguintes taxas: CONTA CORRENTE À VISTA, 3% ao ano; CONTA CORRENTE LIMITADA, 5% ao ano; CONTA CORRENTE PARTICULAR, 6% ao ano; PRAZO FIXO: 1 ano, 7% ao ano, 2 anos ou mais, 7 1/2 ao ano; PRAZO INDEFINIDO: Retiradas com aviso prévio de 60 dias, 4% ao ano e de 90 dias, 5% ao ano; RENDA MENSAL: 1 ano, 6% ao ano; 2 anos, 7% ao ano.

SECÇÃO DE VENDA DE IMÓVEIS — Residências, Lójas e Escritórios modernos: a partir de Rs. 55:000\$000. Ótimas construções no Flamengo, Avenida Atlântica, Esplanada do Castelo, etc. Venda a longo prazo, com pequena entrada inicial e o restante em parcelas mensais equivalentes ao aluguel.

ENCARREGA-SE DA VENDA DE IMÓVEIS



PARA este momento delicado que é a escolha de um presente, Mappin & Webb já organizou a sua variada exposição, pensando pelo sr. durante o ano inteiro. A preocupação da escolha de um presente condigno fica assim resolvida por Mappin & Webb.

Em nossa loja o sr. encontrará funcionários dedicados que o ajudarão na escolha da sua lembrança. Deixe a cargo de Mappin & Webb esta difícil tarefa. Lembre-se que Mappin & Webb serve a Casa Real Inglesa.



Um presente sempre bem recebido é uma linda bolsa de crocodilo legítimo.



Um relógio-pulseira é um presente que fará V. lembrado durante longos anos...

Se "ela" gosta de viajar, escolha u'a mala com estojo, de fabricação inglesa.



MAPPIN & WEBB

OUVIDOR, 100 — RIO DE JANEIRO

O SEU DIA CHEGARÁ...

Natal

LOTERIA DE

CINCO MIL CONTOS

DEZEMBRO 24

propaganda

Ch. LORILLEUX & C.

MATRIZ - RUA SUGER, 16 - PARIS



SUCCURSAES DO BRASIL:

RIO DE JANEIRO
27-29 RUA PEREIRA DE ALMEIDA
Tel. 28 2606 - Caixa Postal 1123

SÃO PAULO
31-33, Rua D. Francisco de Souza
TEL. 2 0914

A mais importante casa do mundo em
Tintas de Impressão



HELMUT

PAGINAS ANTIGAS

N A T A L

GOULART DE ANDRADE
Da Academia Brasileira

EMBORA passassem centenas de pessoas com a aparência de abastadas, ou mesmo ricas, na realidade, o pequeno vendedor de bilhetes sempre recorreu a mim, de preferência, acompanhando-me, lamuriendo e pertinaz, ao longo de quatro ou cinco quarteirões da Avenida até que me impacientasse, ameaçando-o, ou lhe comprasse então por um níquel o meu direito de livre trânsito. Méra questão de simpatia talvez... Tinha as feições miudas; os olhos redondinhos e astutos. Moreno por natureza, curtira-o ainda mais o sol, o que lhe deu à tez certa côr tirante à da oliva em conserva.

Cobria-lhe a cabeça, falhado aqui e ali pela marca das pedras, um pêlo fino e acinzentado como o dos ratos, sendo o próprio garôto um tanto semelhante a esses espertos individuos da família dos murideos.

Notava-se-lhe quanto ao mais que trazia os pés protegidos por um calçado natural de pocira e lama, tendo o corpo franzino coberto por uma roupinha de matizes neutros, bem ajustada, todavia, às fórmãs, único indicio aliás da existência de alguém que a êle se ligasse na vida.

Enquanto vendeu bilhetes, pareceu-me humilde e prudente, sendo o seu pregão queixume ou súplica dolorosa, que se não interrompia de modo algum com a recusa tácita à indiferença afetada ou a brusca ameaça.

Acompanhei-o assim inúmeras vezes durante a abordagem de vários transeuntes, vendo que ora se apartava, ora se aproximava do paciente, conforme a atitude por êste tomada ante as suas investidas.

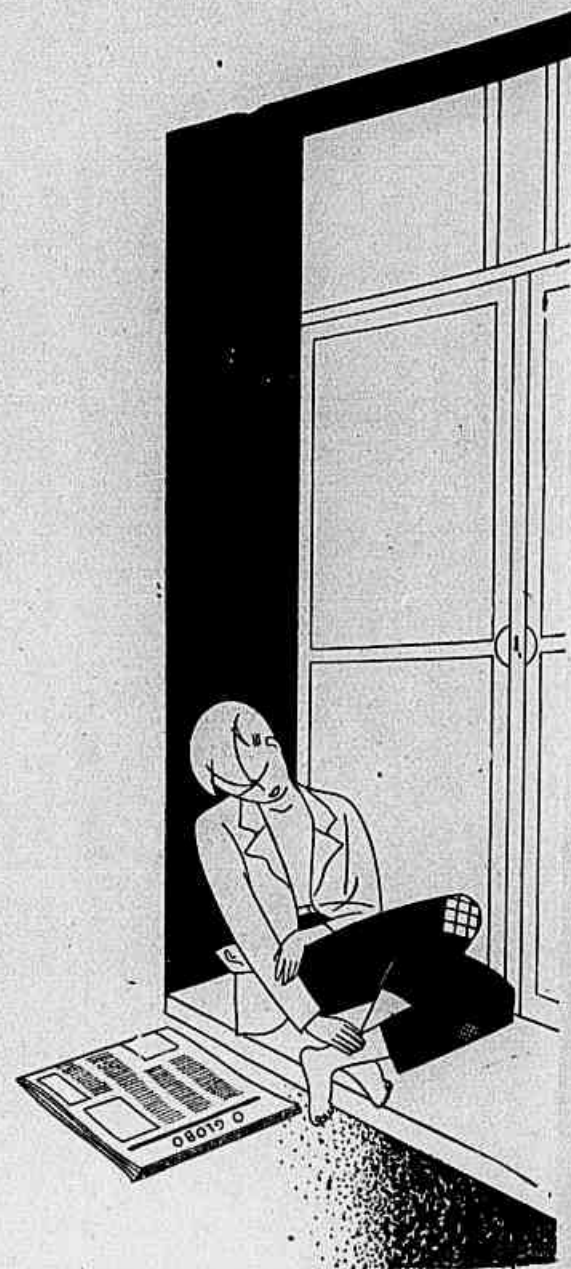
Deixei de vê-lo algum tempo, indo depois encontrá-lo já destemeroso e loquaz, maneiras sacudidas, gesto desembaraçado, réplica pronta.

Passára a vender jornais: — Influências do meio, pensei. Certa vez, não querendo comprar as gazetas que êle me impunha, disse-lhe peremptoriamente, como razão definitiva e ponto final nas negociações, "que não sabia lêr".

— Mas tem figura, moço — acudiu, de modo irretorquível, o braço para mim estirado, imperativamente.

Rendendo-me logo à agudeza do argumento, segui o meu caminho, muito conformado, a mirar efetivamente os "clichés" do jornal que lhe comprára.

Ontem, noite de Natal, ao tornar à casa entediado por um "réveillon" que nada acordou no meu coração de brasileiro, deparou-se-me a figura do pequeno camarada que dormia sobre uma sôleira, a boquinha aberta, os olhos entrechados quasi se estivessem a espiar de sosláio o claro



firmamento que nos seus olhos de menino surgia como a fronte imensa de uma árvore de Natal, em cujos galhos se prendia fúlgida e sem conta a miraculosa frutificação de grandes pomos de ouro.

Contemplei-o assim por largo tempo acompanhando-lhe o compassado ritmo da respiração, admirando-lhe a serenidade da fisionomia, quasi a sorrir!

Ocorreu-me que um bom gésto, talvez me trouxesse recompensa vultuosa e imediata... Superstição, sem dúvida.

Mas, fôsse por que fôsse, até mesmo por piedade, um tanto por bisbilhotice ou curiosidade também, o fáto é que lhe deitei sobrepticiamente no bolso uma nota de dez mil réis, retirando-me satisfeito a pensar nas cousas que aquele pobrezinho de Cristo por sua vez imaginaria, logo que desse, ao acordar, com importância tão considerável.

Prouvéra a Deus que o sofrimento não o tivesse tornado descrente, afim de que acalentasse o bom pensamento de que fóra o próprio Jesús que, por um raio de límpida estrêla, houvesse descido até ao desabrigo daquela soleira para lhe dar com que partilhasse das alegrias do seu natal.

E que lindo conto não seria a descrição das cousas imaginadas pela pobre criança, tão cêdo atirada ao léo do destino!

Ao deitar-me, porém, mergulhado o corpo na fresca maciez do meu leito, em vão tentei conciliar o sono: os nervos excitados não me deixavam dormir, assaltando-me até o receio de haver feito um grande mal áquela humilde e solitária criaturinha de Deus!...

Quem poderia saber se os seus companheiros da lida, ao conhecerem da estranha aventura, não o acusariam de furto ou não lhe arrebatariam das mãos aquilo que êle já considerava a sua felicidade?

Que mundo o nosso, Senhor! Quando será que teremos a certeza de haver praticado o bem?



Sempre na hora...

Relógios CYMA
Antimagnéticos
PRECISÃO ABSOLUTA



FOTOGRAFIA
SUL AMERICANA
RIO



*Soffre de
Surdez?*

O APARELHO
PHONOPHOR
LHE RESTITUIRÁ
A AUDIÇÃO!

PEÇA PROSPECTOS OU DEMONSTRAÇÕES

CASA LOHNER

S. A. Médico — Técnica

RIO DE JANEIRO — AV. RIO BRANCO, 133



Artigos para presentes: Lindas cigarreiras Inglesas porta chaves, cintos modernos e varios outros artigos de qualidade.

Artigos finos para montaria: Selins cravaches, sticks, esporas, Luvas etc.

Cintas para homens e Senhoras A L'Incrovable

Calçados sob medida para homens e cavaleiros, de couro finissimo e escolhido.

Artigos para viagem: Malas, pastas etc.

A L'INCROYABLE

A casa da elite carioca

Rua 7 de Setembro, 38 — Fone: — 23-3838

UM APARELHO CONSTRUÍDO PARA PESSOAS DE GOSTO ARISTOCRÁTICO

EIS um aparelho que foi construído especialmente para pessoas de gosto aristocrático: a linda Rádio-Victrola Modelo QU-7, de soberbo movel, dotada de gravador especial e equipamento para audições públicas. *Seu equipamento de rádio-recepção incorpora 20 válvulas e 8 faixas, com desdobramento de faixas para sintonização em ondas curtas; seu fonógrafo automático é de qualidade insuperável; seu mecanismo para gravar discos em casa é uma fonte de inolvidáveis prazeres e recordações.* Solicite, sem compromisso, uma demonstração prática deste maravilhoso aparelho.

RCA Victor



Peça uma demonstração nos seguintes revendedores:

No Rio de Janeiro:

WILLMANN, XAVIER & CIA. LTDA.
Rua Uruguaiana, 41

MESBLA S. A.
R. do Passeio, 48/54 (Ed. Mesbla)

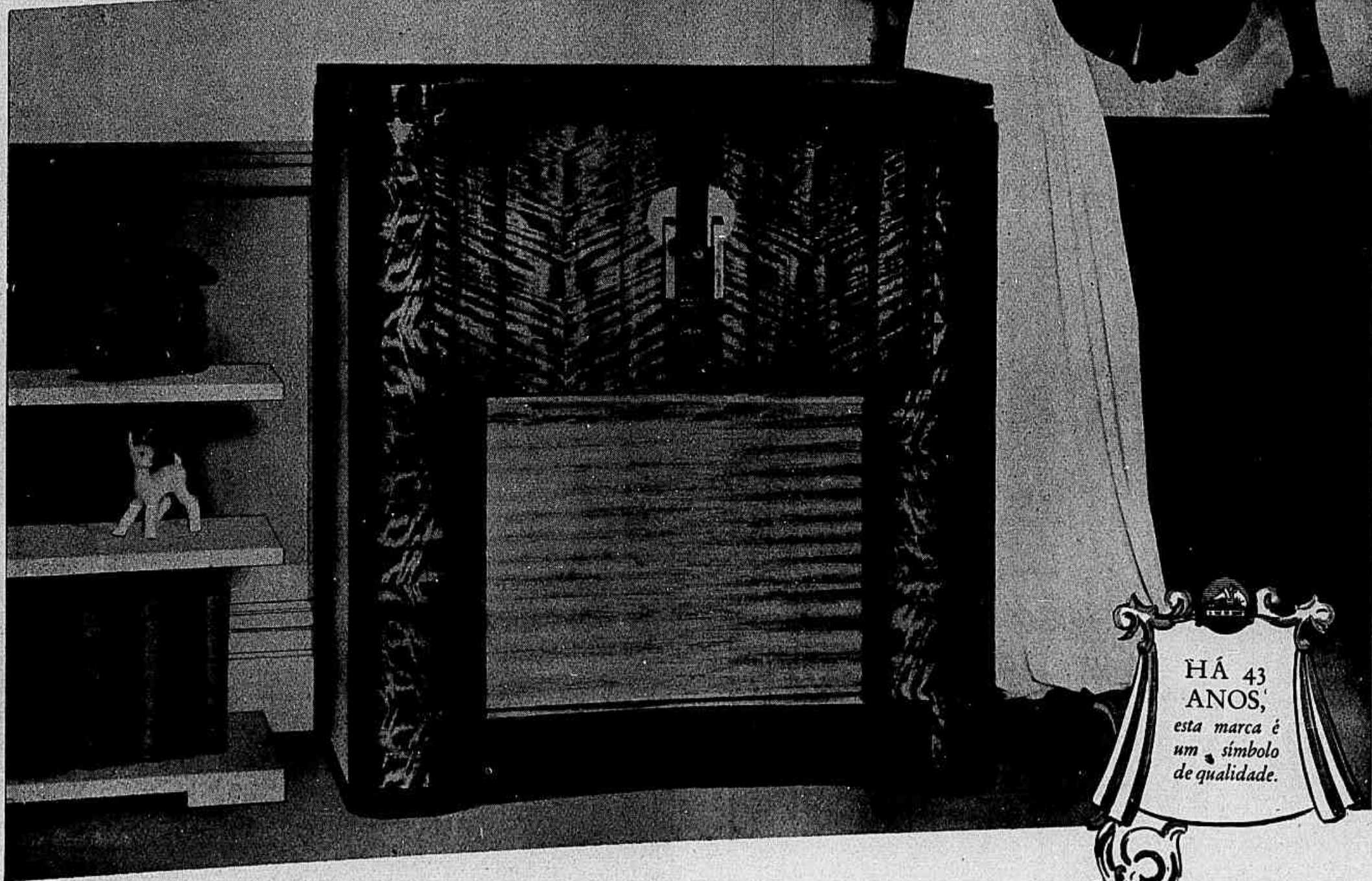
J. A. FONSECA VARGAS
Rua do Carmo, 35 e Av. Rio Branco, 38-A

S. Paulo:

CASSIO MUNIZ & CIA.
Praça da República, 309

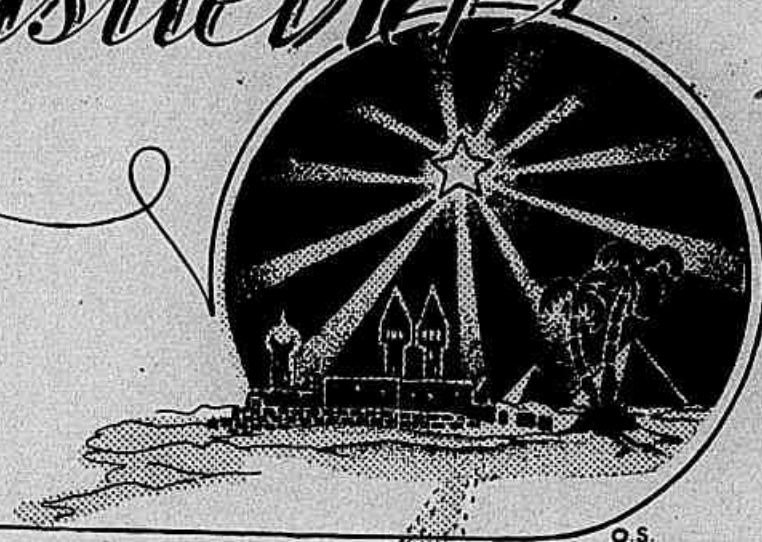
Porto Alegre:

CASA VICTOR
Rua dos Andradas, 1212/1218



HÁ 43
ANOS,
esta marca é
um símbolo
de qualidade.

Ilustração Brasileira



NATAL!

PAUSA que se faz em todas as atividades. Momento em que a gente se esquece de todos os odios e de todas as amarguras. Instante em que se perdôa, se beija e se abraça. Minuto culminante em que a semente da fraternidade é atirada sobre a terra, simbolizada nas parábolas de Jesus. Parece que no céu há uma claridade mais nova; nas estrelas, um brilho mais puro; no sol, uma luz mais viva; no azul do céu, uma cor mais terna, no próprio ar uma melodia distante... A passarada canta e os homens cantam. E' o canto de Natal, o canto universal da solidariedade humana, o canto que vai do coro das igrejas aos campos de batalha. E' o canto todo poderoso, o canto capaz de unir, embora por um momento, numa tregua de hostilidades, até mesmo duas fronteiras inimigas...

Não há, então, bombardeios no céu, nem canhões que disparam sobre terra. Tudo é prece no milagre da fé...

No dia de Natal não há homens maus, porque há um clarão de solidariedade cristã na alma de todos os mortais!

RUBENS

E O MISTÉRIO DO NATAL

UMA das festas mais graciosamente comoventes do ano é o Natal. Na sua evocação singela e campezina arrebanha uma revoada de sentimentos juvenis, atrela, às nossas auteras preocupações, um cortejo festivo e alegre de esperanças, de vivaz comunicabilidade como se cada um, realmente, fizesse anos naqueles dois dias jubilosos. E desde os anos infantis até à velhice, todos nós esperamos, tocados de embaladora e misteriosa emoção, o *nosso presente*, a visita invisível, mas evidente, do nosso *Papá Noel*.

Ao que se sabe, o Natal não apareceu na aurora do Cristianismo. Só pelo século IV, e depois do triunfo da Igreja, êle se mostra no seu tocante encanto. Mas com os dons rústicos e pitorescos de uma simplicidade aldeã, no que se veio a chamar presépio, somente no século de São Francisco de Assis, e por êle creado, é que temos a poesia bucólica da Natalidade.

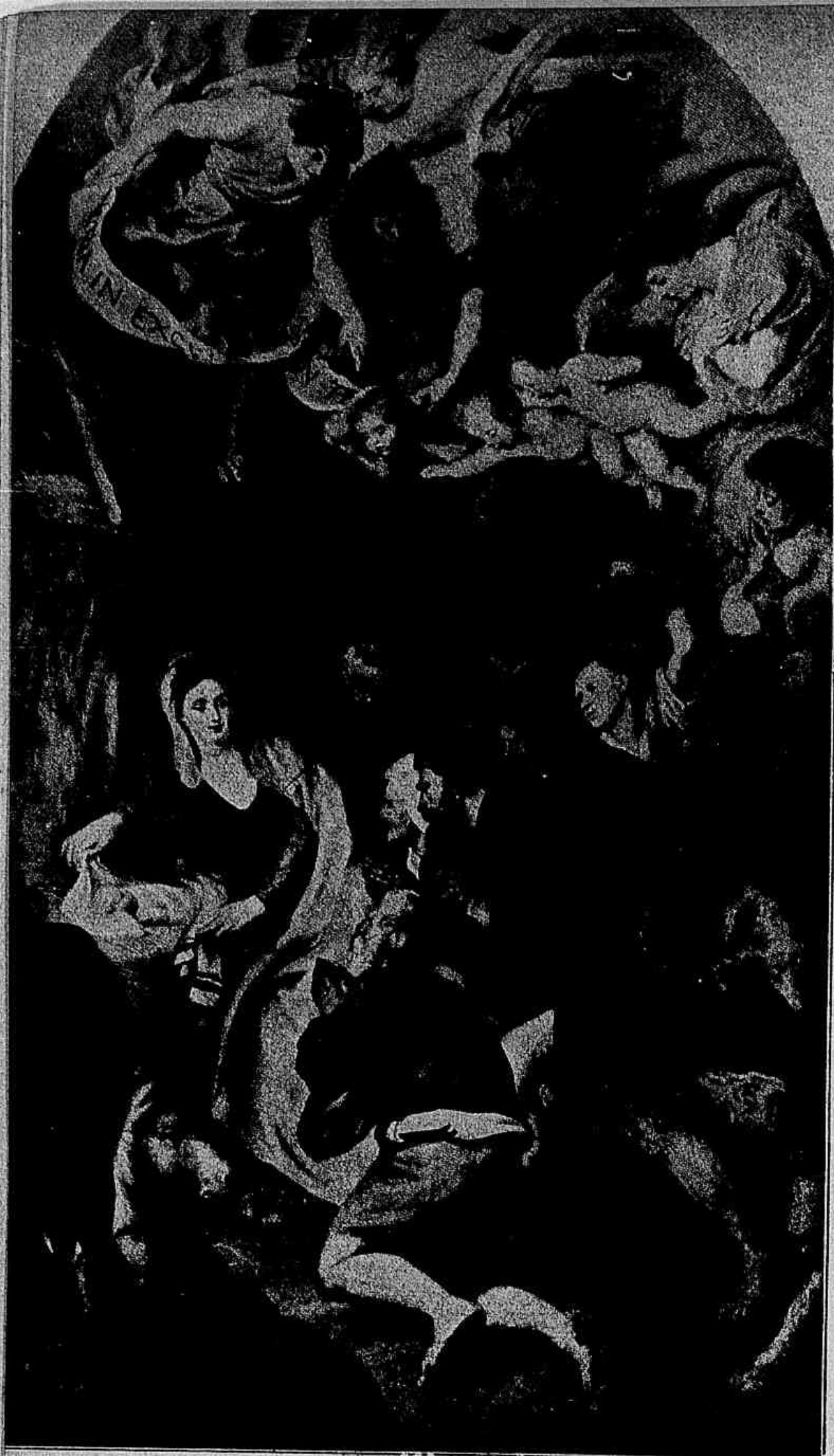
A composição da cena, nela mesma, é rica de elementos plásticos e coloridos. O contraste que se acentua entre a rusticidade bucólica e a realidade divina do Menino, os atos posteriores da adoração dos Pastores e dos Magos, o próprio ambiente em que se desenrola o mistério da Natalidade, todos êsses fatores são fecundos em motivos estéticos tanto para a

pintura, propriamente dita, como para a variante e liberdade da composição decorativa.

Aliás, tem sido o tema mais enriquecido pela arte, entre as cenas do Novo Testamento. E cada artista procura caracterisar na vulgaridade dos elementos que compõem o conjunto cristão — dados e aspéctos nativos de seu país. De tal sorte, o Natal é realmente uma festa universal, segundo os próprios documentos iconográficos, se não fosse de fato, pelo sentimento geral da Humanidade.

Assim Botticelli, Rafael, Corregio, Fra Bartolomeu, italianisaram-no, enquanto Memling, Rembrandt, o neerlandesam, e Dürer o germanisa, ao passo que Velasquez e Murillo o hispanisam.

Mas nenhum desses mestres atinguu com tanta liberdade e riqueza interpretativa, o Natal de Jesus, como Pedro Paulo Rubens.



"Natividade" — Rubens (Munich)

"Adoração dos Magos" — P. P. Rubens (Museu do Prado — Madrid)



FLÉXA RIBEIRO

PROFESSOR CATEDRÁTICO DA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES

A abundância feliz da pintura do mestre já estava, de sua natureza, a indicar como êle veria o episodio bíblico. Além disso, a facilidade prodigiosa do genio na composição, logo o levaria às mais imprevisas e inéditas paginações daquele Mistério. Nenhum outro artista jamais deixou obra tão copiosa como o mago de Antuerpia. De sua produção, classificada há 2.062 quadros.

Numa vida de 63 anos (1577-1640), e sabendo-se que começou a pintar aos 20 para 21 anos, logo temos 42 quadros por ano, mais ou menos 5 por mês. E se atentarmos à larguesa dos temas, ao impetuoso do pincel, à exuberância, à riqueza dos motivos ornamentais, chegaremos ao espanto e à surpresa, quase duvidando de sua possibilidade...

Mais de 15 vezes o tema do ciclo do *Menino e a Virgem* o tentaram. E' de toda evidencia que nunca tocou a um transbordamento de inspiração, como na *Adoração dos Magos*, do Museu do Prado (T. 3, 46 x 4,88). A composição é completamente livre: as massas tendem a formar o Y que lhe era familiar; no alto do eixo transversal voam, num par, dois Amores. Na esquerda baixa, como num ponto excentrico, o Menino se inunda num cacho de claridade. Mas a luz, um pouco convencional, viaja pelas dominantes do quadro numa luminosidade entornada de festa e de contagio tumultuoso.

Na direita alta, numa atitude de espectador airoso, destaca-se o próprio pintor. Ao centro, no movimento es-



"Adoração dos Reis Magos" — Rubens (Museu de Anvers)

trutural da anedóta; desenvolve-se com fausto e opulência, em três tonicas solidas, o desfile dos Reis Magos; um já está perto do Menino no ato votivo da oferenda mística.

Junto ao pedestal de uma coluna jonica romana, a Virgem e S. José, banhados pela luz que flue do Menino Deus, parecem afastar-se para que a cena atinja ao total e empolgante desenvolvimento. No fundo, emergem da meia sombra luminosa, as cabeças curiosas dos dois camelos ofegantes e vivazes que já haviam figurado na famosa *Adoração dos Magos*, do Museu de Antuerpia, e que é o de 1624. Aliás, esta *Adoração dos Magos*, composta 11 anos antes da do Prado,

possue o prestimo, além da magnificência ornamental, de ter sido obra exclusivamente pintada pelo mestre, sem nenhuma ajuda dos discipulos.

Pois foi encomendada por Matheus Iraselius para o altar-mór da Igreja de S. Miguel (hoje no Museu de Antuerpia).

Em todas as suas criações sôbre o tema da Natalidade e seus complementos, encontramos Rubens com a mesma *verve*, o mesmo largo espirito de inventor ornamental, exaltante o assunto, no delirio de sua imaginação plástica, a um esplendor inolvidavel. Talvez tenha sido êle o único que traduziu, realmente, o sonho de todos nós...

PAPAAI

A cena representa uma sala de jantar de família mediana, em torno de cuja mesa sentam-se os pais e os filhos, alguns na juventude, outros ainda crianças. Próximo, vê-se ao lado, uma "árvore" de natal, carregada de luzes e de dons...

O PAI, 50 anos, bem posto, ainda sem cabelos brancos, tomando à palavra, falando para todos.

Não cremos hoje, nem mesmo os pequenos, no Papai Natal; mas cremos, ou esperamos, os presentes dele... Essa função benemerita de dar foi o que ficou, de Papai Natal...

CECILIA, 6 anos, menina esperta e espivitada.

Hoje é um dia em que nem as mulheres deviam falar... Era só esperar os presentes... Olha para a "árvore" cubiçosamente.

A MÃE, 35 anos, bela senhora, elegância bondosa.

Ainda não é hora, minha filha. Advertindo. Seu Pai está falando...

O PAI:

Como a meia noite tarda e as crianças dormem mais cedo... os presentes não vão demorar... **Outro assunto.** Nossa religião é a de um Deus, que, todos os anos, renasce: criança no presepe, adolescente entre os doutores, missionário; depois a paixão, a cruz, a morte, a ressurreição... Antes de renascer é substituído nos lares cristãos por um santo velho bemfazejo, que, por Deus, dá a cada um o seu desejo. É o que vai acontecer aqui. **Ordenando.** Os pequenos podem ir à "árvore" buscar o que lhes coube... Podem ir! Os pequenos levantam-se da mesa, em algazarra, como para devastar a árvore.



NATAL

AFRANIO PEXOTO
DA ACADEMIA BRASILEIRA

A MÃI atemorizada, receiosa de conflitos e atropelos.

Esperem, esperem, eu vou com Vocês...

Os pequenos esquadrinham e investigam tudo... Leem os endereços.

Vozes — Para Cecilia! Para Francisco!

UMA VOZ

Mamã, você tem também... Olhe aqui, neste envelope... Não é do Luís...

OUTRA VOZ

Isto é meu! Uma caixa grande... É o maior! deve ser uma boneca!

AINDA OUTRA VOZ

Eu tive uma bicicleta.

OUTRA VOZ AINDA

E eu, um automovel!

As crianças, em vozaria, vão ajuntando suas prendas. A MÃI, solícita, vai achando e distribuindo. Os pequenos contam...

UMA VOZ

Eu tive mais do que você!

OUTRA VOZ

Eu não achei ainda todos os meus...

AINDA OUTRA VOZ

Os grandes tem menos... Olhe o de Laura: um embrulhinho de nada!... e o de Rodrigo, um envelope!...

LAURA, mocinha de 17 anos esbeltos e graciosos, levantando-se

Quero ver o meu embrulhinho!

A MÃI, estendendo-o

É tão pequeno...

A rapariga abre, sofregamente e encontra dois anéis de aliança. Confusa, marchando para beijar o PAI, LAURA com lágrimas nos olhos

Papai... Como Papai Natal é bom!

O PAI disfarçando a emoção, para o noivo de LAURA

Vá ver o seu, Rodrigo...

RODRIGO, um rapaz forte e desempenado recebe da MÃI, futura sogra, um envelope, que abre, retirando um papel.

LAURA aproxima-se e lê o papel

Papai Natal avisa sairá amanhã, nos jornais a nomeação de 2.º secretário de Legação... O par de noivos olha-se, em êxtase. Dizem-se algumas palavras em voz baixa. Dirigindo-se ao PAI

Papai... Rodrigo quer beijar-lhe a mão...

O PAI comovido

Que ele beije a tua, minha filha!

A MÃI estendendo um envelope ao filho mais velho, já um rapaz, com o seu bigodinho incipiente.

Não tens curiosidade, Luís, de ver o que te coube?

LUÍS

Papai Natal é camarada... Sabe o que quero... Abrindo e lendo

O. K...

OS IRMÃOS

Que é? Que é?

Diga!

LUÍS

Uma viagem aos Estados Unidos... para estudos... para o que der e vier...

Abrangendo a MÃI.

Também eu fui contar o meu desejo a... Mamã! Nata!

Riem todos. Os filhos, e m bevecidos examinam as prendas recebidas pelos pequenos.

O PAI, reclamando atenção, batendo palmas, aos filhos

Perguntem, agora a Mamã, o que houve para ela...

A MÃI surpresa e risonha

Há também, para mim?!

O PAI mostrando

Lá no tópo da árvore...

A MÃI tirando e abrindo o envelope, comovida

A casa... esta casa, em que passamos o verão há tantos anos... é nossa, finalmente!

O PAI, contente

Leia, leia o resto...

LAURA aproxima-se e lê

"Podes agora fazer obras à vontade... Pobre casa!" **Comentando**

Papai Natal é engraçado... A casa agora é que vai ver...

A MÃI, comovida, aproxima-se do marido e, silenciosamente, beija-o na testa

E tu, não tiveste nada?

O PAI

Tive mais do que Vocês... A felicidade de vê-los contentes...

Refletindo alto. A felicidade é o bem que se faz, sem dever, sem pedido, sem retribuição...

A MÃI aproximando, à meia voz, só para o marido

A retribuição virá... Depois da missa do galo! **Um olhar mútuo de ternura troca-se entre os dois...**

CECILIA, esperta e repreensiva, com o dedinho para O PAI

Papai Natal, Você está namorando a minha Mãe... **Risos.**

Acta est fabula o sino toca para a missa do galo...



Natal na poesia Europeia

"Noëls" são essas velhas canções de Natal, conhecidas em toda a França, onde cada provincia tem a sua própria. As da Bretanha diferem das das Ardenes. As da Ile-de-France em nada se parecem com as de Châlons-sur-Marne. Em geral, de autores anônimos, impregnadas das cores locais das regiões às quais pertencem, elas respiram a mesma alegria ingênua que se exprime melhor neste refrão animado:

Noël! Noël!
Sur terre on danse, on rit au ciel.
Noël! Noël!

A tradição francesa exige categoricamente que se cante no Natal conforme dizem estes versos:

Quiconque bon Français sera
Point de chanter ne se feindra
Noël à grand'gorgée;
Et son bien lui croistra
Tout le long de l'année.

Veem de longe essas canções francesas dedicadas ao Natal. Desde o XIIº Século, nas catedrais da França, durante a missa do galo, incluía-se no texto latino um canto francês e, às vezes, ao sub-diácono encarregado do canto latino respondiam dois meninos do coro em versos franceses.

Os Franceses acreditam mesmo que as canções de Natal foram inventadas em França — o que, parece-me, não é exato, pois nós as encontramos na maioria dos países europeus, porquanto quem diz Natal diz poesia.

Por que o Natal, como nenhuma outra festa religiosa, ou data comemorativa, instituída por um Estado, se reveste desse caráter particular, que convida a cantar, que troca a realidade pela imaginação, a prosa pela poesia? O Natal representa o nascimento de Christo e o primeiro raio da esperança, é a alegria das crianças e a reunião íntima de toda a família, é o prazer de receber presentes, o máximo contentamento de fazer dádivas, é a grande árvore verde florida de bolas douradas, peçadas de nozes e de maçãs, símbolos da fertilidade, é o recanto plácido num mundo agitado pela guerra, é a crença na tristeza, a luz na escuridão, é o sol, esse sol de que fala Edmundo Rostand "sem o qual as coisas não seriam senão o que elas aparentam ser".

"Natalis invicti", data genetliaca do não-vencido, considerava-se, no calendário profano, o dia 25 de Dezembro. *Invictus* era o sol cujo nascer coincide com o solstício do inverno. Escolhendo esse mesmo dia como a data de nascimento do Christo, esse dia em que, nos países nórdicos, na



ERNESTO FEDER

estação mais fria, mais escura, mais triste do ano, o sol recomeça a elevar-se mais alto, a igreja soube fazer penetrar na festa religiosa tudo o que circunda esse dia de júbilo, de esperanças, de encantos inegaláveis. É a única festividade christã que, segundo a velha tradição do povo da Bíblia, principia na véspera, à noite, e mesmo quando as outras festas já teriam acabado.

A igreja ao Natal somente concedeu esse privilegio, como que para manter nessa festa única tudo o que a tarde e a noite lhe emprestam de misterioso e de sublime.

Dest'arte, é muito natural que a poesia se tenha assenhoreado da linda festa, composta de todos os elementos que fazem a essência mesma da arte. Em quase todos os países, os cantos de Natal mais conhecidos são canções, que o povo canta sem conhecer seus autores. Perduram anônimos os poetas que compuzeram os *Noëls* franceses e os *Weihnachtslieder* alemães:

Arbre de Noël, arbre de Noël,
Que tes feuilles sont vertes!
Tu ne verdis pas seulement en été,
Mais aussi en hiver quand il neige.

Também pairam ignorados os autores dos *Christmas Carols* ingleses, o mais celebrado dos quais começa assim:

God rest ye, merry gentlemen,
Let nothing you dismay.

(Que Deus vos dê repouso, meus senhores, que nada vos cause amargura.)

Na "Merry old England", o Natal feliz representou um parque de primeira plana, tendo sido transportado, com igual esplendor, aliás, para a América do Norte. Para os Anglo-Saxões também o Natal, mais do que

outra qualquer festa, significa a expressão da alegria de viver. Foi justamente esse caráter de bom humor natural que desagradou ao austero puritanismo que, nos meados do XVII Século, se apossou da Inglaterra e imprimiu a sua imagem em toda a vida pública. Em 1643, o Parlamento aboliu simplesmente a festa da Natividade, por julgar que não correspondia ao rigorismo rústico desses sectários. É curioso constatar que a América seguiu tal exemplo e que, em 1659, o Supremo Tribunal de Massachusetts decretou uma lei, que punia, com uma multa de 5 shillings, quem ousasse celebrar a festa do Natal.

Conhecemos mesmo o "Carnet" do juiz Sewall que, em 25 de Dezembro, anota, triunfante: "As carruagens entram na cidade e as lojas estão abertas como de costume. Algumas pessoas festejam esse dia, mas parece-me que contrafeitas, porque a plebe o profana". Esse eclipse, porém, foi passageiro. Após uma vintena de anos, o Natal reconquistou os seus direitos e, desde então, na América Artica também, tornou-se a festa mais importante e mais popular, segundo se pode aquilatar na canção "Christmas Bells" (Os sinos de Natal):

"And they welcome the dearest of
[festival times
In the western world of ours."

(E os sinos anunciam a chegada da mais linda das festas ao nosso mundo ocidental.)

Talvez seja na literatura anglo-americana que a poesia natalina desempenha o maior papel: os "Christmas Bells" de Longfellow ficaram tão famosos quanto o "Hymn" de John Milton, o "Birth of Christ" de Alfred Tennyson e o "Mahagony Tree" de Thackeray com seu popular refrão: "Em torno da velha árvore". Todo o fascínio dessa festa familiar, com todos os detalhes de seus hábitos sagrados e a cozinha cuidada, vem descrito ternamente nos romances de Charles Dickens, o pintor inimitável da vida quotidiana da era vitoriana. Um dos romances, mostrando como o encanto da festa amenisa mesmo o coração empedernido de um avarento impenitente, intitula-se "A Christmas Carol in prose" (Canção de Natal em prosa).

O imortal romancista inglês, na minuciosa descrição que faz de todas as cerimônias, dá-nos como que a poesia exterior do grande dia, iluminado, segundo Alfred Tennyson, pela "light that shone when hope was born" (luz que resplandecia quando a esperança nasceu).

(Continua na pág. 49)



A Virgem e o Menino

Escultura de Duccio —
Museu do Louvre.

A esperança do mundo

EM 1935, quando eu morava em Londres, descobri, nas proximidades de *Post Office* onde sempre eu ia à caça de livros e gravuras, duas ruas, cujos nomes me encantaram e ficaram, pela sua graça litúrgica e pela sua doçura musical, florescendo e cantando dentro da minha retina e da minha memória: *Ave Maria Lane* e *Pater Noster Row*.

Com que surpresa e enlevo me tornei seu transeúnte bemaventurado! Palmilhei, numa longa e casta delícia, as suas calçadas, indo e vindo, cima e abaixo, do fim ao começo, nos dois sentidos, namorando-lhes as casas e vitrinas, entrando em lojinhas e bazares de seu comércio exclusivamente religioso, vendo e comprando gravuras, estampas e livros ilustrados, todos sobre temas e motivos christãos.

Andando, percorrendo essas ruas de sugestão oracional, sem pressa, numa paciência devota, com os nomes sagrados, que as placas indicam num convite para os resar olhando, Londres, tão grande no seu mistério e tão misteriosa por sua grandeza, me deu, com essa carícia imprevista, o mel de uma meiguice urbana.

Pisando lento e leve, como num sonho, transitei por elas, a repetir baixinho, como se resasse, os seus nomes suaves, em que o latim de missa benzia os sons profanos da língua inglesa. *Pater Noster Row!* *Ave Maria Lane...* A aspereza final do primeiro nome (rô) desvanecia-se no ritmo epilógico do segundo, que, pela pronúncia, por linda e langue, o *lêne* se convertia num lamento de canção, ao longe...

Pater Noster Row! — dizia eu com ênfase declamatória.

Ave Maria Lane... — murmurinhava em segredo de brisa, beijo e bênção.

Voltei depois, quase sempre nas vésperas de Natal, áquele recanto de Londres, nas imediações dos Correios e da Catedral de São Paulo, não só para comprar cousas sagradas, mas também para adquirir, por minha vez, aquele arzinho de santidade londrina. E nessa segunda visita, além de resar pela vista, por sortilegio daquele poema de nomenclatura, no seu mais belo batismo, e ir bemdizendo o par de ruas de preces nominativas, tive a sorte de me tornar possuidor, por uma bagatela, de um tesouro para a minha sensibilidade: uma reprodução de labor artístico, de Harold Copping: *The hope of word*.

Fiquei de posse dessa pequena gravura, de nulo valor venal e preciosíssima pela maravilha do assunto. E meninei de contente, numa alegria alada de passarinho.

Trouxe-a carinhosamente comigo, quando voltei para o meu Brasil. E aqui a tenho, como festa dos meus olhos e reliquia do coração.

Não vale quasi nada para os outros. Mas, para mim, vale muito. Comprei-a por uma ninharia: seis pence, no máximo, se não há exagero de minha memória. Custou-me, porém, uma lágrima de ternura, que me banhou de céu!

Por ela regresso, pelo prodígio da recordação, áquele trecho musical e religioso de Londres, onde a cidade imensa se torna docemente infinita.

Mas que representa "A esperança do mundo"? Tudo numa verdade simbólica. Tudo numa alegoria inefável.

Em que tamanha esperança consiste? Encerra uma criação de arte estupendamente simples: a bondade humana integrada na bondade divina; a Terra, em suas cinco partes físicas, e as raças branca, amarela, negra e vermelha, que a povôam, definidas e sintetizadas em cinco crianças em volta de Jesus, que lhes abre os braços, as olha com amor e lhes promete o céu num olhar e num sorriso, que não são deste mundo.

A sublime presença de Jesus, entre aquela quintupla expressão da inocência humana, resume, desenha, colóre, anima e sugere a suprema candura, porque em Jesus sorri a divina esperança e nas criancinhas agrupadas se aninha a esperança humana, pois que elas definem a Terra, numa carícia do futuro e num desejo feliz de salvação, como oferta de flores a Deus em Seu filho.

Nesta obra-prima de Harold Copping floresce e perfuma o mistério da Ásia; a profunda Oceânia se abrande e acalenta; as trevas da África se iluminam; a Europa sanguinária surde na paz de um sonho nívoo e toda a força e seiva da América têm a frágil e mágica leveza de uma alma pequenina, que brinca e espera o impossível...

Nesta hora trágica, em que todo o mundo sofre os horrores superlativos da mais hedionda das guerras, em que todas as raças sangram no mais absurdo e inútil dos sacrifícios, quando a divina noite de Natal cobre cidades em ruínas, lares desertos e povos famintos, a Terra, na sua angústia, sem a alegria da inocência, porque até as crianças sofrem e se dispersam como pombas fugindo à tempestade, só tem uma esperança: Jesus.

Que Ele acolha e salve, ao menos, os pequeninos!

Neste triste Natal de 1941, o meu coração bate e sofre, sentindo a desgraça desses entesinhos martirizados, sem pão e sem lar, errando num mundo assolado pelas asas e chamas de um monstro gerado, pela maldade do homem — a guerra total deste século fúnebre e feroz.

Só Jesus poderá socorrer as crianças, salvar o nosso futuro, porque nunca, como neste instante pungente, urge o seu milagre, como última esperança do mundo.

SAUL DE NAVARRO



O Presidente Getulio Vargas quando assinava a acta comemorativa da inauguração do novo edificio do Instituto de Estiva

A passagem do 4.º aniversário da instituição do Estado Nacional, a 10 de Novembro, deu ensejo, quer nas esferas oficiais que entre a população em geral, no Rio, principalmente, à celebração de cerimónias cívicas e a demonstrações prestadas pelo proprio Presidente Getulio Vargas, e Nesta Capital a data foi assinalada por uma série de inaugurações presididas pelo proprio Presidente Getulio Vargas, e por outras solenidades, de algumas das quais fixamos aqui aspectos expressivos.

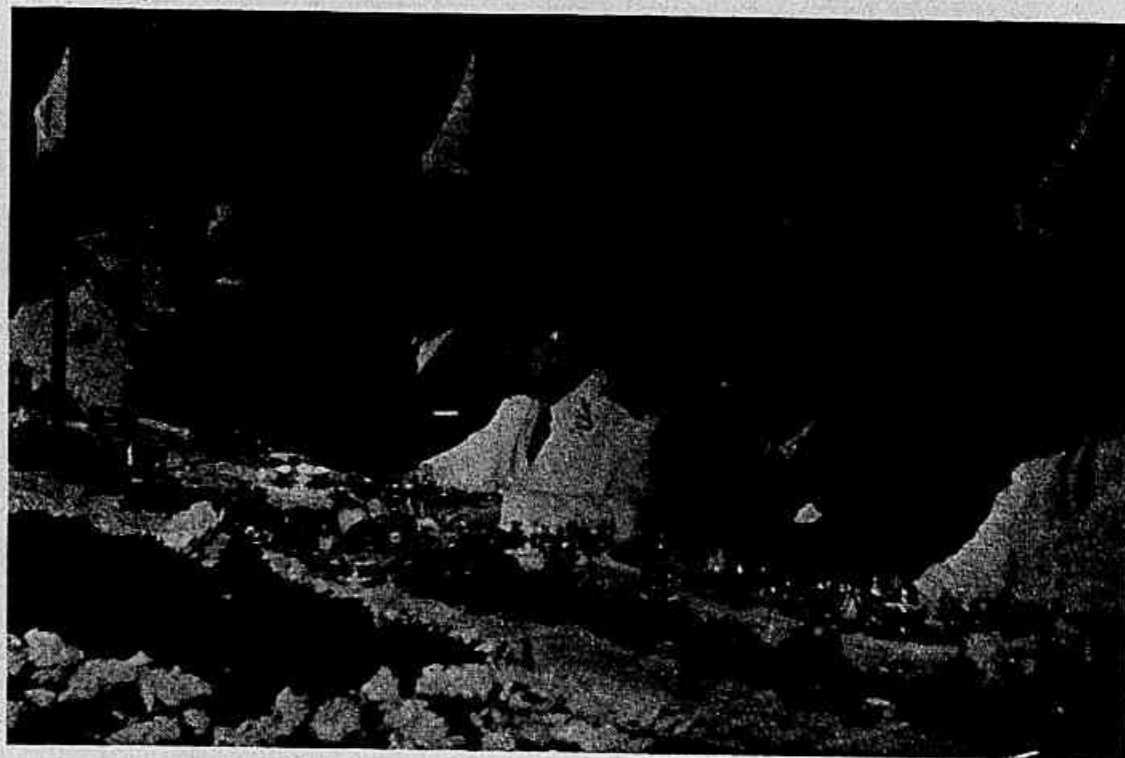


Flagrante do banquete oferecido pela Marinha Nacional ao chefe do Governo, tomado no momento em que S. Excia. agradecia a homenagem.



Flagrante da "alvorada" no Palacio Guanabara, levada a efeito pelos musicos e cantores cariocas, vendo-se o Grande Otelo e uma "baiana" quando cantavam.

AS COMEMORAÇÕES DO "10 de NOVEMBRO"

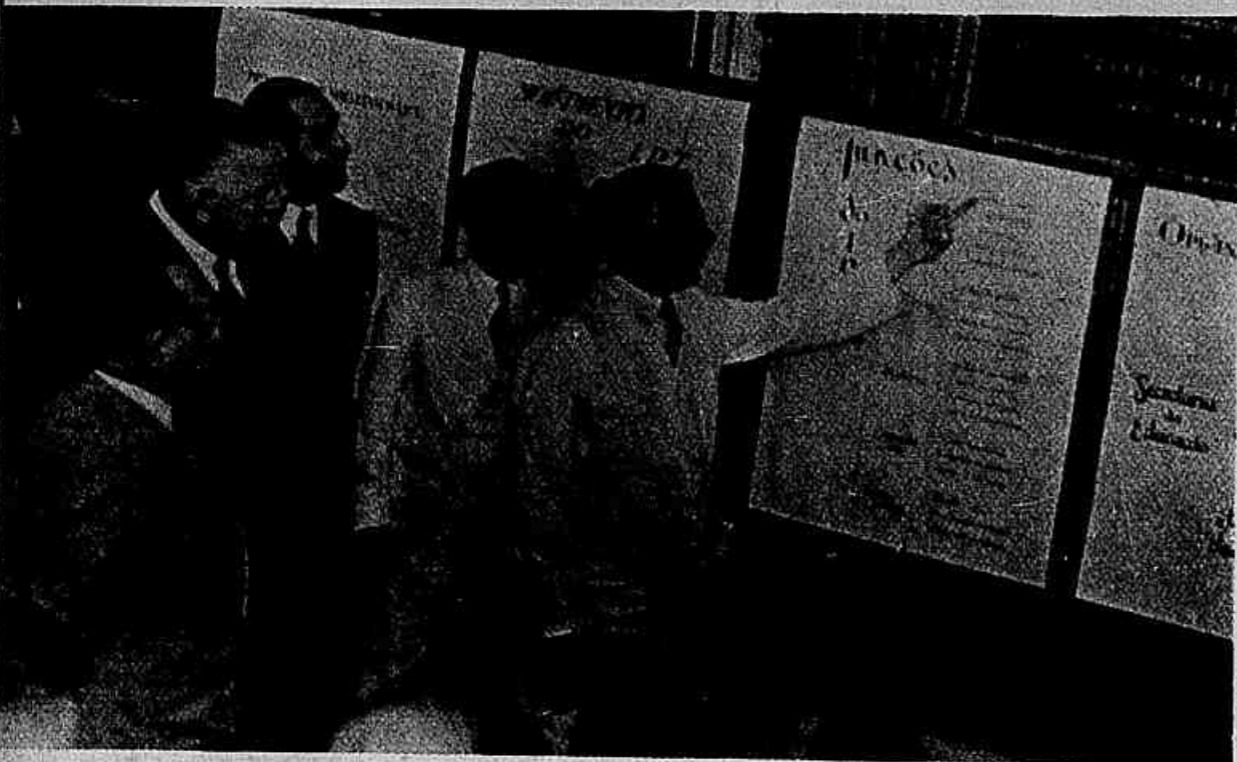


O presidente Getulio Vargas quando agradecia o almoço que lhe foi oferecido, no Palacio da Guerra, pelo Exército Nacional.

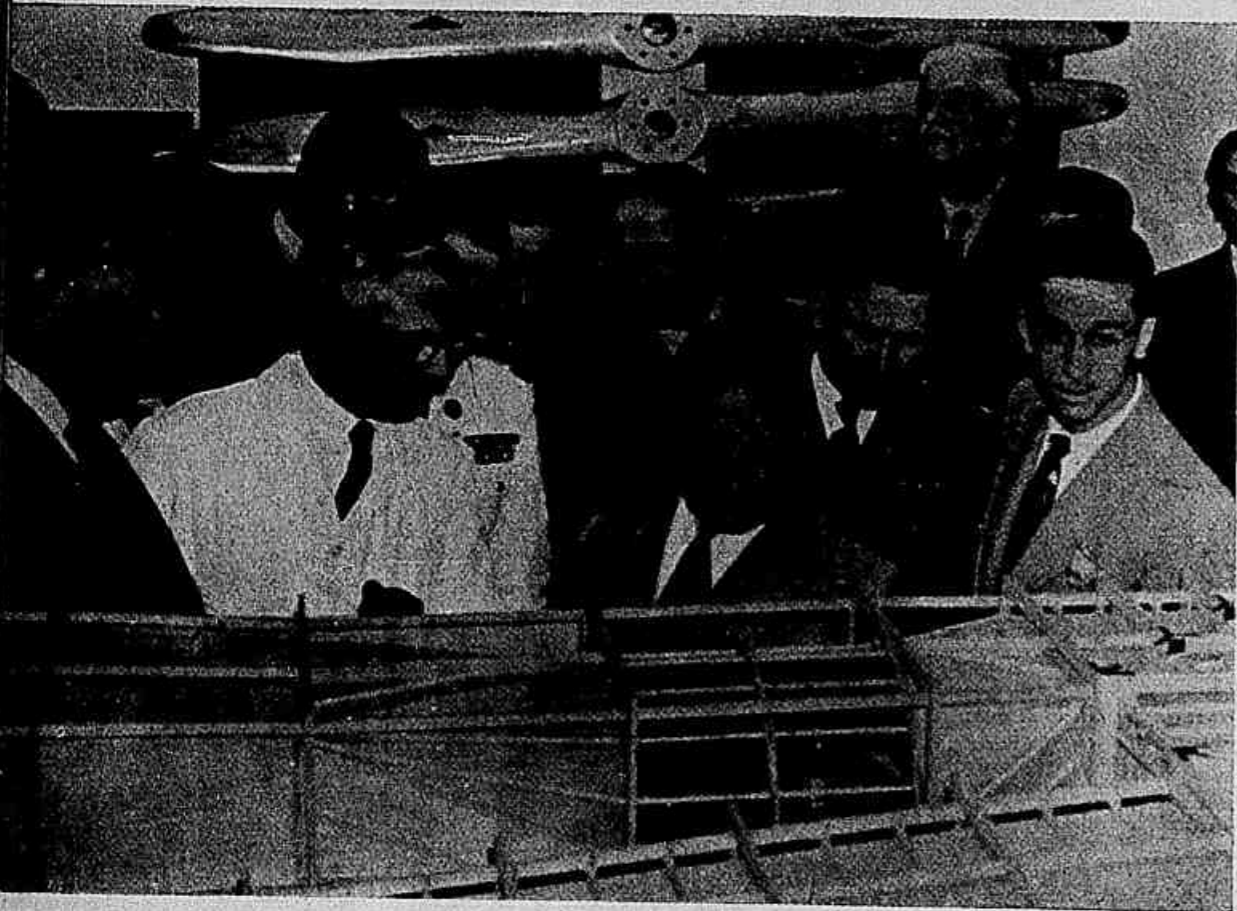
O Prefeito Henrique Dodsworth quando inaugurava o trecho inicial da monumental "Avenida Presidente Vargas".



Acompanhado do Interventor Fernando Costa e altas autoridades, o Presidente Vargas chega ao Instituto de Tecnologia.



A comitiva presidencial examinando os graficos do Instituto de Tecnologia



Na secção de aviação do Instituto, o Presidente Vargas examina o seu aparelhamento.

Aspecto do Instituto de Tecnologia, quando da visita presidencial, à cuja frente se aglomerava a multidão.



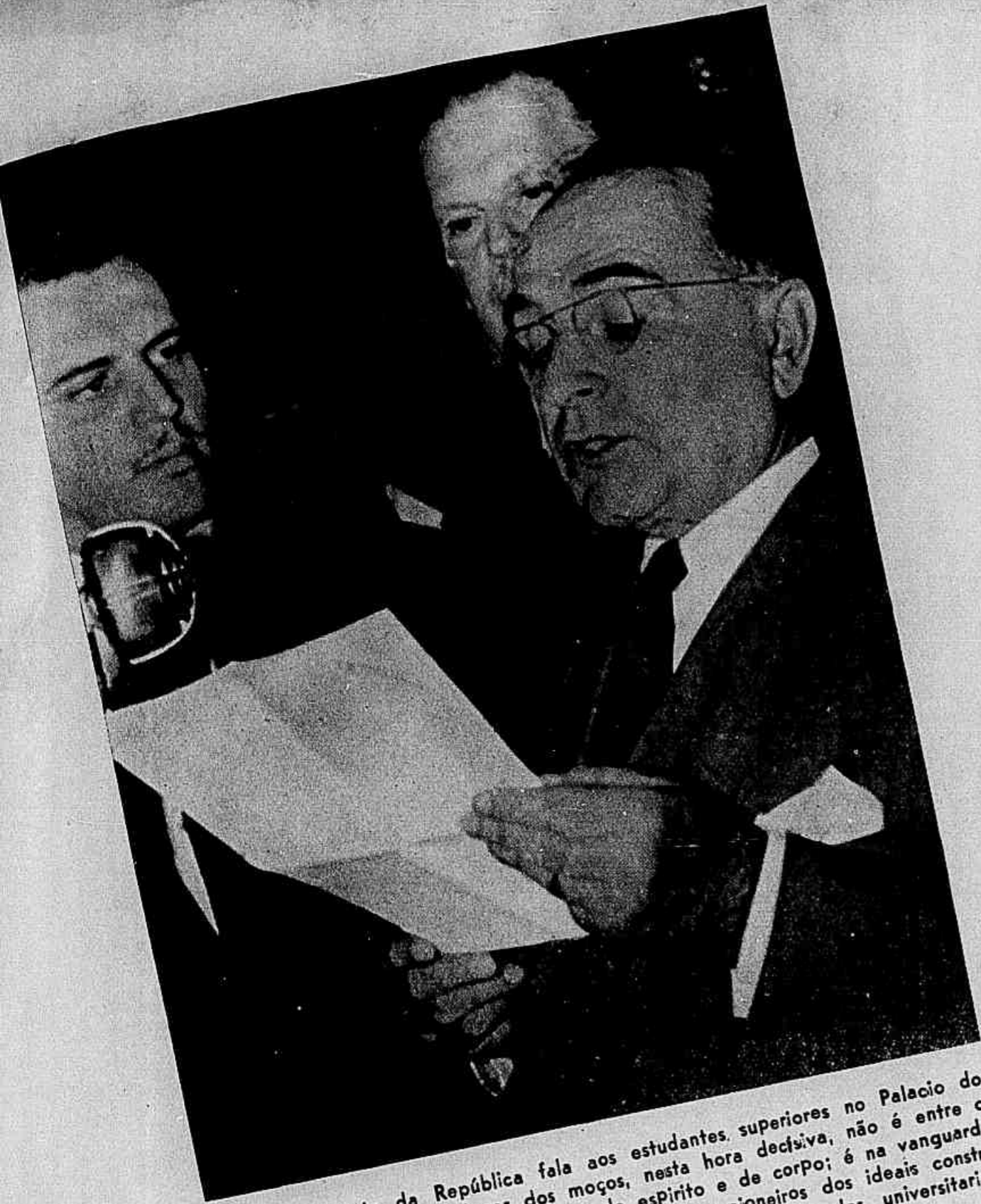
No Instituto de Tecnologia de S. Paulo, o Presidente Vargas examina o seu aparelhamento para rigorosos exames.



No recinto da 2ª Feira de Industrias Paulistas, o Sr. Roberto Simonsen, Presidente da Federação de Industrias, saúda o Chefe do Governo.

O Presidente da República quando proferia um discurso na Feira de Industrias, estudando a situação economica nacional.





O Presidente da República fala aos estudantes superiores no Palácio dos Campos Elísios. "O lugar dos moços, nesta hora decisiva, não é entre os ociosos e indiferentes, amolecidos de espírito e de corpo; é na vanguarda, na primeira linha dos combatentes, entre os pioneiros dos ideais construtivos", disse o Chefe da Nação entre os aplausos dos universitários.

O Presidente Getúlio Vargas em

São Paulo

A viagem do Presidente Getúlio Vargas a S. Paulo, embora lhe tenha permitido curta permanência naquela capital, deu ensejo a que lhe fossem prestadas inúmeras homenagens e também a que S. Exc'ia. realizasse visitas da mais alta importância, entrando em contacto com as forças vivas do progresso bandeirante, através das suas elites.

As fotografias destas páginas são flagrantes expressivos do que foi a acolhida que ali teve o Chefe do Estado Nacional.

Aspecto do jantar oferecido ao Presidente Vargas na residência do Sr. Roberto Simonsen.



O Presidente Vargas palestra com altas personalidades paulistas após o banquete na residência do Sr. Roberto Simonsen, que se vê à sua direita, de perfil.



No jardim do Palácio dos Campos Elísios, o Presidente Vargas entre os universitários paulistas que o homenagearam.



S. Exc'ia. entre os estudantes paulistas

A rainha e as princesas dos trabalhadores, que homenagearam a senhora Darcy Vargas, que acompanhou o Presidente Getúlio Vargas na sua viagem à paulicéa.





OLAVO BILAC

Da "Galeria do Elogio Mutuo"

DESENHOS DE FRAGUSTO

SENHORAS minhas, não acrediteis na calunia! Quem vos disser que o meu Alberto nasceu em Saquarema, ha vinte e oito anos, mente e calunia este bonito rapaz e este poeta adoravel. Em Athenas é que ele nasceu, debaixo do céu purissimo da Helado, que em seus versos revive.

Por lá viveu: andou pelo braço do amigo Teócrito, soprando a fruta maviosa entre os mirtais, e, em punho o cajado de pastor, abeberando o seu rebanho de cabras na agua cristalina dos rios da Grecia; sua taça de ouro, a transbordar de espumeo licor de Cós, tocou muitas vezes o ciato, que tremia às mãos cansadas do velho e gamenho Anacreonte; ouviu as sábias lições da illustre Mirtes de Anthdon; e Pindaro que a principio o amava, detestou-o depois, ciumento e irritado, quando o viu terçar galhardamente com bela Corina nos certames dos jogos píticos.

Seus versos disseram os feitos dos filhos heroicos da patria grega, como celebraram as graças das mulheres de lá.

Contam até que a famosa Lais... Adeante.

Não acrediteis na calunia, senhoras minhas: Alberto não nasceu em Saquarema. Socegae, porém: porque floresceu na Grecia centenares de anos antes de Cristo, nem por isso está velho e alquebrado; antes é o poeta mais belo de quantos amais e decorais: alto e esbelto como um Apolo de Belvedere, bigodes negros, constantemente atormentados pela mão nervosa, fronte larga e uns olhos, uns olhos...

Um dia não sei como, Alberto, desertando a Grecia, veio através dos mares e dos tempos cantar no Brasil. Veiu e sentiu-se mal: faltou-lhe quasi o ar, faltou-lhe quasi a vida; cedo porém consolou-o o esplendor da natureza da America. Daí a singular união de inspirações gregas e americanas, que seus versos traduzem: saudades do bem passado, alegrias do bem presente. Falam dos dias de outrora **O Leque, Vaso Grego, Lendo os antigos** e, sobretudo, **A agonia do Heroi**; revela-se o amor, que hoje o prende às cousas daqui, nas estrofes **d'A arvore e d'A borboleta azul**.

Mas a saudade persiste inapagavel, e, ma's sincera que a alegria, lhe punge o coração, e arrebatá para os tempos que se foram seu espirito finissimo, educado na austera correção da Arte grega. Por isto, nos versos de Alberto de Oliveira a idéa é por vezes a de um americano, mas a forma é sempre a de um grego: não diz com a beleza rude e a indomavel pujança da natureza da America esse estilo impocavel, esse dizer sem mancha, em que as palavras são medidas e passadas com o maximo escrúpulo. Porque é esta a feição caracteristica da poesia de Alberto — e — amofinem-se embora com isto os seus inimigos — sempre direi que conheço poetas brasileiros iguais e porventura superiores a este em elevação de idéias e abundancia de imaginação; mas não sei de nenhum que tenha conseguido casar tanto e tão puro sentimento a tanta perfeição de estilo.

ALBERTO DE OLIVEIRA

Por

OLAVO BILAC

Ha versos nos **Sonetos e Poemas** que mais parecem joias de ouro fino trabalhadas por eximio e paciente ourives.

N'Agonia do Heroi o apuro da linguagem é inexcelsível: não ha em todo este longo e inspiradissimo poema um verso que careça de emenda, um vocabulo que não esteja empregado em sua vigorosa e verdadeira acepção.

Fazem-lhe disto um crime: bradam-lhe que segue caminho errado, sem ideal definido, rimando futilidades e rebuscando termos exquisitos; pedem-lhe que medite e cante a Justiça, a Razão, o Direito, a Verdade, o Progresso, a Civilização e muitas outras cousas serias que se escrevem com letra maiúscula. O Alberto ouve os conselhos e as injurias, rumina o ponto, torce os bigodes, murmura de si consigo que esta vida é uma historia, e vai por diante, dando novo primor à arquitetura dos versos, assoalhando e remoçando mais um vocabulo esquecido.

Não ha desviá-lo deste caminho; e é a esta perseverança e ao seu talento extraordinário que deve a posição de Mestre que lhe reconhecem todos.

Sei de muita gente que ha de franzir os sobrolhos e rugir, com largos gestos da indignação, que isto é um desaforo, que nada mais faço que armar aos elogios dele, — elogiando-o. E' falso! Juro pelos olhos de Cleopatra e pela boca de Helena que é falso!

Verão que o ingrato é capaz de no proximo numero d'A **Semana** chamar-me feio e máu poeta. Pouco importa. Nem por tão pouco deixarei de afirmar que Alberto de Oliveira é um dos poucos artistas que sabem honrar a nossa mirrada literatua: revelou-se com as **Canções Românticas**, afirmou-se com as **Meridionais** e vingou a cumiada do renome com os **Sonetos e Poemas**.

E' um Mestre, — e não quero, para que não pareça demasiado o elogio, dizer que lugar lhe será assinalado entre os Mestres, quando vierem à estampa os duzentos sonetos de um poema ainda por rimar e corrigir, e cujo titulo não me é permitido divulgar por agora.

E' isto o poeta... Do homem, do meu adorado Alberto que poderia dizer? Direi que é um coração purissimo e um caráter immaculado. Tem o direito de se trancar a sete chaves num orgulho justissimo, e não conheço ninguém mais amável. Não sabe odiar; mas cautela... não insulteis a Fôrma!

Vive para as musas e para a família — e notai que, vivendo para a família, tem muita gente a quem dar a vida, porque conta dezeseis irmãos, quasi todos poetas de merecimento. Ainda assim, sobra-lhe coração para vos amar e servir, — damas de todas as idades, que morreis por êle, como uma certa pessoa que o adora e o tem por amigo sincero e mestre querido.

Amái-o tambem! porque a lira de ouro, que tão dócil e sentida se revela ao trato amestrado de seus dedos, é a vós que se dirige e ao serviço vosso que está.

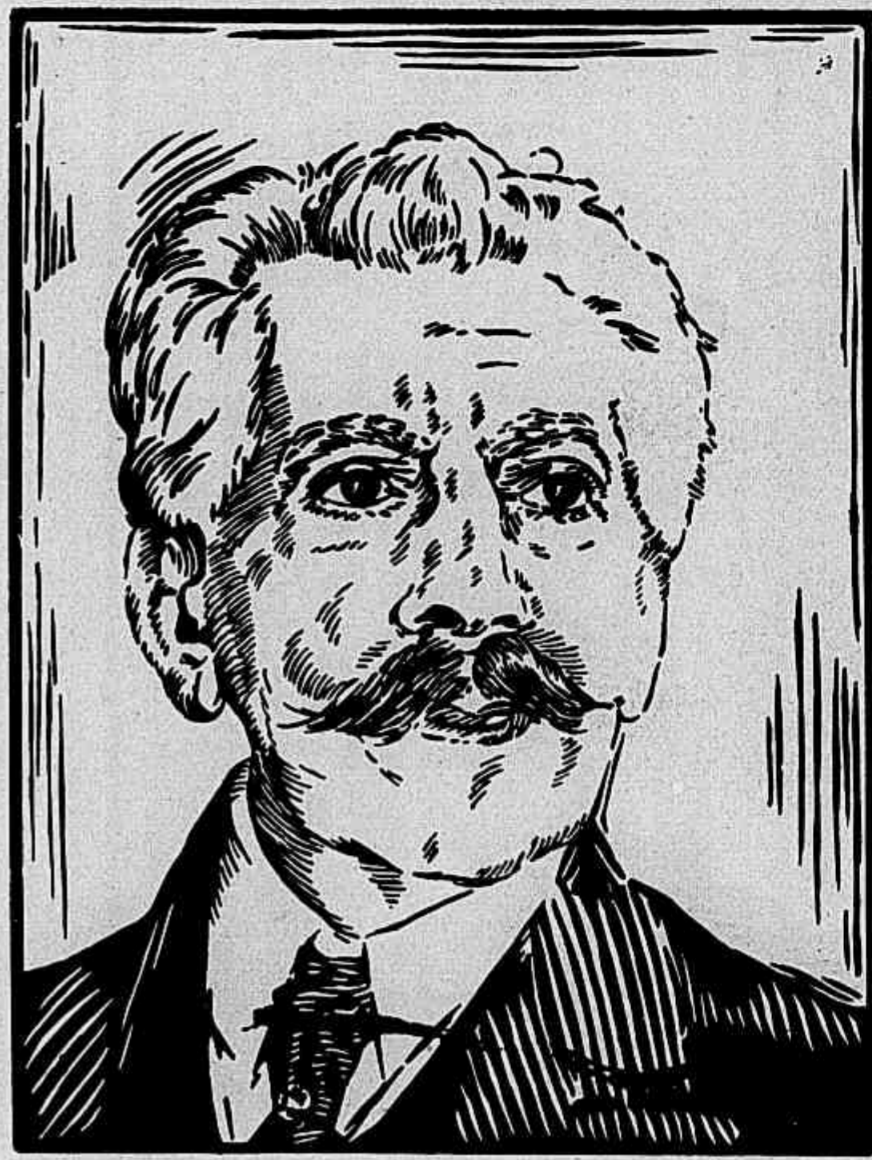


Alberto de Oliveira

ENTRE as mais curiosas iniciativas da famosa revista literária "A Semana", que o ardoroso Valentim Magalhães dirigiu, no Rio, há mais de meio século atrás, está a "Galeria do Elogio Mutuo" aberta, a 23 de Outubro de 1886, com o elogio de Valentim por Filinto d'Almeida.

A "escandalosa secção", como anunciava o bem humorado periodico, constava de biografias literárias dos escritores "incurtos na panelinha do Elogio Mutuo" e da caricatura ou retrato do biografado.

Para gaudio dos amantes de curiosidades literárias, a ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, nestas duas páginas, reproduz o elogio de Alberto de Oliveira por Olavo Bilac e o de Bilac por Alberto, estampados nas edições da "A Semana" de 6 e 13 de Novembro de 1886 com as caricaturas dos dois poetas — a de Bilac, a melhor, devida provavelmente a Bento Barbosa — e ambas gravadas, como dizia a publicação, pelo assombroso xilógrafo Alfredo Pinheiro. — FRAGUSTO.



ALBERTO DE OLIVEIRA

FOI na antiga rua da Vala (Uruguiana) que nasceu este adoravel poeta.

Era por uma manhã do dia 16 de Dezembro de 1865; cantavam as aves que elle mais tarde devia cantar, as patativas e os pintasilgos, os canários e os serradores, os coleiros, os avinhados selvagens e esse bom sabiá que por tanto tempo redobrou seus melhores gorgeios, empoleirado nas estrofes dos nossos poetas. Uma fada (contam que era Podalíria o seu nome) acercou-se-lhe do berço de recém-nascido, três vezes benzeu-se e pôs-se a tecer-lhe o destino.

— Será medico! exclamou radiosa. Grande papel lhe está reservado na ciência de Asklépios, meu pai. Será obra sua a descoberta dos micróbios do amor e outras afecções mórbidas, a cura radical das bronquites crônicas e da tuberculose em qualquer periodo. Salve! pagé do Apilacurú do futuro! Ia nisto, quando pela aberta janela, entre quatro borboletas azuis que lhe faziam com as azas uma sorte de pálio, entrou, cavalgando uma brisa do Corcovado, a mais bela mulher de que falam os Perraults e os cronistas de então. Fada tambem como a primeira, vestia-se como nunca o fizeram principes e rainhas das Mil e uma noites. Polínia era o seu nome; acercou-se, como a outra, do berço do recém-nascido e pôs-se a tecer-lhe o destino:

— Será poeta! exclamou radiosa — poeta como o foi Homero e Teócrito e Anacreonte. Cantará os heroes, cantará a mulher, cantará o amor. Será mais que Terpandro, o lesbio, que Alceu, que Arion, que Ibiacus e Stesichore, dará à lira cordas jamais ouvidas: da mistura de seus versos, como o fez Arquiloco, nascerá uma nova harmonia. Salve! tres vezes salve! Ia nisto, quando a interrompeu a primeira fada: — Muito bem! era o que faltava, vires agora inverter as minhas palavras proféticas! Quem és tu? — Bonito! tambem era o que faltava travar-me de razões contigo! Pois sabe lá que sou eu a que com oito companheiras irmãs, dança com pés de prata em coréas levíssimas, sobre as emihências do Helicon. Conheces o nome? lê Hesiodo. Prendi o forminx aos dedos dos primeiros cantores, aos aedos do ciclo homérico; figurei nos convívios pagãos, enastrando de rosas as cabeças dos efebos e citaredos; dormi com a gloria, vesti-me da purpura dos triumphadores de Ilião; fui eu quem lhes ergueu os arcos da vitória, quem o louro lhes ofertou e a palma sagrada. Sou uma das filhas de Apolo, a inspiradora dos versos de Píndaro.

Ia nisto, quando a boca da criancinha sobre quem

OLAVO BILAC

Por
ALBERTO
DE OLIVEIRA



OLAVO BILAC

tinham de se decidir tão opostos destinos, moveu-se, entreabriu-se risonha e oh! assombro! começou de desferir um punhado de versos. Era uma ode aos bravos do Paraguai; celebrava o poeta-bebê a passagem de Riachuelo, que seis meses antes, a 11 de Junho de 1865, illustrara a marinha brasileira, como o maior feito da America do Sul. Lá estava, na pompa heroica dos versos, a nossa esquadra guerreira, o Amazonas, o Jequetinhonha, o Belmonte, o Iguatemi etc. Trôa o canhão, encrua-se o combate; no convés da Parnaíba tombam tres bravos: Marcilio Dias, Pedro Afonso e Grenhalgh. Empalidece o anjo da gloria, mas logo ilumina-lhe o rosto o mais brilhante sorriso; é nossa a vitória! O Amazonas mete a pique tres navios contrarios, foge a caterva de paraguaios...

O que porem, naquela ode em botão, nos versos do recém-nato cantor, fazia ppsmar era o apuro da Forma, a excelência das rimas, o vigor das onomatopéas. Sentia-se bem que estava ali o futuro artista da Delenda Cartago.

Escusado é dizer que Podalíria, cabelos hirtos, pallida de terror, não se teve mais que não desaparecesse, como viera, sem se sentir.

E aí está a criancinha que cresce e se desenvolve, vai às aulas, troça com os camaradas, faz os preparatorios e um belo dia... entra na Escola de Medicina. Empurrou-o para lá com um puxão de oreilhas a boa da fada que teimou em querê-lo medico, ajudado, rico talvez, e Pasteur de mil descobertas.

Mas, entre uma e outra lição, entre o palrar dos lentes e a vozeria dos colegas, a musa amiga sopravalle a quando e quando um hemistiquio aos ouvidos, um alexandrino, um soneto. Resultou disto que, por seu muito talento, o menino fadado não tem sido um mau estudante, mas no que se fez e no que é verdadeiramente grande é na Poesia. Dia a dia triunfa Polínia, sedú-lo, convence-o, e elle vai arrastado com ela e por ela.

Nessa lira que todos conhecemos, encordoada como as que melhor disseram da Terra e do Ceu, da mulher e dos anjos, nesse amado instrumento que elle tão bem sabe vibrar e a que devemos o Beijo-Eterno, a Tentação de Xenocrates e o Sonho de Marco Antonio, vejamos nós, seus admiradores, um presente de deusa, vejamos a mão fidalga da musa que o serve, essa que sôbre o seu berço foi a verdadeira apontando-lhe um destino que, se não escapa à indiferença dos homens, compensa-nos de sobra na elevação de sentimentos com que nos exalça e engrandece.



Vendendo as laranjas do quintal, êle espera reunir o dinheiro da entrada.



No brilho do sapato que engraxa, êle está vendo a cara do palhaço, e suas piruetas...



— Diabo! Ninguém aparece para engraxar os sapatos...

Altas confabulações... Projetos de encher os cêstos e, esvasiando-os, encher os bolsos...



CERTA manhã a calma do bairro afastado e de gente simples é perturbada pela chegada de caminhões recobertos de lona, com jaulas cheias de animais exóticos e pelo espetacular aparecimento de um amavel elefante, conduzido por um domador que fala hespanhol e só tem um braço. Toda a garotada do bairro, numa grande algazarra, segue aos pulos o cortejo. A' tarde, os operarios iniciam os trabalhos. Os postes são fincados no centro do terreno e, logo depois, com grande emoção da criançada, que com os olhos brilhantes de alegria segue a marcha das operações, é estendido o imenso toldo "á prova de lluvia y trovones..."

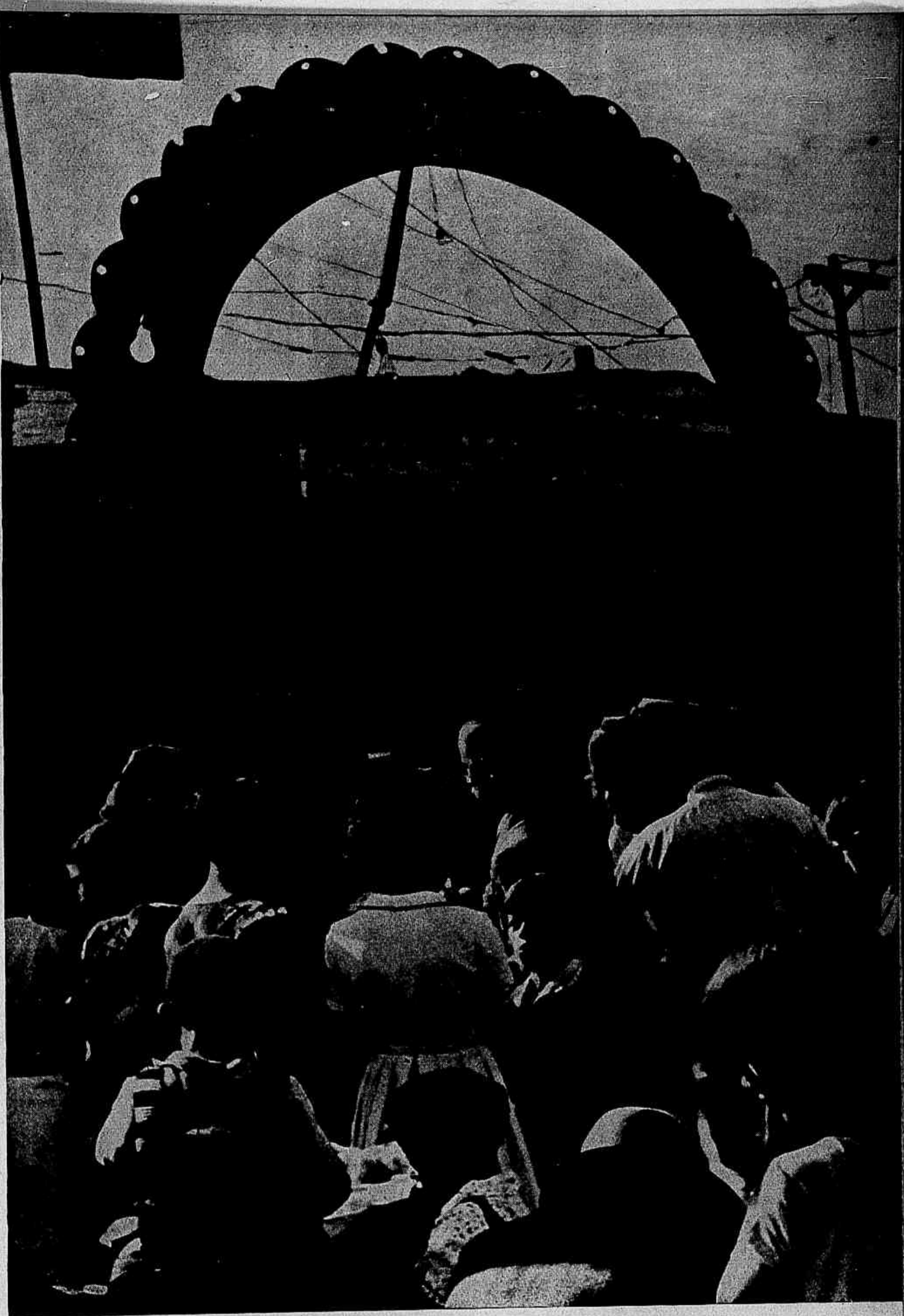
A' noite, a grande inauguração. A banda de musica, com suas marchas e suas polcas de gerações passadas, põe o bairro em polvorosa. E é com grande ner-



Já engraxeí dois pares, a duzentos réis... Mais um que venha, e a entrada está no papo...

—PESSOAL! O CIRCO CHEGOU!

E aqui está o resultado de tanto esforço e trabalho... A alegria se estampa nos semblantes felizes...



Todos se apressam, para pegar os melhores lugares... A função vai ser do "barulho"!

vosismo que os meninos que, devido á idade, não puderam assistir á função noturna, se preparam para a "matinée" do domingo.

Os cerebrosinhos infantis são assaltados por uma idéia atroz: como arranjar os seus tostões para a entrada?

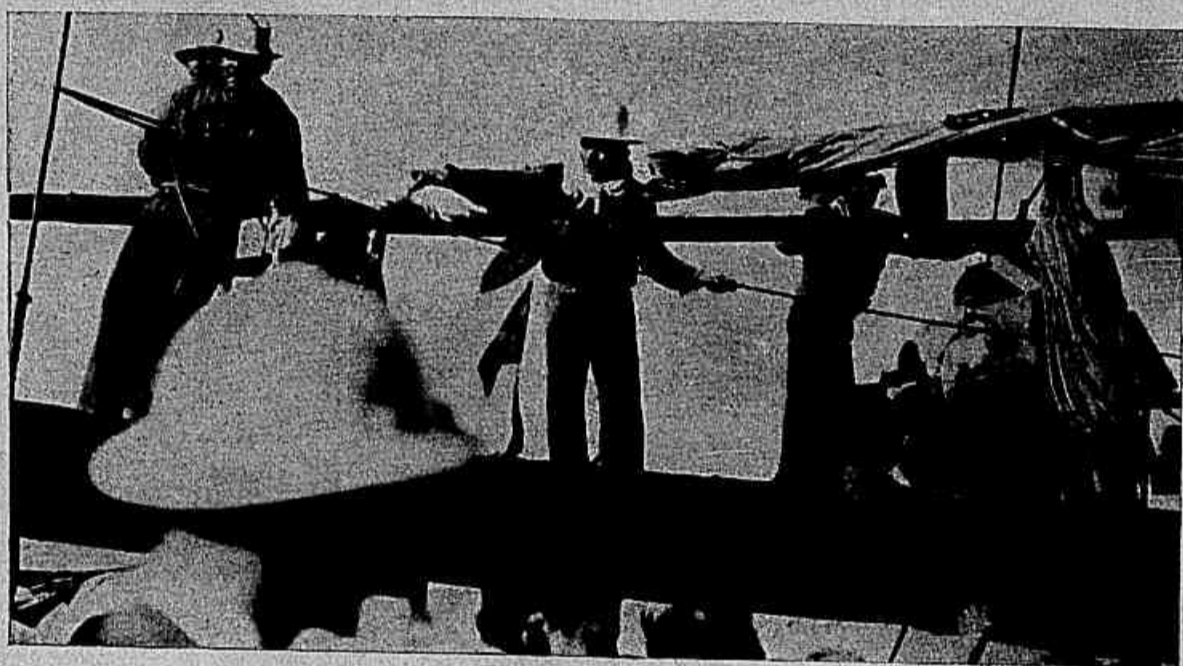
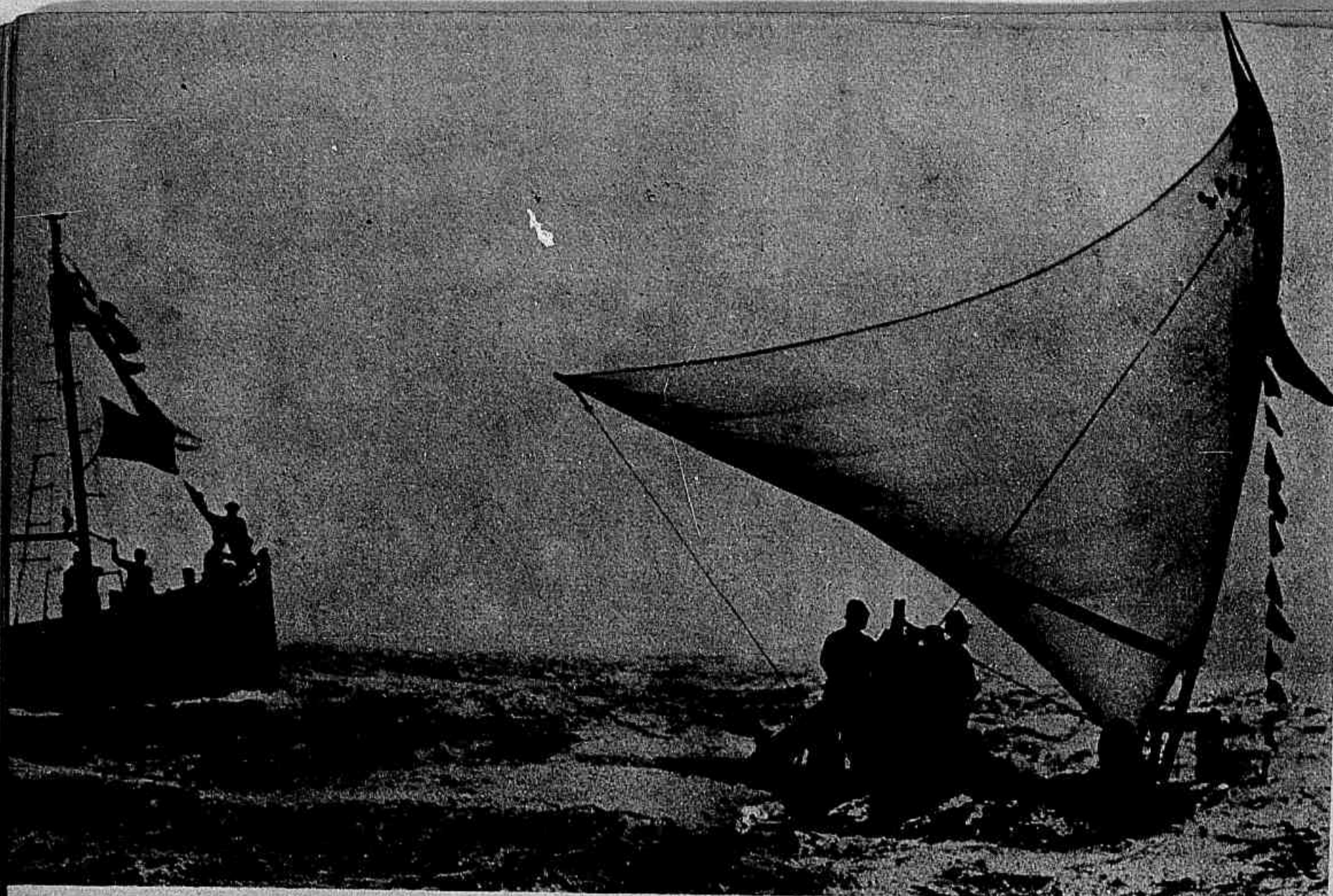
Imediatamente são postos em ação todos os recursos. Este instala uma minuscúla banca para a venda das laranjas do quintal; aquele se "estabelece" com uma rustica e improvisada caixa de engraxate e fica a roer nervosamente as unhas, á espera do freguez, e aquele outro comparece cédinho á feira do bairro.

Chega, finalmente, o domingo. Nas suas fatiotas, ei-los, com o coração aos saltos, a rondar desde cédo o circo, o palacio encantado dos seus sonhos. Começa a função! Que alegria! Que expressão de jubilo!

E no contentamento daquelas almas simples e inocentes, ha uma grande lição — a lição de que só ha verdadeira alegria na pureza e na inocencia — a pureza e a inocencia que a humanidade deixa de possuir quando começa a se tornar realmente humana.

Curioso flagrante da chegada da "S. Pedro" à Guanabara, sendo recebida por um cortejo de embarcações.

O "RAID" DA JANGADA S. "PEDRO"



Os bravos jangadeiros no instante em que a embarcação era conduzida para terra firme.



Um dos denodados marujos cearenses, tripulante da "S. Pedro", agradecendo as aclamações da multidão.



TUDO o Rio se sentiu empolgado com a façanha realizada pelos quatro jangadeiros cearenses, levando a efeito a travessia Fortaleza - Rio de Janeiro, enfrentando os maiores obstáculos e vencendo-os com galhardia.

Recebidos com júbilo pela população da metrópole, os quatro **raidmen** foram alvo de homenagens de tóda a espécie, logrando o objetivo que traziam, que era o de conseguir do Presidente Getulio Vargas, que os acolheu carinhosamente, medidas de amparo para a classe a que pertencem. Os flagrantes desta página historiam a chegada dos valentes marujos a esta Capital.



Os heróis do "raid" Fortaleza - Rio, ao serem recebidos pelo Presidente Getulio Vargas, a quem entregaram uma mensagem.

A jangada "S. Pedro" durante o percurso para o Palácio Guanabara, sobre um caminhão.



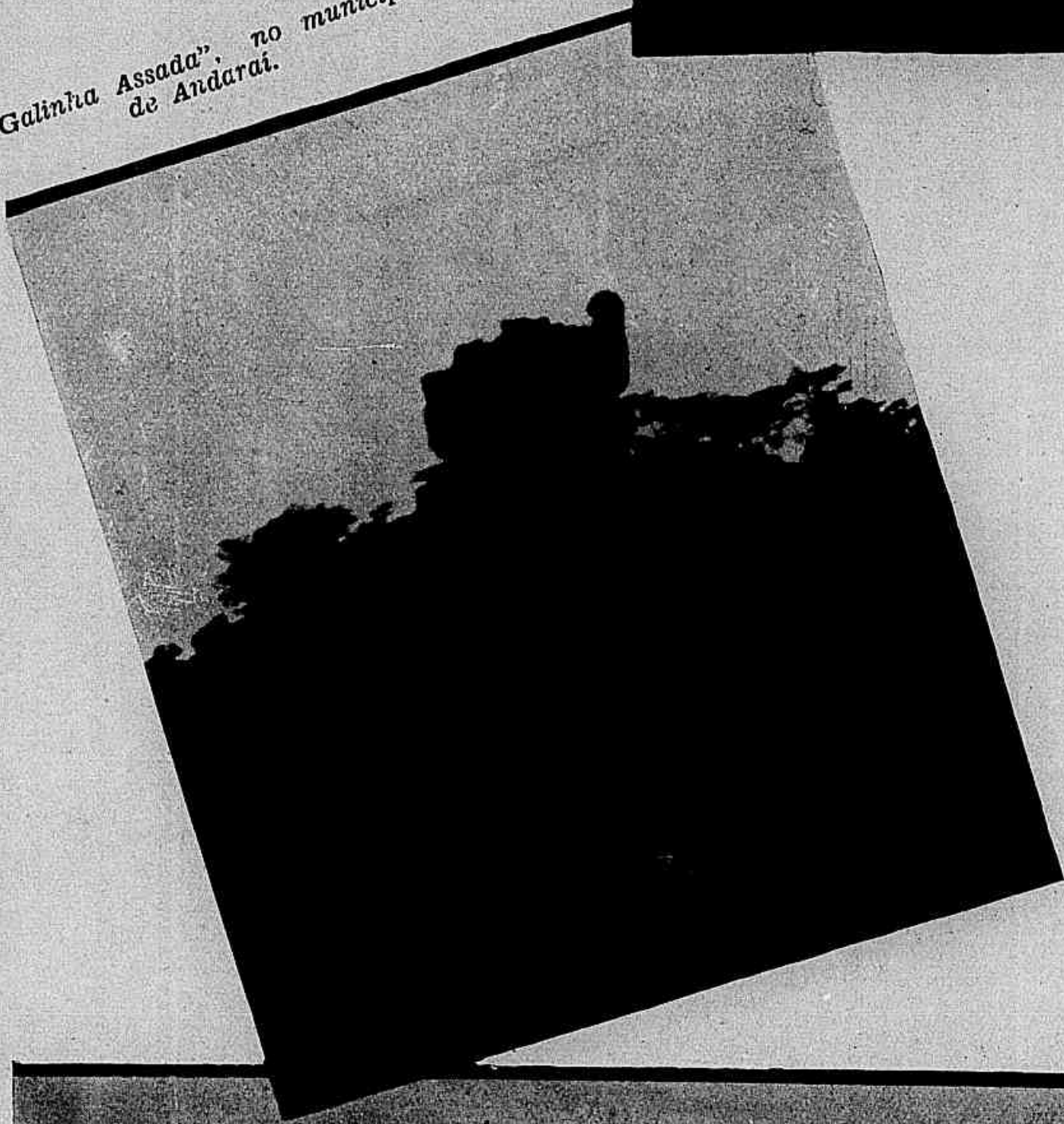
A VIRGEM E O MENINO
Tela de Calmon Barreto

CAPRICHOS DA NATUREZA



"Galinha Assada", no município de Andaraí.

"Cabeça de Passaro", no município de Gloria.



A Natureza às véses se diverte, esculpindo figuras em pedra, ela que, como um arquiteto de portentos, deixou por todos os cantos os maravilhosos anfiteatros das montanhas.

Algumas dessas figuras provocam pasmo aos viajantes que as encontram nas calmas jornadas do interior, porque não parecem obras do acaso, assemelhando-se, antes, a criações primitivas de um povo de gigantes, como aquele que Gulliver encontrara em suas maravilhosas viagens.

No interior da Bahia existem numerosas figuras de pedras, umas parecendo animais, outras parecendo criaturas humanas. No Município de Gloria, encontra-se a Cabeça de Passaro, uma enorme pedra em cima da qual ha outra menor.

De longe, tem-se a impressão nítida de uma cabeça de pássaro que surgisse fóra do ninho. No Município de Andaraí há outra pedra muito curiosa chamada "Galinha Assada", porque, saindo de repente do seio da mata, no topo de um pequeno monte, se vê um lagado em cima de outro, imitando uma galinha assada dentro de uma terrina. A mais impressionante, porém, dessas esculturas, é a que se depara ao viajante

no Município de Dr. Seabra: é todo um grupo escultórico, imitando gigantescos ídolos, semelhantes àqueles cujas miniaturas se vêem entre certas tribus de selvagens africanos. A vegetação, a erosão, o limo, a sujidade deixada pelo tempo e pelas aguas, formam desenhos caprichosos, fazendo daquele agreste recanto algo semelhante a um montruoso baixo relêvo de uma criação de pesadelo.

As fotografias que ilustram esta página, dão uma idéia do pitoresco e do maravilhoso desses caprichos da natureza.

Como um baixo relêvo gigantesco de um monumento ciclopico.

Cristo Redentor

"Crux est arbor decorata
Christi sanguine sacrata
Cunctis plena fructibus."

— Apareceste no mundo, Senhor, para provar aos homens a divindade; desapareceste para redimir a própria humanidade.

— A história do Gólgota é a história da dôr, da fé e do bem.

— Representaste a glória, a indiferença ao sofrimento; criaste no coração dos homens a verdadeira mística divina. Resumes a perfeição.

— Foste homem : és Deus. Foste carne : és espírito. Foste terra : és céu. Foste mínimo : és hoje o máximo.

— Teu sangue correu vermelho de dôr e brotou no planeta, florido, perfumoso e nutritivo.

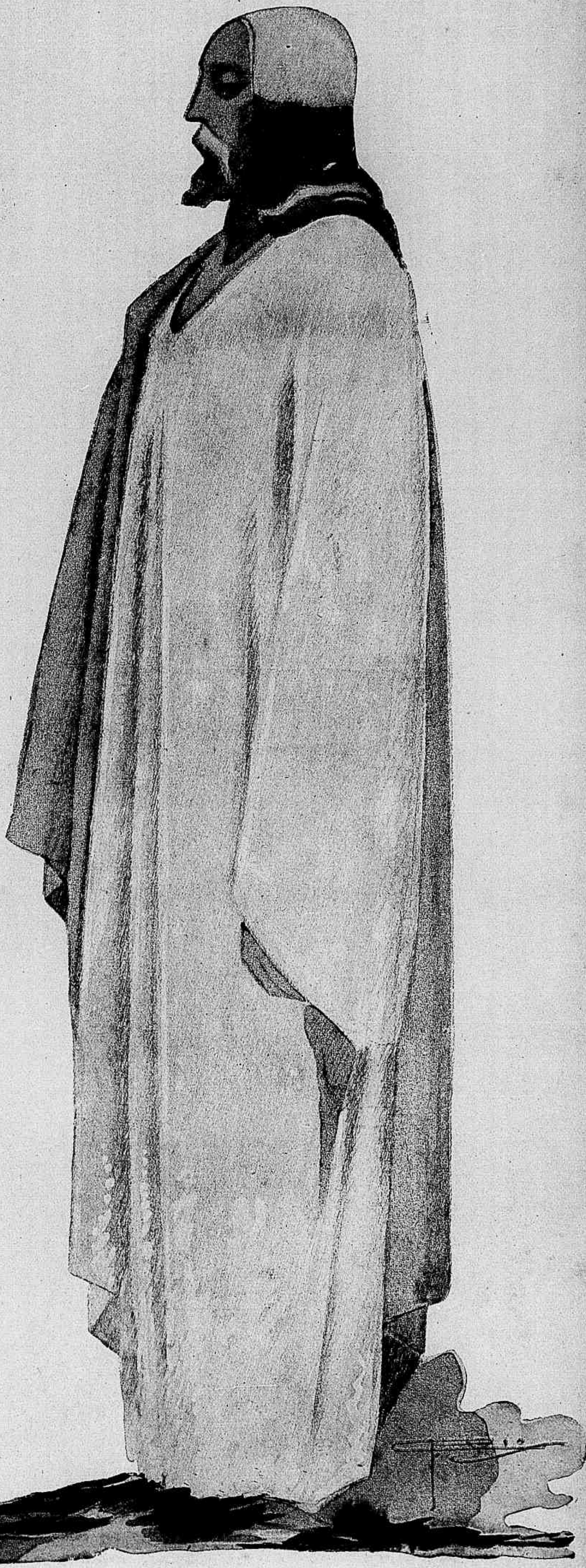
— Tuas lágrimas caíram no coração humano e cristalizaram-se em fé. Tua dôr, na marcha para o Calvário, na fixação de teu corpo na cruz, tornou-se em claridade permanente dentro da alma de teus filhos e serviu de código às civilizações.

— Morreste e vives; és eterno como o globo, perfeito como a harmonia, grande como o empíreo.

— **Christus vincit. Christus regnat, Christus imperat.**

— O dia de Natal é simbólico : nunca nasceste porque espiritualmente nunca morreste. És Deus, porque nunca tiveste princípio e nunca terás fim : és o tempo, o absoluto, a eternidade, a fé, o dogma, a humanidade, a terra, a energia, o universo !

ANTONIO AUSTREGESILLO
(DA ACADEMIA BRASILEIRA)





"MISS PARANÁ"
DE AMANHÃ



DEVE ter sido um prazer para o fotógrafo, fazer piscar sua objetiva estas cinco vezes, diante de tão linda brasileirinha das terras das araucárias e dos pinheirais.

O Paraná, que é tradicional pelas suas belas figuras femininas, não pôde deixar de possuir lindas crianças como esta, pois é sabido que dos viçosos botões é que desabrocham as mais formosas flôres.

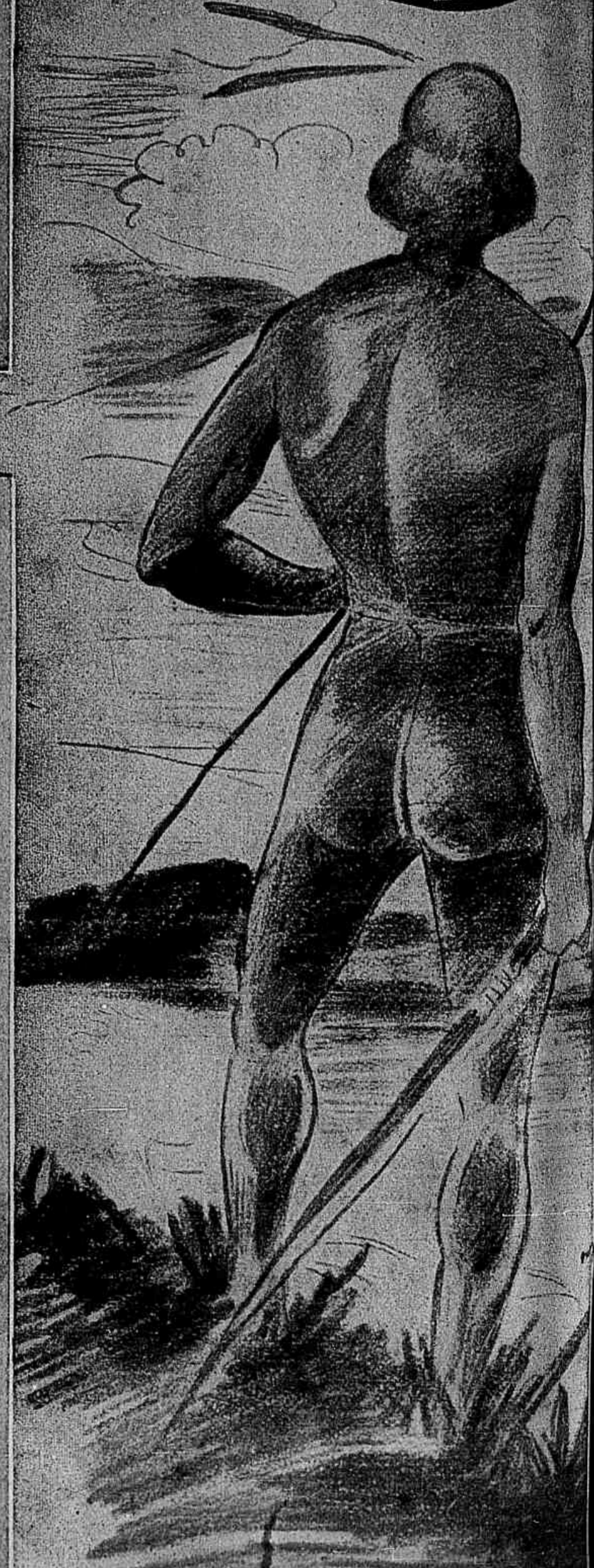
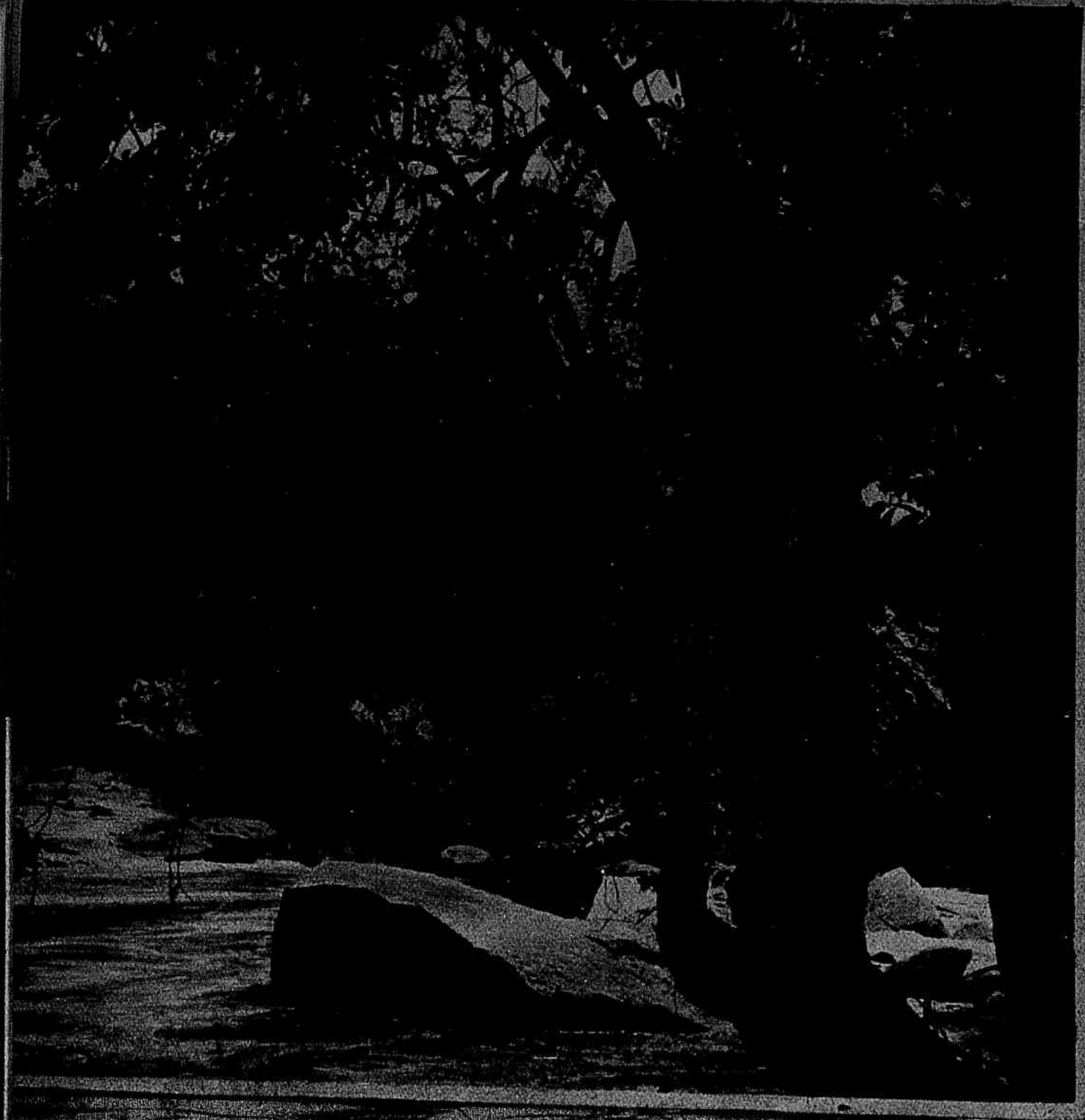
A graciosa brasileirinha, que é um mimo de ternura, se deixou radiosamente fotografar em diversas atitudes através das quais revela todo o encanto de seus verdes anos.



PAISAG

DO

B

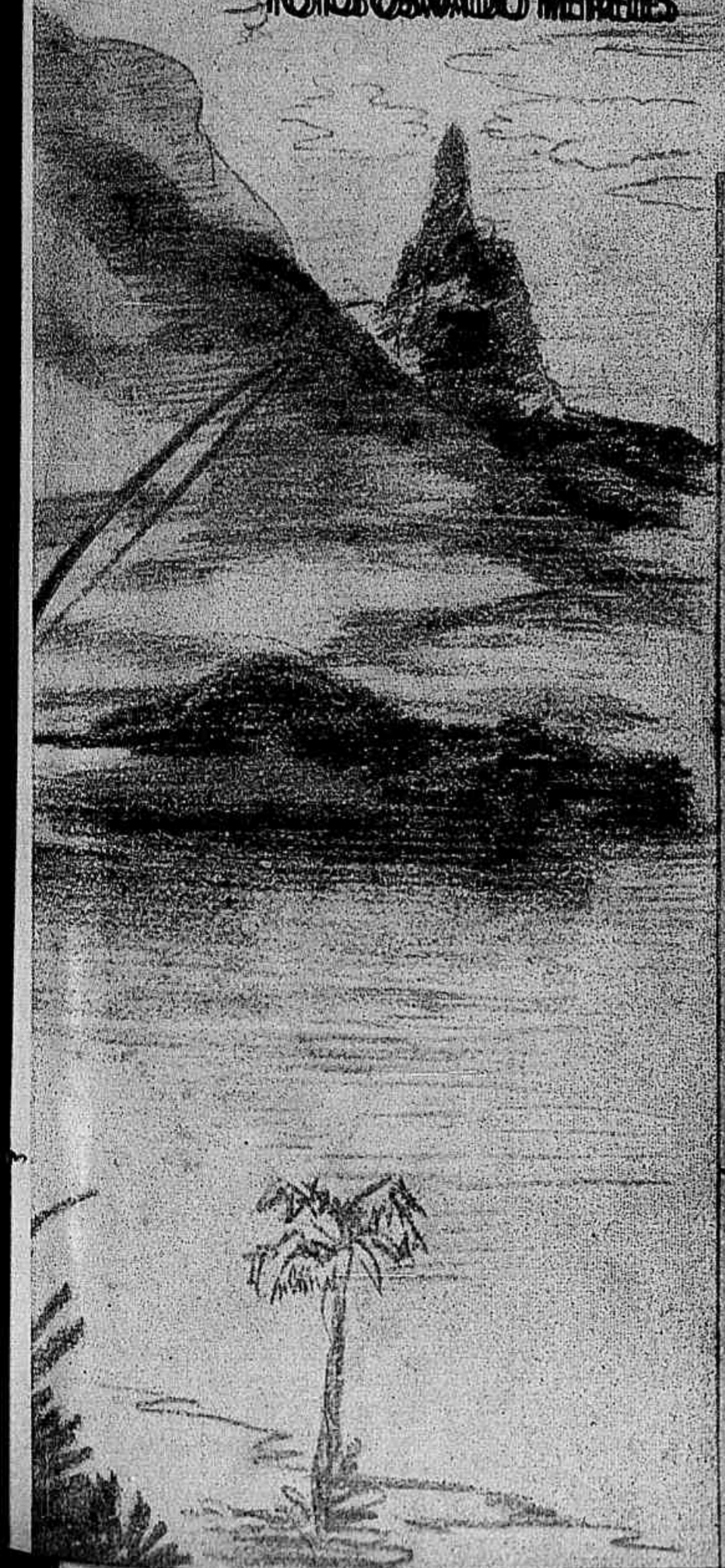


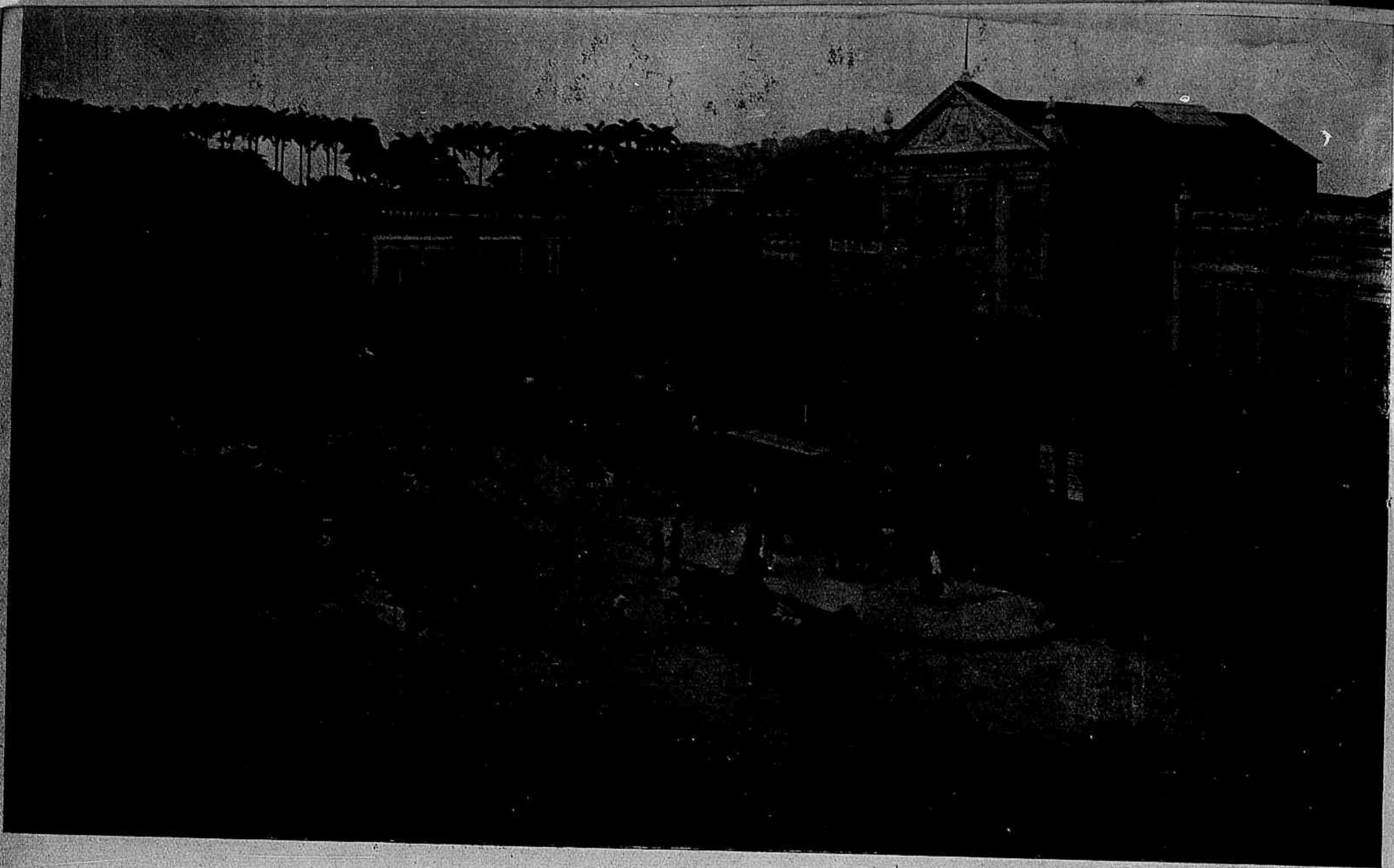
ENS BRASIL

ASPECTOS DE

TEREZOPOLIS

FOTOS OSWALDO MEIRELES





A "Ilha dos Prontos", no largo do Machado, em 1909

VIDA DE ESTUDANTE

JOSÉ MARIA BELLO

A minha vida de estudante pobre nas pensões do Catete decorria monotonamente, como milhares de outras. Em Março de 1909 fui à S. Paulo fazer, em "2.ª época", os exames do 2.º ano de direito. Eram menos dispendiosos do que na Escola Livre do Rio; mas, sobretudo, eu tinha um pretexto para conhecer a segunda cidade brasileira. Muito provinciana ainda naquê tempo, não me causou grande impressão. Ia à Faculdade pela manhã e, à tarde e à noite, perambulava sem destino pelas ruas do Triângulo ou matava nos cafés as horas vazias e lentas. Supunha-me bem preparado em direito público constitucional e em direito internacional, que procurára estudar em graves compêndios. Entretanto, saí-me mal nas provas orais. Não sabia exibir os meus "conhecimentos"; Herculano de Freitas e Oliveira Coutinho facilmente levaram-me à parêde. . . Aliás, nas provas do 1.º ano no Rio também não fôra feliz, apesar das minhas cuidadosas leituras de direito romano e de filosofia do direito. Sílvio Romero, professor e examinador de filosofia e a quem muito admirava pela sua monumental "História da Literatura Brasileira", inspirou-me invencível constrangimento. Desanimaram-me os mediocres resultados da minha aplicação de estudante; nos anos seguintes do curso jurídico, estudei muito menos sem que, por isto, tivesse notas inferiores. Impedido pelas minhas ocupações de burocrata de frequentar a Faculdade, tinha de preparar-me sózinho nas matérias jurídicas, como já acontecera com os últimos preparatórios.

Da volta de São Paulo, instalei-me numa pensão à rua Buarque de Macêdo. Muito me aproximei de um dos hóspedes, depois meu companheiro de quarto, oficial de marinha, sem entusiasmo pela sua profissão. Aquêl marinheiro, que talvez, preferisse o mar como paizagem e que desde muitos anos se exilou voluntariamente na França, era apaixonado da literatura. Inteligente, lido, um tanto original, especializára-se nos escritores nórdicos. Encantava-me a sua pequena coleção de livros. Iniciei-me em Ibsen, então em plena voga nos meios literários do Rio, Tolstoi e Mæterlink. Todavia, foi Dostoiowski a minha grande descoberta. Devorei-lhe ansiosamente os romances trágicos de miséria e de revolta. Apesar de sempre curto de dinheiro, aparecia-me bem mais agradável a vida, certamente pelo ambiente alegre da pensão, onde eram frequentes as festas familiares, a que acorriam os estudantes, as mocinhas da vizinhança na idade do namoro e das promessas de casamento. Não esquecia, no entanto, o meu primeiro cenáculo do Café Lamas e da Confeitaria do Largo do Machado. . . Vaguei ainda por outras pensões e outros bairros da cidade. Durante algum tempo morei numa delas, com C. de M., irreduzível temperamento de boêmio, tão moço ainda hoje como há trinta anos. Mudando

de pensão, C. de M. transmitiu-me a namorada, filha da dona da pensão, como era de estilo. Evoco J. . . . de sangue francês, clara, bonita e sentimental, que passou, um momento, em minha vida, como uma sombra amavel. Outra figura feminina revive na minha saudade, S. . . . filha igualmente de uma "dona de pensão". Sua gente talvez tivesse acreditado em minhas intenções casamenteiras. Fui, pois, por alguns meses, uma espécie de "namorado oficial", colhendo de tal situação alguns proventos, como, por exemplo, melhores sobremezas e alguns exercícios de piano indignamente perdidos. . . . Pergunto a mim próprio que sentido poderiam ter aquêles pequenos idílios. Fugas do coração, que me distraíam da banalidade da vida, mas não me afetavam a alma. Creio que néles punha também um pouco de literatura. Por vezes, encontro na rua algumas das antigas namoradas que douraram a fantasia da minha juventude. O outono da vida desfolhou-lhes a graça da mocidade, como destruiu em mim felizes ilusões. As filhas adolescentes que, acaso, as acompanham, lembram-lhes a todo instante, o irônico insulto da velhice próxima, matando-lhes o brilho dos olhos, tirando-lhes a frescura da pele, fazendo-lhes descer melancolicamente a curva da boca, manchando-lhes de fios brancos os cabelos escuros e, mais triste do que tudo, engordando-as. . . . Se, outrora, pudemos olhar-nos com uma chãma de ternura ou nos apertamos, comovidos, as mãos, a vida levou-nos a destinos diversos. Cumprimentamo-nos amavelmente e, talvez, um pouco agradecidos um ao outro, pela efêmera ilusão de ventura que, juntos, cultivámos. . . . Tendo sido eleito 1.º Secretário da Câmara Federal, Estácio Coimbra nomeou-me redatôr de debates. Era um sucesso. . . . 500\$000 mensais naquela época, e a convivência sempre tão desejada de jornalistas e políticos. Puz em ordem as minhas finanças e comprei alguns livros que, há muito tempo, namorava nas vitrines da Livraria Garnier: romances de Balzac, de Flaubert, de Stendhal, de Daudet, etc. R. M., antiga cançonetista de café concêrto, creio, alugou-nos, a Julio Santos Filho, a Domingos Lousada e a mim, duas salas de frente em sua casa à rua Correia Dutra. Instalamo-nos num luxo desconhecido de tapetes, cortinas, sofás e poltronas de molas. Passavamos a noite, discutindo literatura ou jogando "poker". Em breve, o nosso grupo ampliou-se com a visita diária de outros estudantes. Os dois irmãos, Joaquim e José de Sales incluíram-se entre os mais assíduos. . . . O Teatro Lirico era o grande centro noturno do snobismo da época. Das suas galerias cheias de pulgas, mas de boa acústica, aplaudiamos com entusiasmo, nós, estudantes pobres, Sarah Bernardt, da "Voix d'Or", a "Divina" Réjane, Eleonora Duse, embelezada na lenda amorosa de D'Annunzio, Coquelin "Aimé", Caruso, Tamagno, etc. Divertiamonos com as elegâncias triunfais. Alguns dos tipos mais conhecidos do

"Sét" carioca, como diziam as secções mundanas dos jornais, não entravam na platéia sem as aclamações e as "Blágues do Galinheiro". A noite, iam apreciar da "Ilha dos Prontos", no largo do Machado, os "Bondes de Ceroula", que levavam para o teatro os elegantes, provavelmente sem dinheiro para pagarem a carruagem... A 14 de Julho R. M. oferecia-nos a alguns dos nossos habituados vasta ceia. Quando a "Champagne" lhe subia à cabeça, a velha cançonetista, lembrando-se dos tempos gloriosos do "Alcazar", trepava sobre a meza, envolvia-se numa bandeira tricolor e entoava com entusiasmo a "Marselheza"...

A campanha política pela sucessão de Afonso Pena começava a agitar o país. Carlos Peixoto, presidente da Câmara Federal, era o chefe do partido do governo, que apoiava a candidatura David Campista e que, pela juventude do seu Estado Maior, tomara o nome de "Jardim da Infância". Eu era sincero admirador de Carlos Peixoto. Um amigo meu fundara um jornal simpático ao governo e eu pude, enfim, estreiar como articulista político. Levava timidamente meus artigos a Carlos Peixoto, muito menos para mostrar-lhe o meu apóio do que para provocar-lhe uma palavra de louvor, a que seria tão sensível a minha jovem vaidade. Pouco depois, convidava-me o "Estado de São Paulo" para fazer a correspondência telegráfica das sessões da Câmara. A promoção a 1.º oficial da Secretaria na mesma época, implicava sensível aumento da minha receita.

Podia, pois, pensar no casamento. Fiz-me "noivo oficial", como se dizia no estilo da época. Fui visitar minha noiva na fazenda de sua avó em Cantagalo, e onde ela passava as férias. Encontrava no "Sobrado" uma reprodução dos velhos engenhos da minha infância em Pernambuco. O mesmo ambiente patriarcal de antigos escravos e sua descendência em torno da "casa grande", embora a criação de gado para exploração de laticínios estivesse longe de dar à fazenda fluminense, o movimento e a vida dos *banguês* do Nordeste. Paisagem oposta à dos canaviais pernambucanos. Altos mórros por todos os lados, "capoeiras" cerradas, pastos de capim gordura, manhãs enevoadas e frias, e pouco além, num leito agoniado de pedras, entre altos barrancos, o Rio Grande, afluente do Paraíba. Notava também certa diferença de hábitos e costumes na vida comum. Os negros do "Sobrado" seriam mais estúpidos do que os de "Tentugal", ou mais embrutecidos por um regime mais severo de escravidão. Talvez proviessem originariamente de nações africanas mais atrasadas. Depois de casado e por muito tempo, foi o "Sobrado" a minha estação de férias anuais. O seu isolamento, o seu silêncio e a sua suave temperatura estimulavam-me o gosto do trabalho intelectual. Fiz naquela época a minha primeira e demorada estação em Anatole France. Creio que somente Eça de Queiroz, na adolescência, me causou tão forte impressão. Hoje me cansa um pouco o excesso de intelectualismo de Anatole France, o que há nele de frio, de indiferente. Mas por longo tempo, o tive entre os meus ídolos. Falava-me a todas as tendências íntimas, o seu claro humanismo, a sua ironia dissolvente, o seu elegante ceticismo e, sobretudo, o seu fino e diáfano estilo, em que a graça sutil e maneirada puro século XVIII, faz esquecer tão facilmente a parte de intimidade. A avó de minha senhora dirigia energeticamente os trabalhos da fazenda. Alta, magra, nervosa, autoritária, insensível à velhice (morreu quase aos noventa anos, rija e sem cabelos brancos) mostrava os vestígios da beleza de sua mocidade. Falava muito do Rio de Janeiro

antigo e das visitas de Pedro II a Nova Friburgo. Um seu irmão mais velho, José Lannes, ensinava as primeiras letras aos meus filhos e era, sobretudo, infatigável companheiro de palestra. Estivera na França na agonia do 2.º Império e não esquecia aquela "época de ouro" de sua juventude: o "Bal mobile", o *can-can*, as operetas de Offenbach e Napoleão III e a imperatriz Eugênia, que ele vira da calçada da Madalena, na véspera da guerra desastrosa, passando em revista as tropas, a caminho para o matadouro...

Descendente de franceses, emigrados no começo do século XIX, para Nova Friburgo, apaixonara-se pelas geneologias; o seu grande orgulho era ligar o seu apelido de Lannes à gente do general Napoleão, e cujas terras na França fôra visitar. Lembrava para contrariá-lo as humildes origens do duque de Montebelo e a atitude da duquesa, depois de Waterloo, ligando-se à Maria Luiza e abandonando Napoleão... Eu só deixava os livros para caçar pássaros na mata. Um dia, um médico do Rio, que fôra à fazenda para ver um dos meus filhos, adoentado, mostrou-se tão surpreso de minha barbaridade, matando pobres pássaros ou macacos inofensivos, que me envergonhei para sempre da minha paixão de caçador...

Nos primeiros meses de 1910 e 1911 fui a Pernambuco fazer exames vagos de 3.º e 4.º ano. Não queria concluir o meu curso jurídico sem passar pela famosa Faculdade de Recife, ainda naquela época no antigo convento da praça 17, ao lado da igreja do Espírito Santo. Em 1910, meu pai morava no sítio de coqueiros de São José da Corôa Grande; mas, em 1911, já o encontrara instalado com toda família no Recife. No fundo, não se conformara com a transplantação para a cidade. Envelhecera muito. A vida sedentária de burocrata urbano era um sacrifício para os seus hábitos de senhor de engenho. Meu tio Aires Bello, muito doente, não perdera por isto, o seu belo humor e o seu gosto pela boémia. Causavam-lhe talvez certos ciúmes a minha estreita aproximação com Estácio Coimbra, de quem as rivalidades políticas o haviam definitivamente separado. "Tentugal" muito, muito mudara; da "Casa Grande", onde tinham nascido três gerações da família restavam apenas os gróssos paredões. Vassálo da usina "Carassú", que Estácio Coimbra adquirira, perdêra, como tantos outros engenhos da zona, a sua vida própria. Julio Bello resistia quase sozinho em "Queimados" aos tentáculos da usina, procurando manter intactas as tradições patriarcais. Revistas as figuras e as coisas familiares, apressei-me em voltar para o Rio, onde me chamavam saudades da minha noiva e os meus deveres de funcionário público.

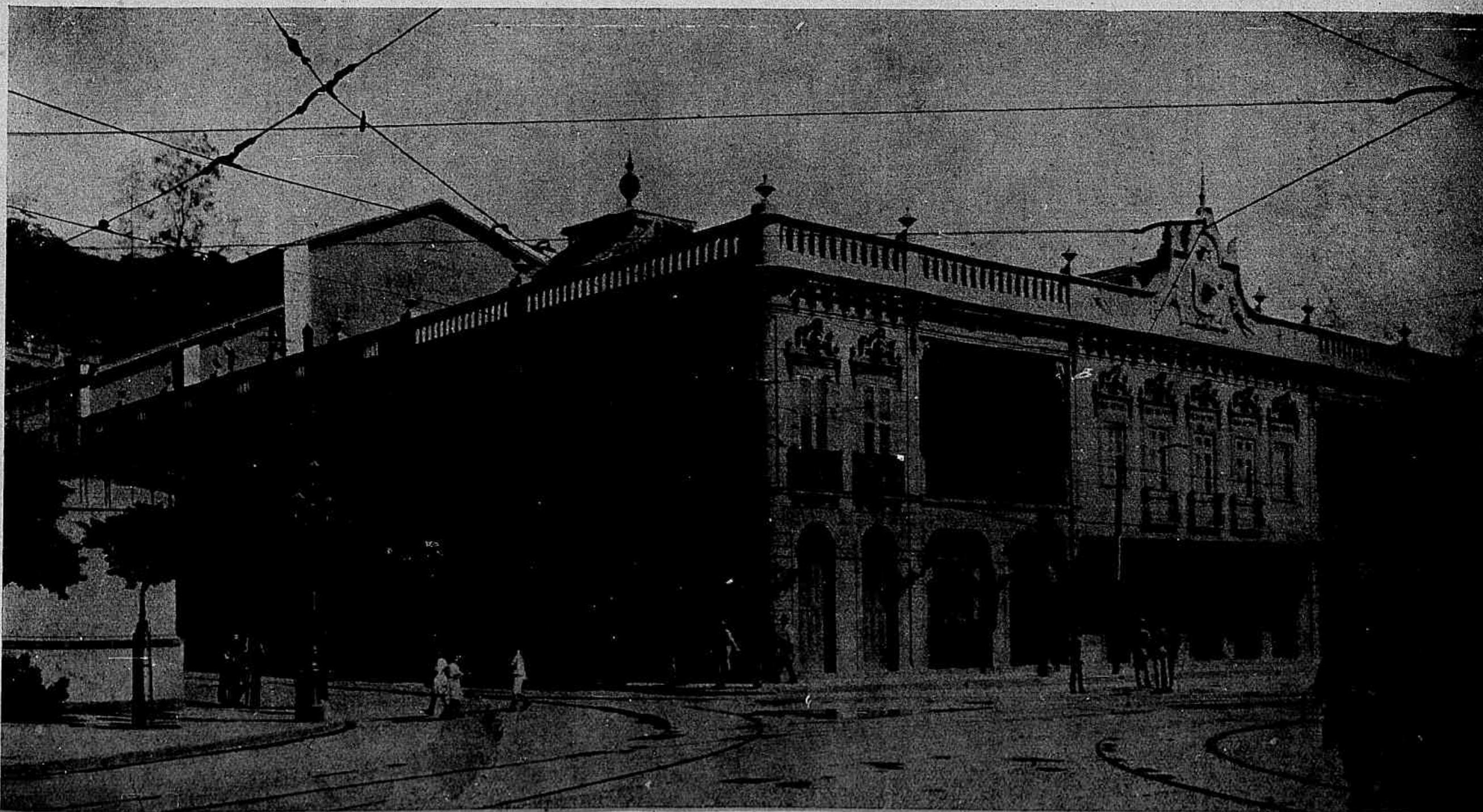
Em 1911, o Recife guardava quasi intacta a sua fisionomia colonial. O bairro do porto era como no tempo de El Rey; a rua da Cadeia, estreita e torta, com os seus altos sobrados de azulejo, os balcões espanhóis, os telhados de biqueira, jogando água para a rua, as "ships-Shundlers" e as gameleiras da Linguêta evocavam-me a pitoresca imagem da cidade de minha infância. As pontes, cheias de mendigos, eram pequenos "pátios de milágres". Nas ruas agoniadas e sujas, sob o calor de 30 graus à sombra, homens de fráque e chapéu duro e senhoras, vestidas de gorgurão, comprimidas em espartilhos. Eram endêmicas a variola e a peste bubônica...

Morrêra o "Jardim da Infância", e o meu amigo Carlos Peixoto, que

(Continúa na página 52)

O Teatro Lírico, em 1909

(Fotos Malta)



A VERDADE

(CONTO DE HERNANDEZ CATÁ)



ERA um homem mau, e sem sua debilidade seria funesto. Só tinha duas armas: a intenção e a palavra, mas as manejava com tanta astúcia que nas almas feridas a dor atrofiava a cólera, dando-lhe tempo para fugir impune. Quando embarcava ninguém, até o comandante, deixava de sentir desgosto; e, todavia, não era fácil prescindir dele: bom marinheiro, cozinheiro excelente, rico em recursos e abroquelado sempre no dever cumprido, quase se gloriava de ser antipático; e mal o navio deixava o porto, dedicava-se a estudar a maruja, para que nem um de seus malignos dardos se perdesse em calosidades insensíveis. Sua voz de matador de ilusões, contente de ver murchar as únicas flôres que poderiam ornar aquelas vidas rudes, ia dizendo a cada um as palavras precisas para apagar o entusiasmo e turvar as esperanças.

Suas histórias — essas histórias imprescindíveis nos largos dias calmosos, — eram sempre de enganos cruéis, decepções. Ao marinheiro jovem dizia, ao vê-lo na cruzeta mais alta: "Vê lá si tens uma vertigem!" E ao piloto tímido: "Aquela nuvemzinha vai trazer trovoadas...", ou "Aqui naufragou um bergantim há dois anos." E ao comissário cubitoso, que guardava as economias de vários lustros: "Andam dizendo que esse banco vai mal." E ao impaciente por chegar ao primeiro porto para soltar as fêras pujantes de seus apetites: "Aposto que não és capaz de beber uns dois litros de rum e ir a uma rua que eu sei". E nas horas de quietude crepuscular, quando o acordeon evocava à prôa a doce poesia da terra invisível, entoava com agra voz alguma canção grosseira, que quebrava o doce encanto.

Era um mau homem, que lograva esquivar-se, antes de explodir, à mina armada por sua insaciável sanha. Quantas vezes dois infelizes desafogaram, com muitas pancadas cegas, a raiva acesa por ele! E como sabia fazer-se imprescindível... Industriosos e escorregadios, a tripulação o viu chegar-se ao segundo piloto, moço do norte, que pela primeira vez embarcava no Mediterrâneo. Que estaria tramando contra ele? Algo, sem dúvida; mas ninguém se atreveu a preveni-lo. Cautamente, sem avançar nem um detalhe preciso, foi limando suas maneiras rombudas e insinuando-se em seu animo. Olhava-o de longe, esforçando-se em perceber a greta por onde poderia penetrar até aquela alma escudada na securra cortante dos homens calados.

Com torpeza servil levava-lhe a refeição matinal, chamava-o de noite ao chegar seu quarto de serviço, permanecia junto

a ele alerta, calado, nas guardas noturnas, quando até o sussurro do mar parecia um imenso silêncio sob a fulguração dos astros e a luzinha de bombordo parecia estrela caída ou misterioso vagalume cansado de voar. E pouco a pouco, arrancou-lhe sua história: soube que desde garoto ficara orfão, que sua vida fora trabalhosa, que chegara a ser homem à custa de ser menino sem infância e adolescente sem risos, e que por fim a ilusão florecera, para pagar-lhe tantos dissabores, e que embarcava porque sabia que o *Moço Maria* escalava no porto onde vivia a mulher eleita por Deus para a boa obra de fazê-lo feliz. O homem mau sorriu na sombra.

— Quer dizer que o senhor acredita nas mulheres?

— Acredito, sim... Sobretudo nela.

— Na sua idade eu também acreditava.

— Você não a conhece.

— Qual!... Eu conheço as mulheres!

— A ela não.

— Será como todas.

— Deixe-me!... Saia daqui e nunca mais me dirija a palavra!

E não voltou a falar-lhe; mas desde aquela noite, quando parecia dirigir-se aos outros, falava única e exclusivamente para ele. Do fundo avinagrado de sua memória ou de sua inventiva, surgiram mil ane-

dótas de infidelidade. Cantou canções de obsceno desengano; contou que certo sujeito lhe narrara o caso de certo barco chegado repentinamente ao Havre poucas horas depois de haver saído desse mesmo porto, quando houve mais de trinta surras e de vinte divorcios. "Coitadinha das mulheres!..." O mar é tão grande e a paciência feminina é tão pequena... De resto, quem sabe se davam beijos pensando nos marinheiros ausentes!... No fundo, até os que se fingiam mais crédulos não as possuíam quando avisavam a chegada ao porto para encontrar as cousas em ordem... E como Deus era tão sábio que aquilo não deixava sinal...

O oficial calava e emagrecia. As vezes, sombras cetrineas embaçavam seu rosto; e outras, luminoso sorriso, que se estorcava nos lábios, baixava-lhes dos olhos azues. Mas tais sorrisos eram cada dia menos frequentes, e seu sono encheu-se de pesadelos, até desaparecer consumido pela insônia. Não olhava ninguém, muito menos o semeador de cizania; as frases de mais sangrenta intenção pareciam resvalar sobre sua indiferença... Mas não avisou de sua chegada ao porto, como sóia fazer...! Sua vista estava sempre fixa nos confins do horizonte, à espera de ver uma linha brumosa, que, afinal, foi se chegando, precisando, com suas casinhas multicoloridas e minúsculas, o farol, a baía em cujo seio a cidade era um amontoado de pombas cansadas.

Logo que o barco fundeu e cessaram as formalidades inevitáveis, o oficial tomou a lancha. Parecia sereno, sem pressa de desembarcar; mas, desde a borda viram-no armar dois remos para ajudar o marinheiro e chegar quanto antes. E no grupo, a voz maldita disse uma graça atroz, que alçou essas risadas covardes que sóem celebrar o dardo injusto, cuja peçonha pode alcançar-nos. Depois, a bordo, tudo foi silêncio e tédio poucas horas.

Começava o crepúsculo quando um bote deixou de novo o oficial na escada do *Moço Maria*. Ninguém notou sua chegada, só quando esteve na coberta. Seu passo nada tinha de vacilante; e na penumbra não se pode ver que a cor de suas pupilas tinha deixado de ser azul. Passou pelo meio do grupo de marinheiros sem cumprimentar, aproximou-se do homem que por espírito perverso lhe dissera a verdade antes de sabê-la, e, de um só golpe, meteu-lhe uma faca no coração.

O sangue empapou a madeira e correu pelo rego da coberta. No dia seguinte os jornais deram umas notícias confusas, removeu-se uma fossa, abriu-se o largo portão da cadeia, e as bandeiras pareciam rir mais alegres no porto, sob o mar cintilante de sol.



SAPUCAEIRAS ENGALANADAS
Tela de João Baptista da Costa



DE manhã à noite, em um só dia, o homem percorre toda a gama sentimental — entenece-se, e lacrimeja; encolerisa-se, e rugue; alegra-se, e ri; enfara-se, e boceja; enamora-se, e canta; indigna-se e satirisa...

O sistema nervoso é um aparelho elétrico que transmite em descargas consecutivas, com igual poder — o fremito do espanto e do amor, a galvanização da tragédia e a da farsa, o espasmo de um beijo e a revulsão de uma afronta.

TODA obra humana, para que o pareça, precisa de ser a reprodução da multiplicidade de moveis psíquicos e da mutabilidade de ânimo que caracterizam a vida íntegra e consciente.

UM escritor, que bem o seja, escreve de risos e lágrimas, faz idílios e epigramas; desfere cantos de amor, rugidos de indignação e brados de entusiasmo...

QUANDO se entendeu chamar inanimado ao mundo destituído de ação própria, não foi certamente para negar-lhe uma alma, pois não há cousa que não tenha a sua.

DIRÃO os subtilistas que a alma é nossa e a pômos, repartida, nos objetos que nos cercam e, nêles encontrando-a, julgamo-la dêles; que tudo vai do sentimento com que olhamos o mundo.

EU continuarei crendo que há uma alma nas cousas, como nos homens — elevada ou inferior, luminosa ou opaca, sugestiva ou impassível.

HOMENS há que vivem trinta anos com um relógio, que contemplaram milhares de noites as estrelas, que dormiram centenas de séstas sob a hospitaleira fronde de uma árvore, que habitaram toda vida uma casa — e nunca, nem uma só vez, entenderam o que lhes dizia o velho relógio, fiel e rabujento amigo, nem jámais ouviram as estrelas, nem perceberam a gesticulação e o ramalhar da árvore — gigante de cem braços, fecunda e ardente — e morrem, por fim, sem haverem aprendido a linguagem

JOIAS DO PENSAMENTO BRASILEIRO

das portas — rangendo nos gonzos das paredes antigas — em que cada buraco tem um olhar bondoso e cada gilvaz uma história, a linguagem de toda casa materna — em que receberam e restituíram a vida!

A comunicação da alma das cousas à alma dos homens, é a poesia.

FELIZES, vós que entendeis a voz dos sinos e ouvis estrelas e aprendeis a história das cousas, contadas por elas mesmas!

A ciência é uma aspiração, mas não um consolo.

O cérebro humano tem de arder na própria chama, sempre, sempre, como um archote, até a derradeira fibra, até ao derradeiro lampêjo.

A vida é essa mistura hedionda, em que talvez mais que a dos homens, chora e sofre a alma das cousas.

QUE enigma a mulher! Que esfinge! Para ela o riso e a lágrima tanto servem à dissimulação como à sinceridade, tanto são documentos da verdade como armas de mentira.

PRECISAM de uma atmosfera de carinho as almas velhas, para não morrerem de frio.

A vida é um princípio absoluto, indiscutível, quase material. A honra, não; é um princípio discutível e discutido, variável com as idades, os povos, os climas.

NA consciência cabe tudo, desde que se saiba arrumar nela as cousas.

O cérebro humano nada mais é do que uma caserna — arsenal. É mister que as idéias estejam continuamente armadas em guerra, aparelhadas e agudas, lestras e atentas ao primeiro sinal.

E' que um feio sabe às vezes sorrir, um torto tem uma voz insinuante e melodiosa, um relaxado tem bonitos olhos, um estúpido veste com elegância, um tolo tem paciência e é teimoso... e basta uma dessas insignificantes qualidades exteriores, secundárias, para dominar e vencer as mulheres mais lindas e mais inteligentes.

A mulher mais digna de amar um homem perfeito pode amar um imbecil... mas não poderá nunca odiá-lo!

A Poesia fugiu espavorida, não sabendo, não ousando cantar as cousas delicadas e puras do coração e da Natureza em meio do formidável estardalhaço das máquinas, perdida nos meandros das florestas de ferro e aço da Indústria e da Ciência, fraternizadas para vencer o tempo e o espaço, dando ao homem o máximo das utilidades e dos gosos com o mínimo de esforços e trabalho.

TÃO miserável é o homem que não pode resentir, bisar a dôr; que só tem a faculdade de renovar-se, tornando-se outro; que, para conservar a personalidade, precisa de modificá-la incessantemente.

EU não sou eu. Para que eu fôsse eu, fôra preciso não me alterar. Conservar-me o mesmo que fui, que sou.

MAS si o meu "eu" de outrora amava e o meu "eu" de hoje não ama, si o meu "eu" de hontem cria e o de hoje não cré!? Si eu hontem era ingenuo, bom ou vingativo e hoje sou ardiloso, perverso ou magnanimo, eu não sou eu.

A personalidade é como um rio. Que vale ser o rio o mesmo si as águas são sempre novas? Suponde consciência no rio. Como sentiria êle a sua personalidade? Confusamente, não é?

VALENTIM MAGALHÃES



ESPORTE E ARTE FOTOGRAFICA

UM dos elementos mais decisivos para a difusão dos esportes nos dias de hoje, é a arte fotográfica, fixando em instantâneos os momentos mais empolgantes e permitindo a documentação e a divulgação dos grandes lances que agitam as multidões. Este maravilhoso flagrante fixa um aspecto da pista do Jockey Club, o notável centro de turfismo carioca, que é também um dos pontos preferidos pela elegância carioca.



Os delegados do Primeiro Congresso de Brasilidade oferecendo ao Presidente da Republica a medalha e diploma comemorativos.

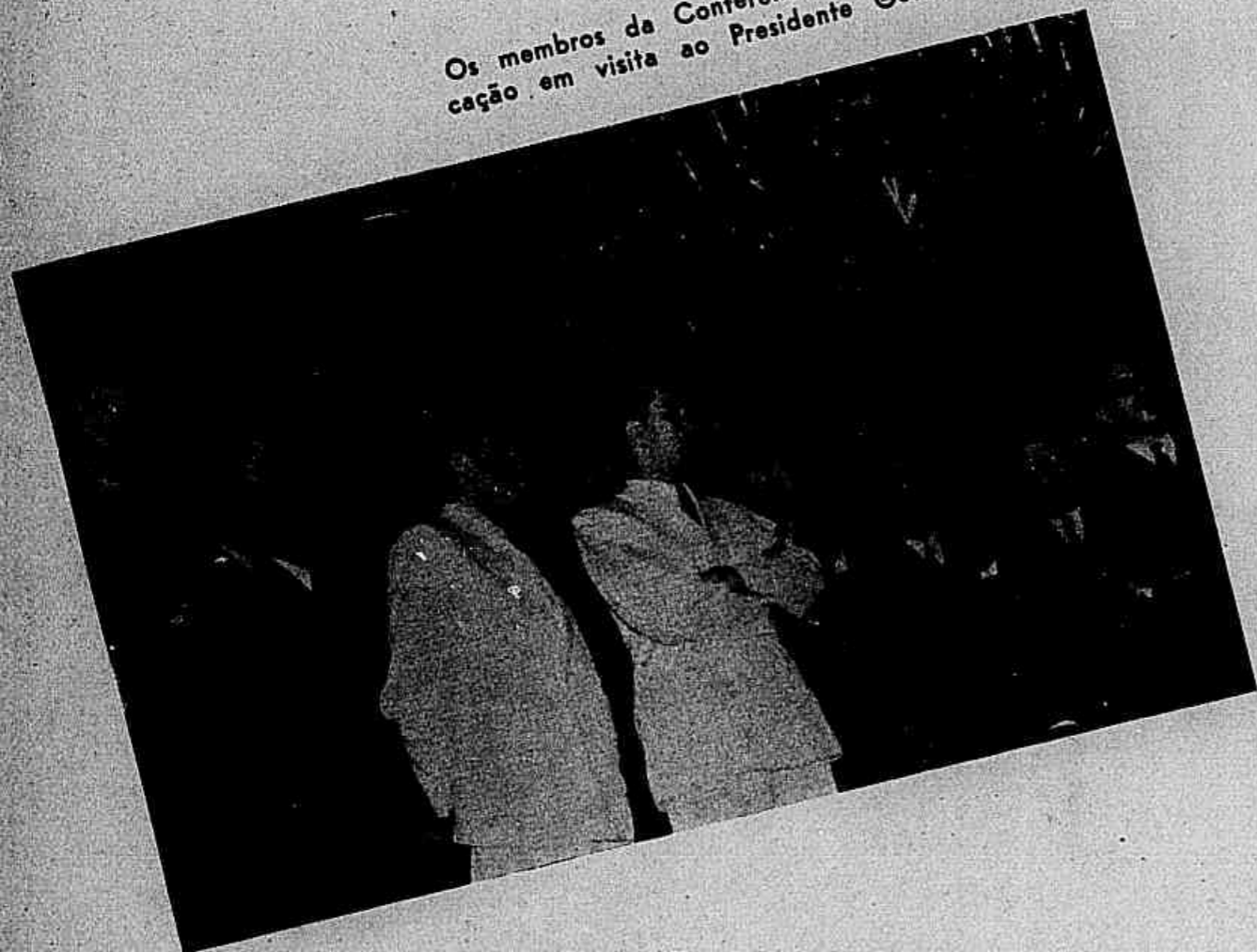
Alguem já disse que novembro é um mês predestinado na Historia política ao Brasil. Não admira, pois, que seja um mês pontilhado de ceremonias cívicas. No dia 3 passa mais um aniversario da posse do Presidente Vargas no governo do país. No dia 10, o aniversario do Estado Novo. 15 de Novembro é a data da Republica, 19 o Dia da Bandeira. Todas essas datas tiveram comemoração condigna no Brasil inteiro e particularmente na Capital da Republica. As solenidades comemorativas de 10 de novembro alcançaram um relevo excepcional em todo o país, onde foi assinalada pela inauguração de melhoramentos e por expressivas solenidades. No Rio, houve inumeras cerimonias significativas. Entre outras, o banquete no Ministerio da Guerra, no qual o Presidente da Republica pronunciou importantissimo discurso; o banquete a bordo

DE MÊS A MÊS

O Dia da Bandeira, como nos anos anteriores, foi assinalado pela realização de varias cerimonias cívicas. O pavilhão nacional foi hasteado entre hinos e palavras de exaltação nas repartições publicas e nas escolas. Na Marinha, essas ceremonias tiveram um carater todo especial. Alem do culto à bandeira, festejou-se na data mais um aniversario da gestão do almirante Aristides Guilhem, os motoristas do Distrito Federal ofertaram ao ministro da Marinha a bandeira do contra-torpedeiro "Marcilio Dias", e as autoridades navais ofereceram-lhe um banquete.

Três importantes certamens realizaram-se no mês de novembro: a Conferencia Nacional de Educação, a Conferencia Nacional de Saúde e o Congresso de Brasilidade. As Conferencias de Educação e de Saúde, promovidas pelo Mi-

Os membros da Conferencia Nacional de Educação em visita ao Presidente Getulio Vargas.



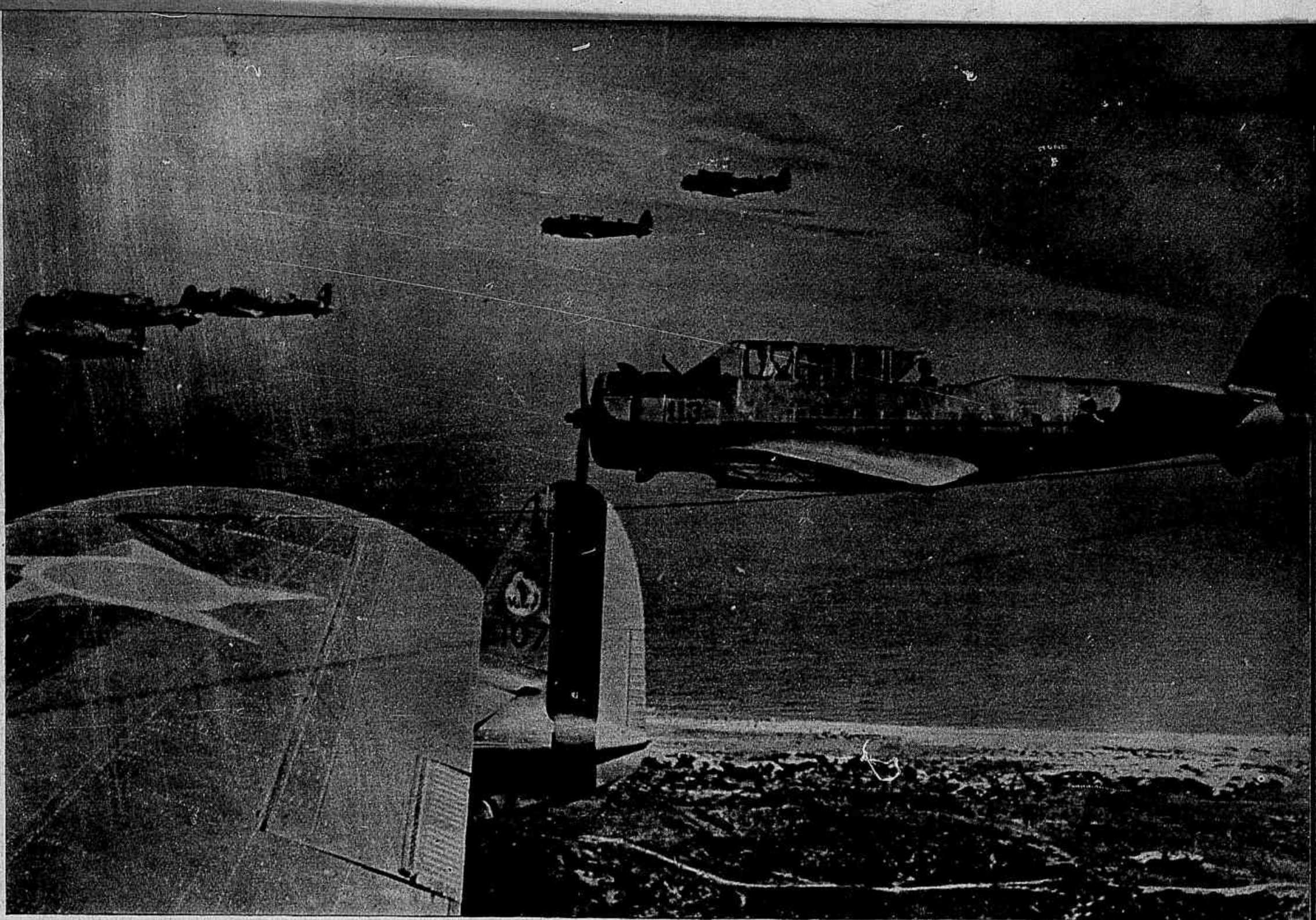
Flagrante colhido no aeroporto, quando viajava para o Chile o chanceler Oswaldo Aranha.



do "Almirante Saldanha"; a inauguração do primeiro trecho da Avenida Presidente Vargas, etc.

A data da Republica foi comemorada com uma tocante solenidade que comoveu o Brasil inteiro: a trasiadação dos despojos mortais dos heróis de Laguna e Dourados para a cripta do monumento na Praia Vermelha. O discurso do arcebispo Dom Aquino Correia e a presença do Presidente da Republica e das mais altas autoridades deram relevo e expressão ao fato.

Os bombardeiros da F. A. B. quando regressavam do extremo vôo comemorativo do 4.º aniversário do Estado Novo.



nisterio respectivo compareceram cientistas e técnicos de todos os Estados. O Congresso de Brasilidade reuniu expoentes de nossas letras e estudiosos dos mais palpitantes problemas da nossa atualidade.

Alem desses, outro Congresso se realizou no Rio de Janeiro, merecendo uma referencia especial: queremos nos referir ao Congresso Brasileiro e Americano de Cirurgia em que tomaram parte medicos brasileiros e dos países vizinhos e durante o qual se efetuaram operações delicadas e se discutiram teses importantes e atualissimas em medicina.

O fato internacional de maior relevo no mês de novembro foi, sem dúvida a viagem do sr. Oswaldo Aranha ao Chile e à Argentina, levando brilhante comitiva de que participaram, entre outros, o Interventor Amaral Peixoto e senhora. O Ministro do Exterior do Brasil teve uma carinhosa recepção nos países que visitou. Em ambos assinou tratados de intercambio cultural e economico de

extraordinario alcance para a maior aproximação inter-americana e em ambos fez declarações do mais vivo interesse, fixando a posição do nosso país em face da situação internacional.

Não se pôde esquecer nesse rapido registro de fatos a chegada dos jangadeiros cearenses ao Rio, completando, no dia da Republica, o "raid" de Fortaleza à Capital Federal, levado a efeito na mais fragil, na mais primitiva embarcação que se pôde imaginar. A jangada foi oferecida, como lembrança, à senhora Darcy Vargas e ficou exposta na Praça Floriano, enquanto durou a visita dos arrojados caboclos nordestinos. Sua visita focalizou vigorosamente as necessidades e as preocupações dos pescadores brasileiros e inspirou ao governo outras medidas de amparo a essa classe de trabalhadores.

No último dia 20, os delegados ao Primeiro Congresso de Brasilidade foram recebidos, no Palacio do Catete, pelo presidente Getulio Vargas, fazendo-se acompanhar de numerosa representação do Colegio Pedro II, chefiada pelos professores Reja Gabaglia e Roberto Acioli. Os congregistas mantiveram longa palestra com o presidente da República, resumindo-lhe as atividades do certame recentemente encerrado. Em nome deles, o sr. Oton de Souza e Silva saudou o Chefe da Nação, sendo oferecido a S. Excia., por alunos do nosso estabelecimento padrão, um diploma e uma medalha de ouro.

Como coroamento do ano de instrução dos pilotos da Força Aérea Brasileira e em comemoração ao 4.º aniversário do Estado Novo, incentivador da aviação Nacional, um grupo "Vultee", bombardeiros, do 1.º R. A. realizou um extenso vôo Rio - Salvador - Recife - Natal - S. Luis - Belem - Fortaleza - Belo Horizonte - Rio. Os nove possantes bombardeiros, formando tres esquadrilhas, sob o comando do coronel Gervasio Dancan, comandante do 1.º R. A., partiram desta capital no dia 11 de Novembro, a ela regressando a 24, com permanencia, mais ou menos, prolongada em varias cidades. A viagem foi feita sob as melhores condições técnicas, tendo os nossos pilotos revelado a grande capacidade e o valor pessoal que deles se esperava. Tambem os aparelhos corresponderam à expectativa. Os aviões "Vultee" alcançam 300 quilometros horarios em viagem de cruzeiro, têm autonomia de vôo para 13 horas e podem conduzir até 1.200 quilos de bombas e sete metralhadoras.

Aspecto da trasladação dos despojos mortais dos heróis da Laguna e Dourados, para a cripta do monumento na Praia Vermelha.



UMA GRANDE RETRATISTA ITALIANA



Auto-retrato de Leopoldina Celli, em aqua-forte

Viúva H. Simonard



Senhora General Lehman Miller

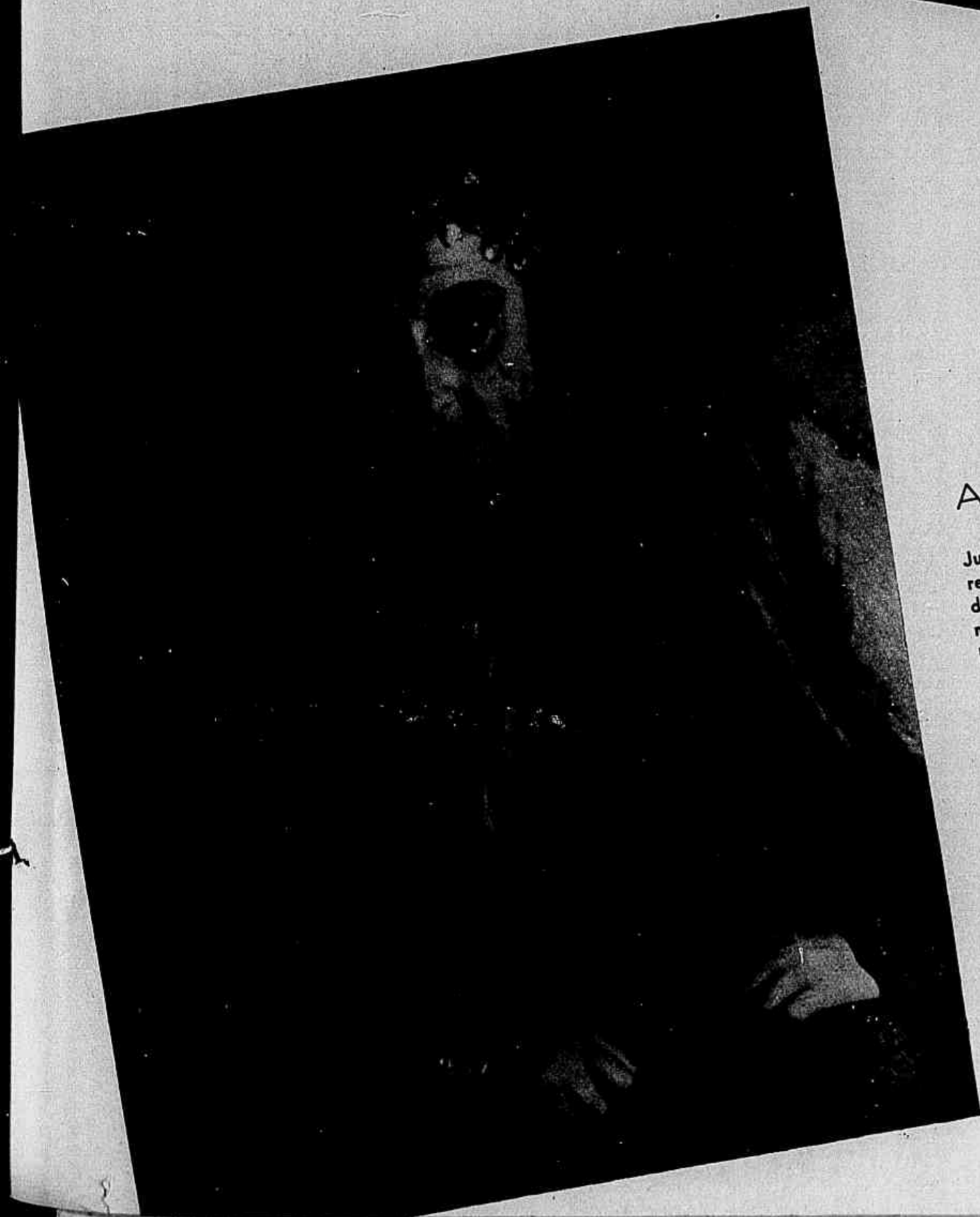
LEOPOLDINA Celli, notável pintora italiana, cuja especialidade pictórica é o retrato, encontra-se atualmente no Brasil, tendo instalado seu "atelier" nesta Capital.

Dona de uma técnica personalíssima, tem conquistado indiscutível renome com os magníficos retratos executados, alguns dos quais, ao lado do seu auto-retrato, aqui reproduzimos.

Leopoldina Celli foi aluna da Academia de Belas Artes de Firenze e da Academia de Brera, de Milão, e seus quadros são inspirados na pintura clássica italiana.

DECLAMAÇÃO

Senhorinha Marita Pinheiro Machado, cujo recital de declamação, realizado ha dias no "auditorium" da A. B. I., revelou ao publico carioca mais uma interessante e vigorosa interprete da poesia brasileira. Marita Pinheiro Machado, que é ornamento destacado da nossa sociedade, vem de concluir o curso de declamação, com a professora Maria Sabina e escolheu para o recital que tanto exito alcançou, além de poesias dos nossos melhores poetas, poemas de autores franceses, hespanhois e alemães, que interpretou no original, com raro brilho e obtendo calorosos aplausos.



ARTE LIRICA

Julita Fonseca é uma das revelações mais recentes e notaveis da lirica nacional, podendo figurar com justiça entre os grandes nomes que tem pisado o palco do Municipal.

Na ultima temporada, entre outros dos seus grandes sucessos se destacou no desempenho do papel de cigana em "O Trovador", que lho valeu por verdadeira consagração.

Aqui aparece a aplaudida artista justamente naquela caracterisação, em que se mostrou insuperavel.



Armando Pacheco — "Casario"

Maria Elisabeth Wrede — "Retrato de Mlle Beatriz Larragoti".



BELAS-ARTES

O cartaz da evidência, no capítulo das belas artes, continúa oferecendo assunto aos comentadores do momento que passa. Nomes que começam, esperanças que se recomendam, realidades que se confirmam e impõem, a verdade é que todos concorrem para essa trepidação constante em que estamos vivendo.

Não há muito tempo — dois ou três anos, apenas — ninguém poderia supor que fosse possível vencer a indiferença pública por exposições de pintura. Entretanto, venceu-se! Venceu-se quase que imprevisivelmente, muito mais depressa do que se poderia esperar. A principio, o público como que hesitava. Hesitavam os artistas também. Mas uns e outros foram-se compreendendo, se familiarizando, fazendo mais intimidade, e os resultados disso são os mais animadores possíveis.

No decorrer dos trinta dias que precedem estas linhas, afora outras manifestações de menor interesse e vulto, pudemos registrar algumas exposições de real mérito. Evidentemente, pelo valor artistico e pelo sentido patriótico, a grande exposição Pedro Américo-Vitor Meireles foi a nota, por assim dizer, sensacional do momento. Dois nomes que são dois padrões de glórias da nossa pintura, artistas que se impuzeram à gratidão dos brasileiros, a exposição retrospectiva, organizada pelo Museu Nacional de Belas Artes, valeu por uma apoteose à sua obra, que é vasta e bela.

Perante os olhos encantados do público passaram cenas e panoramas magníficos, que o pincel dos

dois mestres imortalizou, figuras, animais, composições íntimas, cenas famosas, paisagens, retratos, batalhas — tudo, enfim, que ambos produziram e que o esforço da diretoria do Museu conseguiu reunir numa mostra memorável.

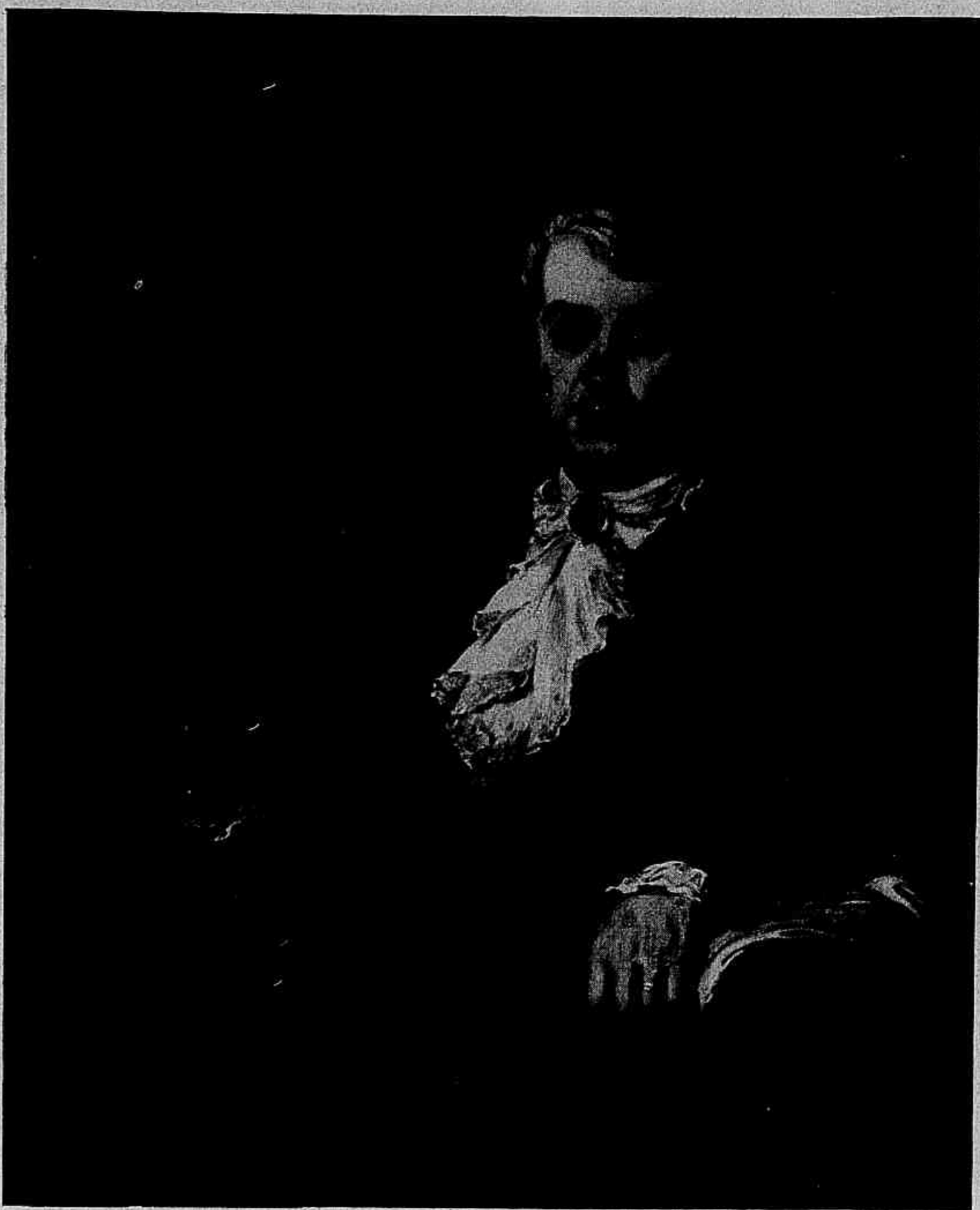
Com essa e outras manifestações da grande arte, nobilitada pelo respeito de si mesma, tem tido o público ocasião de se retemperar da agressão dessa arte caôlha e aleijada que anda por aí...

Antes da exposição a que acabamos de nos referir, Manuel Constantino e Armando Pacheco tiveram a sua hora de evidência no Palace Hotel. O primeiro, apesar de ser um retratista habilíssimo e de ser capaz de pintar nús encantadores, dedica-se à natureza morta: Nêsse genero, aliás, na sua exposição, muito variada, dêste ano, mostrou que não é fácil ombrear com êle, tão expressivas são todas as suas têlas.

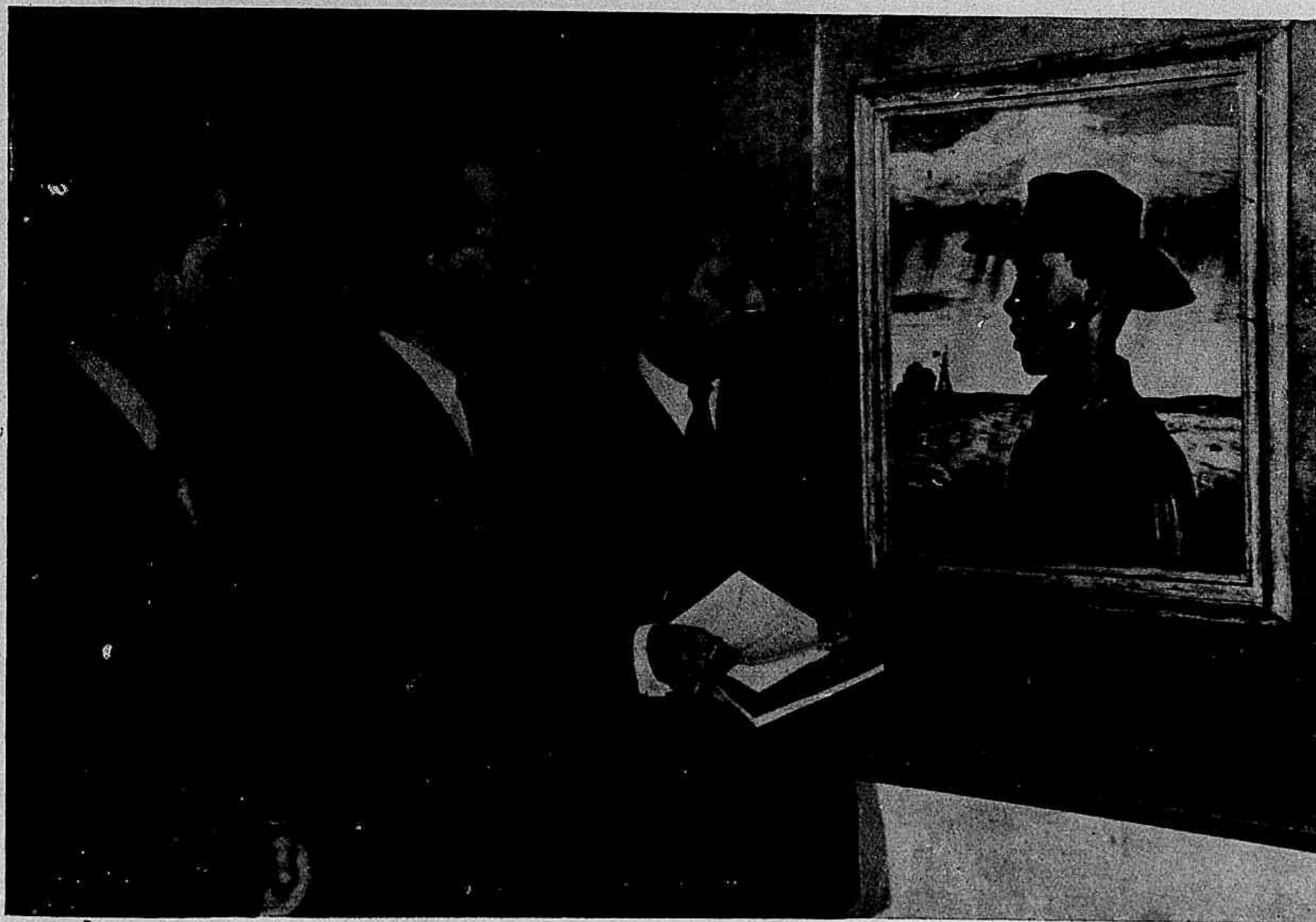
O segundo, mais novo, mas não menos talentoso, enfrenta todos os generos e sai-se sempre bem. Armando Pacheco trabalha bem a figura, que lhe tem proporcionado algumas composições movimentadas.

Na paisagem, o autor procura a côr, resolve a luz, apresenta sempre o desenho correto, enfrenta e resolve motivos sobrecarregados e vence galhardamente o problema dos planos. E', enfim, uma das nossas melhores possibilidades do momento.

Em São Paulo a pintora Maria Elisabeth realizou, durante o mês de Novembro, uma exposição no salão da Casa Jardim, tendo obtido grande êxito essa concorrida mostra de arte.



M. Constantino — "Retrato de minha Mãe"



O ministro Gustavo Capanema visitou, em companhia dos Srs. Leal da Costa, seu secretario particular, e do prof. Osvaldo Teixeira, diretor do Museu Nacional de Belas Artes, a Exposição de Pintura Contemporânea Norte-Americana que percorre os principais centros de cultura da América Latina num intercambio de arte.

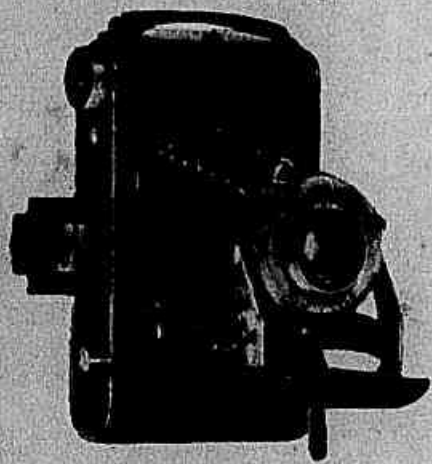


UMA NOITE DE ARTE E DE CARIDADE

A Escola Nacional de Musica teve, na noite de 7 de Novembro passado, uma das suas mais seletas reuniões, com o festival artistico em beneficio da Cruz Vermelha Brasileira e do Comité Alemão às vitimas da guerra. Os mais vibrantes aplausos não foram regateados às encantadoras artistas, às quais foi confiado tão elevado programa.



Senhor'nsas Margot Lima, Ghiona Kaelhle, Dolores Alice Sshaller e Gisela Gelpke que interpretaram os bailados regionais.



Um presente régio

**KODAK
VIGILANT**

SIX - 20

FAÇA SUA ESCOLHA
NAS CASAS DO RAMO

KODAK BRASILEIRA, LTD.


Real Scotch!



"For Christmas - my Dewar's"
White Label

FAQUEIROS, PORCELANAS, CRISTAIS, PRATARIAS

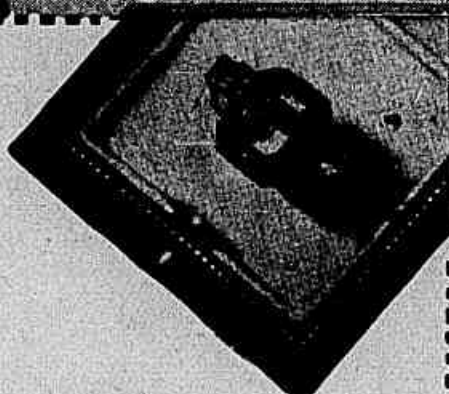
Presentes uteis
por preços especiais

C. S. I. O. L.  **de Louças Ltd.**

RUA SETE DE SETEMBRO, 66 E 68
PROXIMO A AVENIDA

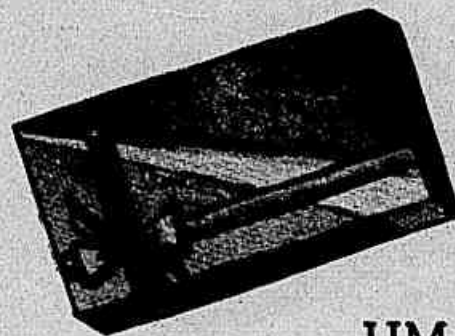
Natal

JOIAS
RELOGIOS
OBJÉTOS DE ARTE



Casa Oscar Machado

RUA DO OUVIDOR, 107/103
Tel. 23-4501



UTIL
E
ELEGANTE

UM LINDO TECIDO
NUMA LINDA CAIXA

TECELAGEM MODERNA

RUA GONÇALVES DIAS, 31 - RIO

Para ela...

Um presente que
é um encanto!
Um completo
tratamento
para a pele.

Um estojo **DAGELLE** Preço 50\$
Daggett & Ramsdell

NEW-YORK - Rio de Janeiro

Se não for encontrado no seu fornecedor, peça
a DAGGETT & RAMSDELL - C. P. 3.225 - RIO
pelo Serviço de Reembolso Postal.

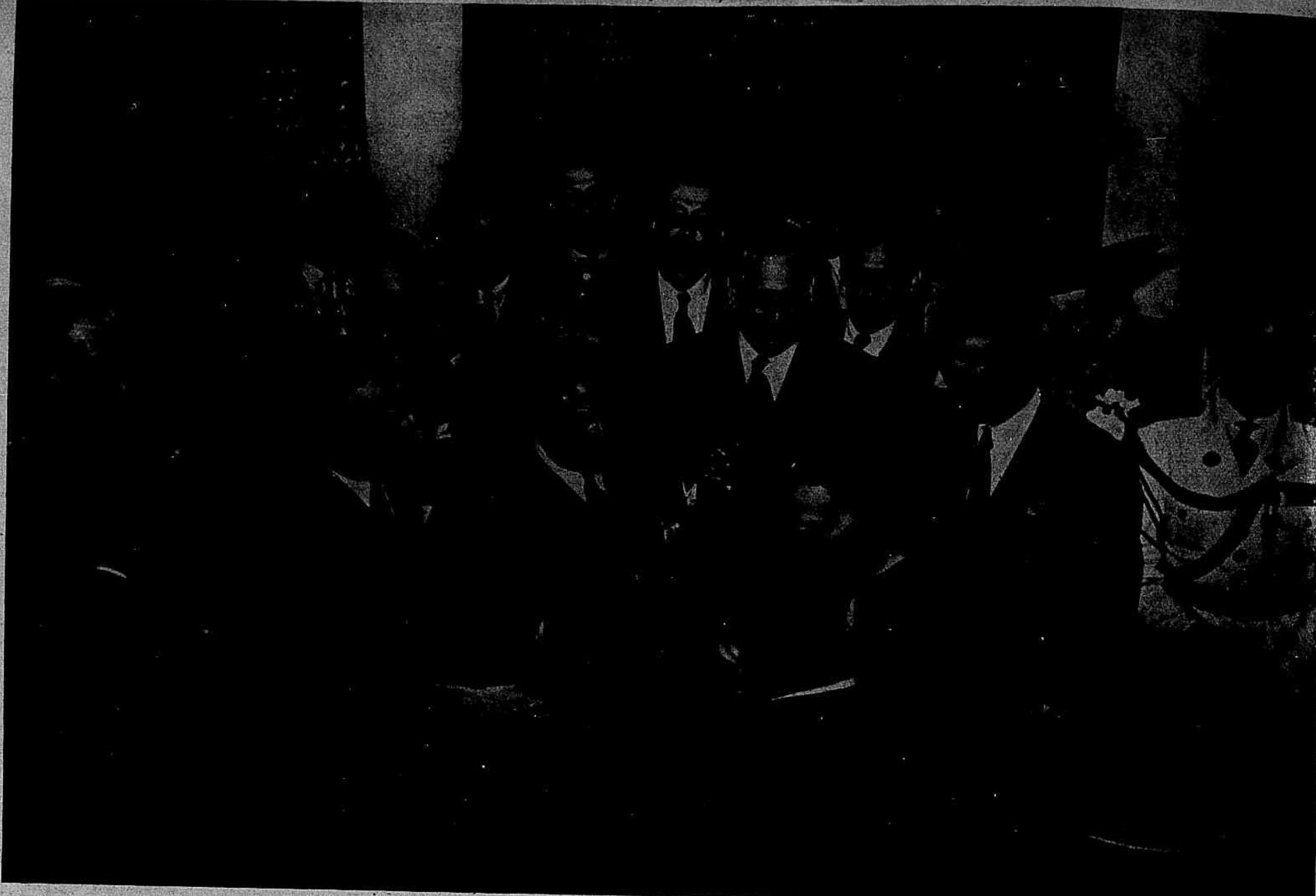
Um livro é o melhor
presente para Festas



Livros nacionais e
estrangeiros, em
elegantes encader-
nações, próprias
para presentes e
Livros Infantis só
na

**LIVRARIA
CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA**

Rua do Ouvidor, 94



A VISITA DO PRESIDENTE GETULIO VARGAS AO "STAND" DAS GRANDES FABRICAS "PEIXE" NA FEIRA NACIONAL DAS INDUSTRIAS, EM SÃO PAULO

O Interventor Fernando Costa e os outros membros da comitiva presidencial também manifestaram a sua admiração e entusiasmo pela organização que, fundada há mais de quarenta anos no sertão pernambucano, hoje se irradia em todo território nacional, numa magnífica demonstração de inteligência e capacidade de trabalho de seus dirigentes.

Ao Presidente da República, ao Interventor paulista e demais autoridades presentes foi servida uma taça do Suco de Tomate, que foi muito apreciado pelo seu sabôr e valor nutritivo.

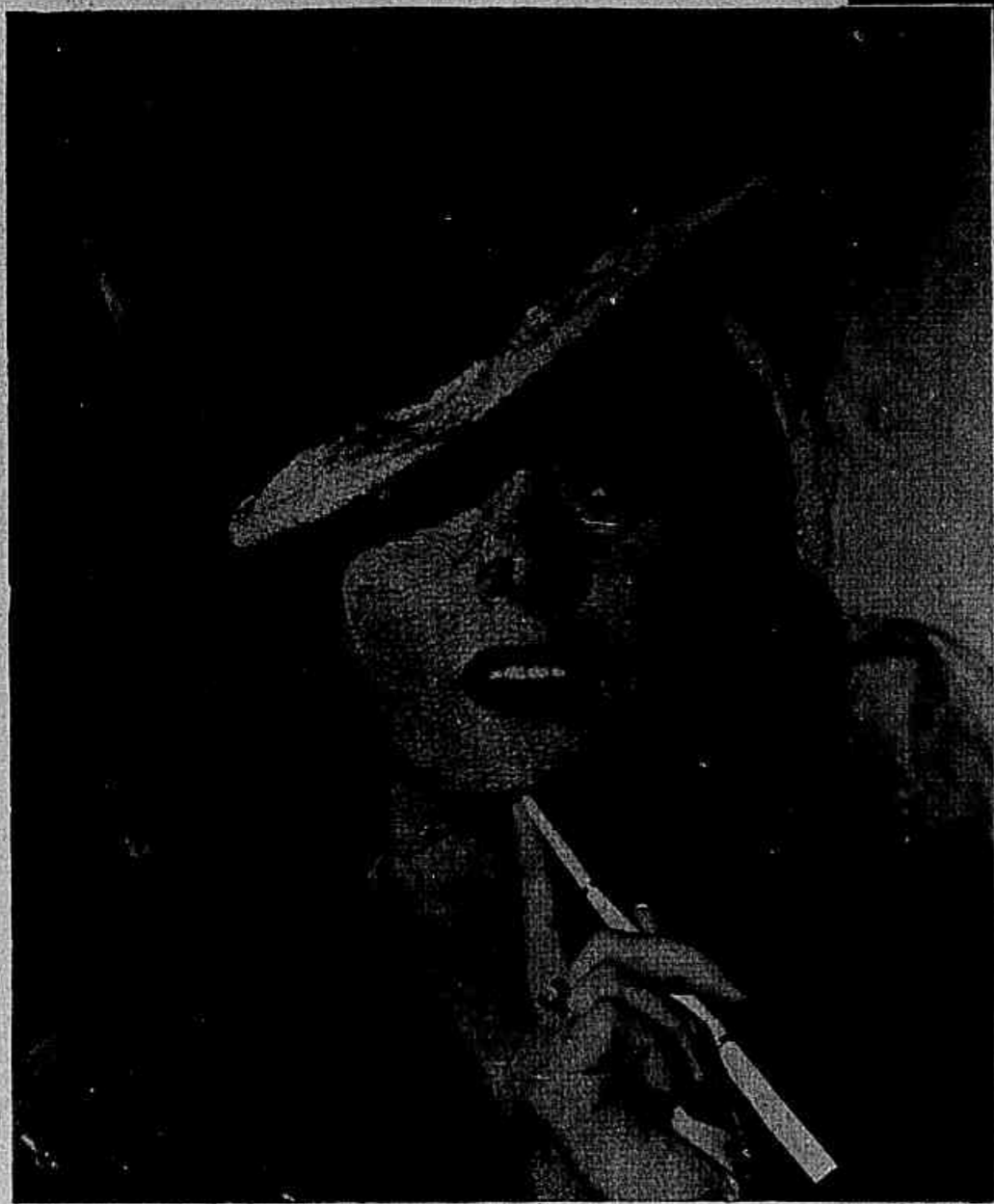
Retirando-se, o Presidente Getulio Vargas teve ensejo de externar ao dr. Joaquim de Brito a sua admiração pela grande indústria brasileira através do que lhe foi dado apreciar.

AS Grandes Fabricas "Peixe", de propriedade da importante firma pernambucana Carlos de Britto & Cia. acabam de receber uma distinção sobremodo honrosa e excepcional. O Presidente Getulio Vargas por ocasião da visita que fêz na capital bandeirante à Feira Nacional de Industrias, foi especialmente apreciar o "stand" da "Peixe", em cujo recinto se demorou por muitos minutos. Quiz, desse modo, S. Exc. demonstrar a sua admiração pela conhecida organização nordestina, que hoje em dia constitui uma das mais expressivas colunas da grandeza economica da Nação.

O Presidente Getulio Vargas que se achava em companhia do Interventor Fernando Costa, de outras altas autoridades e figuras representativas do comercio e da industria de São Paulo, foi recebido á porta do "stand" das Grandes Fabricas "Peixe" pelo dr. Joaquim Cavalcanti de Brito, socio-gerente da firma Carlos de Britto & Cia. naquele estado e funcionarios de categoria da referida organização ali.

Levado ao recinto do "stand" o Presidente Getulio Vargas apreciou detidamente os mostruarios dos produtos marca "Peixe", solicitando sempre, num gesto de evidente interesse e simpatia, informações referentes ao fabrico dos mesmos, que lhe foram pessoalmente dadas pelo dr. Joaquim de Brito.





Ser Chic



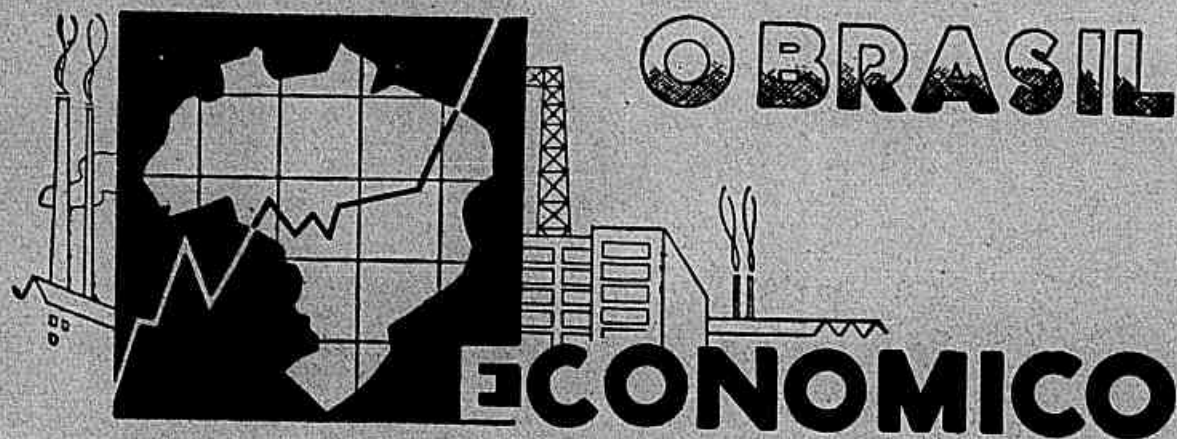
TODA uma arte sutil existe, para as mulheres, na escolha dos detalhes que pontilharão de bom-gosto e de harmonia o seu conjunto pessoal.

Muitas vezes esse êxito provém da graça com que saibam colocar um chapéuzinho como este de Lupe Velez, que tão bem se casa ao ovalado de seu rosto.

Em casos outros dependerá do contraste entre o fulgor de lindas joias e o negro de treva do vestido, tal como nos mostra Kay Francis nesta pose magnífica.

Ou da linha sóbria de um vestido para noite, como o que veste Jane Wyman, e que lembra um "peplum" das elegantes de outrora...

De qualquer maneira, o bom-gosto é a chave do sucesso. E as mulheres de bom-gosto sabem tirar excelentes partidos dos detalhes mais impressionantes e decisivos, como seja, por exemplo, a boa impressão que deixa sempre esse gesto requintadamente elegante, da mulher que sabe segurar com finura um cigarro entre os dedos...



A "SUL AMERICA CAPITALIZAÇÃO S. A." E SEU 12.º ANIVERSÁRIO

O dia 31 de Outubro assinalou uma efemeride festiva para os altos meios comerciais e seguradores da cidade, por marcar o 12.º aniversário da grande organização que é a "Sul America Capitalização S. A.", que se popularizou pela sintética denominação de SULACAP, e gósa de prestígio impar em todo o país.

Nos "Edifícios Sulacap" do Rio, de São Paulo e de Juiz de Fora e nos demais escritórios dessa empresa, do Norte e do Sul do País, reuniram-se os diretores, funcionários, inspetores e agentes, afim de se congratularem pelo progresso sem par da grande instituição de previdência, que é a pioneira e a mais importante no Brasil e nas Américas, bem como a 2.ª no Mundo, entre mais de 60 congêneres.

Nesta Capital, as comemorações se realizaram no grandioso edifício em que tem sua sede a "SULACAP", verdadeiro palácio de fino gosto arquitetural e dotado de grande conforto para os seus funcionários e para o público, e que se eleva na esquina das ruas da Alfândega e Quitanda onde reinou a maior cordialidade entre todos os presentes, desde os seus mais altos Diretores, até os mais humildes colaboradores, todos garbosos por terem cooperado com os seus esforços para o engrandecimento dessa instituição que não podemos deixar de classificar como educacional, pois os seus agentes são verdadeiros propagandistas da Previdência, na fãina constante de ir sugerir a cada cidadão, entregue à luta pela vida de hoje a necessidade de guardar um pouco para o dia de amanhã.

Vários ordores se fizerm ouvir, com essa eloquência natural e espontânea que só os sentimentos decorrentes da sinceridade natural podem gerar.

Trocaram-se palavras cordiais e sinceras, sem circunlóquios, sem atavios, mas expressivas e eloquentes, como eloquentes foram também as formidáveis cifras que ali se citaram.

Naquele mesmo mês de Outubro congratulatório da fundação de Companhia, fôram batidos os seguintes "records":

- O "record" de produção mensal em geral;
- O "record" de produção mensal de títulos saldados;
- O "record" de produção em exercício financeiro;
- O "record" de produção em um período consecutivo de 12 meses;
- O "record" de Aumento de Carteira em um período de 12 meses consecutivos;
- O "record" de antecipação na realização do programa de produção traçado para todo o exercício e que foi ultrapassado em 10 meses, apenas.

Todos os Departamentos apresentaram produção de novos negócios muito superior à alcançada em igual período do ano anterior. E a produção de novos negócios no mês de Outubro foi além de 96.000:000\$000 elevando a dos dez meses deste ano a mais de 660.000:000\$000. E a carteira de títulos em vigor subiu a mais de 3.272.000:000\$000.

Por amortizações antecipadas em sorteio, já havia distribuído a Companhia mais de 90.000:000\$000, em dinheiro, fornecendo pequenos capitais, a despertar energias novas por todo o Brasil.

Nos dois primeiros anos de distribuição de lucros aos portadores de títulos que a tal fizeram jus (1939 — 1940), distribuiu a Companhia mais de 4.444:000\$000.

Seu ativo social, cujo valor real é superior ao escriturado, dado o rigoroso saneamento das contas, elevava-se naquela data a mais de 315.000:000\$000, com grande cobertura sobre as reservas matemáticas na importância de cerca de 295.000:000\$000.

Eis os algarismos que representam, em rápida síntese a situação excelente da Sul America Capitalização S. A., cujo progresso e cuja pujança indicam, não só a capacidade de organização e de administração dos seus dirigentes, como também os propósitos de poupança do nosso povo, que tem nessa Companhia uma excelente mestra de previdência pela economia sistematizada.

Além dos benefícios que essa instituição presta diretamente ao Povo, facilitando-lhe a constituição de reservas para o dia de amanhã e financiando obras particulares, outras vantagens fornece ela ao Estado, e indiretamente ao povo, facilitando a realização de obras públicas de vulto, ao empregar os grandes capitais formados pelas pequenas contribuições dos portadores de seus títulos.

Muito justo foi, portanto, o grande prazer dos colaboradores dessa instituição, ao comemorarem o seu 12.º aniversário, convencidos todos de estarem cooperando para o benefício do povo e para o engrandecimento da pátria, no exercício sadio da sua nobre profissão.

O BRASIL NA REVISTA "FORTUNE"

O último número da revista *Fortune* contem um extenso artigo sobre o Brasil como mercado para manufaturas norte-americanas. Como estudo da necessidade do exportador dos Estados Unidos se adaptar ao ambiente brasileiro, nada deixa a desejar. Entretanto, mais uma vez a empresa editora (que publica *Fortune*, *Time* e *Life*) se deixa vencer pelo desejo de apresentar "curiosidades" exóticas, ilustrando o artigo com uma série de desenhos que representam os aspectos mais míseros do nosso país. Este escritório, encarregado da publicidade do Brasil nos Estados Unidos, escreveu ao redator responsável, felicitando-o pelo texto do artigo, mas lamentando que o espírito de perversidade das ilustrações tivesse que prejudicar um estudo tão construtivo e oportuno. Em resposta, a redação limita-se a enaltecer o valor artístico do ilustrador, surpreendendo-se de que a nossa sensibilidade latina não aceite as referidas ilustrações com a mesma satisfação daqueles que ignoram o esforço que, de tanta fôrma, se manifesta em todos os Estados Unidos em prol de uma "boa vizinhança" baseada em respeito mútuo.

COMERCIO BRASIL-CHINA

O crescente interesse de firmas chinesas por produtos brasileiros, é inteiramente correspondido pelo interesse que o Brasil tem manifestado em aumentar suas transações com a China.

As cifras relativas aos anos de 1939 e 1940 são incisivas: em 1939 o Brasil exportou para a China 48.149 toneladas de mercadorias, valendo 168.742 contos de réis; em 1940 exportou 42.150 toneladas, valendo 154.375 contos. Quanto às importações, verifica-se que em 1939 compramos à China 140 toneladas de mercadorias valendo 1.092 contos; em 1940 compramos 132 toneladas, valendo 1.936 contos.

Preliminarmente verifica-se que êsse intercâmbio, pelo fato de ser favorável ao Brasil, merece a melhor atenção.

Todavia há outro aspecto digno de estudo, a saber, a própria situação em que se encontra a China e a posição dos mercados brasileiros. O conflito asiático tem determinado um aumento de compras, exatamente de produtos que o Brasil pode vender em boas condições. O desequilíbrio que para muitos representa a perda de mercados europeus, encontra nos chineses uma compensação oportuna. Por outro lado, a China tem grandes possibilidades de aumentar suas exportações para o Brasil.

O BABAÇU

A exportação maranhense apresenta, continuamente, aumentos sensíveis, máu grado a situação atual. Todos os vapores, nacionais ou estrangeiros, deixam o porto de São Luiz com a quota de tonelagem reservada ao Estado completamente tomada. Ainda recentemente o vapor "Buarque", do Lloyd Brasileiro, deixou aquele porto com grande carregamento, transportando para La Guaira, Venezuela, 210.000 quilos de amêndoas de Babaçú, e, para o porto de Nova York, 150 mil quilos de mamona, 60.000 quilos de babaçú, 30.000 quilos de tucum, 2.260 peles de veado e 1.059 peles de caeteté.

A exportação de amêndoas de babaçú pelos portos de fronteira e pelo da capital do Maranhão, durante o ano de 1940, foi, respectivamente, de 10.456.228 quilos no valor de 7.758:484\$400 e de 30.897.333 quilos, no valor de 36.408:557\$100.

O maior volume exportado para um só porto do exterior foi o de 11.059.920 quilos, no valor de 13.064:021\$000, destinado a Nova York.

**EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA LONDON"
HORS CONCOURS**

CURIOSIDADES DO BRASIL

Os defensores das Capitanias — Inicia-se no século XVI, a história militar do Brasil. E dessas histórias, as primeiras páginas se escreveram com a conquista, a princípio pelo litoral e depois pelo interior das terras da antiga província de Santa Cruz. Conquistava-se, ocupava-se, defendia-se. O regimen político das capitanias, creando o particularismo feudal do século XVI, em plena América, imprimiu uma feição especial aos labores da defesa do território. Com as capitanias não se organizavam senão tropas locais, com os seus regulamentos, com os seus sistemas apropriados. Contudo era a defesa do território que se preparava. E na história dessa defesa é que está tôda a história militar do Brasil. Basta lembrar a circunstância dos colonos jámais deporem as armas e estarem prontos a combater e dirigirem-se sempre armados dos diferentes pontos do litoral.

—oOo—

O Herói Naval de Humaitá. — Joaquim José Ignacio nasceu em Lisbôa, em 30 de Julho de 1808, filho de José Victorino de Barros e Maria Isabel de Barros. Veio para o Rio de Janeiro com a sua família, aos dois anos de idade, em 10 de Junho de 1810 e aqui recebeu a instrução primária, seguindo o curso de matemática na Academia de Marinha. Aspirante em 20 de Novembro de 1822, teve promoção de guarda-marinha em 11 de Dezembro de 1823. De 1824 a 1825, fez a campanha de Pernambuco, Ceará e Maranhão, nesta última comandando o cutter "Independente". Na guerra Cisplatina entrou com galhardia em diversos combates. Na Colonia do Sacramento, comandou a Bateria Santa Rita e já então segundo tenente, passa entre desenove embarcações inimigas, numa pequena lancha, faz-se ao largo e chega à nossa esquadra. Dois dias depois volta com três navios carregados de mantimento, zombando do fogo horrivel dos inimigos. Em 1831 e 1836, atúa energicamente no Rio de Janeiro e no Maranhão. Capitão de fragata em 14 de Março de 1844, foi a Inglaterra em 1846, como membro do Conselho Naval. Promovido a capitão de mar e guerra, é nomeado inspetor do Arsenal da Marinha da Côte. Chefe de divisão em 1852, encarregado do quartel general da marinha em 1855, chefe de esquadra em 1856, membro efetivo do Conselho Naval, Joaquim José Ignacio era um dos marinheiros mais bravos do Brasil. Em 5 de Dezembro de 1866, toma o comando em chefe da Esquadra Brasileira no Paraguai. Em 15 de Agosto de 1867, bombardeia Curupaití e transpõe a bordo do "Encouraçado Brasil" as estacadas,

desafiando os torpedos e o canhoneio. O vice-almirante Joaquim José Ignacio recebe em 1867, o título de primeiro Barão de Inhaúma. Depois de seis meses de patrulhamento naval, bombardeia a fortaleza de Humaitá e faz a célebre passagem, uma das maiores vitórias navais do Brasil. Cabe-lhe ainda a glória dos feitos navais de Timbó, Tebiguarí e Angustura. Morreu o almirante Joaquim José Ignacio em 8 de Março de 1868, aclamado como um herói nacional.



TREIN

ETERNA

| 94 |

TÃO FINO
- QUASI DA GROSSURA DE UMA MOEDA -
TÃO EXÁTO E
TÃO PROTEGIDO
COMO TODO O
ETERNA

CASA MASSON

A casa dos bons relógios

OUVIDOR, 91 • FONE. 23.4656

Distribuidores exclusivos:

RIO DE JANEIRO — CASA MASSON
RUA DO OUVIDOR, 91

SÃO PAULO — CASA OINEGUE
RUA DR. FALCÃO N.º 73

RUA BARÃO ITAPETININGA N.º 81

CURITIBA — JOALHERIA KOPP

RUA 15 DE NOVEMBRO, 430

BLUMENAU — RISCHBIETER & GESTWICKI

PORTO ALEGRE — CASA MASSON





Como sabe o sandwich!..

É a expressão commumente ouvida.

A cerveja Cascatinha além do agradável paladar que proporciona aos alimentos, aumenta-lhes as propriedades vitaminosas.

AO PEDIR UMA CERVEJA DIGA APENAS

CASCATINHA

Um presente bonito

Fazendas para o verão das



Casas Pernambucanas
Sortimento colossal

VIDA DE ESTUDANTE

(Conclusão)

não amava as lutas das oposições políticas, embarcára para a Európa.

A "campanha civilista" empolgára todo o país. As minhas inclinações naturais, como as da juventude do meu tempo, levaram-me à aversão pela candidatura do marechal Hermes. Entusiasmavam-me as famosas orações de Rui Barbosa. Engrossava as passeatas de estudante em sua honra e julgava-me obrigado a "odiar" o general Pinheiro Machado. Todavia, a minha extrema timidez como as minhas ligações com Estácio Coimbra e, através d'ele, com o partido Rosa e Silva, adépto da candidatura oficial, controlavam-me, mesmo inconscientemente. Afinal, que me importava a ardente disputa dos políticos? Fatigava-me principalmente a demagogia oposicionista; sentia por instinto, já naquela época, o que nela havia de falso, de vazio e de deselegante. A convivência na Câmara com deputados e jornalistas não concorria para convencer-me da sinceridade da maior parte dos homens da oposição.

Desejava entrar na diplomacia. Viajar, viver nas grandes cidades estrangeiras, num ambiente que supunha de extrema distinção, parecia-me, como aos rapazes brasileiros do começo do século, a suprema ventura. Não sabia, no entanto, como aproximar-me do barão do Rio Branco, espécie de ditador perpétuo do Itamarati, e que lhe distribuía arbitrariamente as graças. Diluíram-se rapidamente os meus sonhos de diplomata. A política de Pernambuco talvez me abrisse portas mais largas ou mais fáceis. Estudando, escrevendo, acabaria por criar honestamente a minha própria situação.

Mas as esperanças de carreira política iriam também desfazer-se em breve com o ostracismo de Estácio Coimbra; o general Dantas Barrêto,

ministro da Guerra do marechal Hermes, aceitára a própria candidatura ao governo de Pernambuco, iniciando o movimento que se chamaria das "salvações militares". Caíam ruidosamente as velhas oligarquias do Norte. Os motins populares, incitados pelas tropas federais, destruíam sem grande esforço uma ordem de coisas profundamente antipática opinião comum. Em verdade os "salvadores", chegando ao governo, repetiriam, agravando-os, os erros antigos, mas, no momento, representavam a única fórmula possível de reação contra os governos patriarcais. Sem saber, eram símbolos de uma etapa natural na evolução política e econômica do Brasil: a luta da cidade, do proletariado e da burguezia urbana contra a aristocracia rural que desde o primeiro século da colônia dominava Pernambuco e outros Estados do Norte. A luta em Pernambuco, de formação mais acentuadamente aristocrática do que qualquer Estado brasileiro, tomava aspectos de extrema violência. Explodiam brutalmente os ódios recalcados contra o longo domínio de Rosa e Silva, apoiado, apesar de suas origens na rica burguezia comercial do Recife, pelas velhas forças dos engenhos. Estácio Coimbra, ainda muito moço, que, na qualidade de vice-presidente do Estado, lhe assumira o governo para reagir contra a invasão, era obrigado a abandoná-lo pouco depois para não entregá-lo ao general Dantas Barrêto. Acompanhava com o coração constangido a corajosa resistência de Estácio Coimbra, os telegramas alarmantes que noticiavam a convulsão do Recife, os tiroteios diários, os encontros sangrentos, os assassinios. Para mim fechava-se, daquela fórmula, qualquer veicidade de carreira política no meu Estado. Daí em diante, para fazer a minha vida, teria de contar apenas comigo mesmo. Era moço e ambicioso, e nada compensa semelhantes títulos. A felicidade nova do casamento em Janeiro de 1912 e o intenso prazer das leituras, e da elaboração literária faziam esquecer as "decepções políticas". Abriam-se aos meus olhos cheios de esperanças as largas estradas do mundo...



HOTEL AVENIDA

CAPACIDADE PARA 500 HOSPEDES

O MAIS CENTRAL — O MAIS COMODO — O MAIS ECONOMICO

Água corrente e telefone em todos os quartos.

Diária por pessoa, 30\$ a 45\$.

” para casal 60\$ e 70\$. Com banheiro para casal 80\$ e 90\$.

Avenida Rio Branco, 152/162
(Galeria Cruzeiro)

End. Teleg. AVENIDA — Telef. 22.9800
Rio de Janeiro

O Natal na poesia européia

(Conclusão)

A poesia interior dessa festa, tudo o que o Natal encerra: beleza, ilusão, esperança, decepções e realizações, ninguém o sentiu e exprimiu melhor do que o poeta dinamarquês Andersen, o amigo das crianças, o mais amável dos inventores de contos de fadas.

O Natal é a festa de todos os milagres. Nos Alpes, o povo julga ouvir, na Noite Santa, os animais falar. Shakespeare, no "Hamlet", alude à mesma crendice. Como não escutar, com convicção, o poeta Andersen a fazer-nos entender as palavras da Árvore de Natal, a contar-nos tôda a vida dela na floresta, a sua remoção da casa onde os homens celebram a festa, e o seu fim prematuro entre as labaredas!

Mais lindo ainda é aquele conto em que Andersen nos apresenta uma pequena vendedora de fósforos, sózinha, na noite de Natal, numa rua deserta, a errar diante das janelas iluminadas pela Árvore de Natal. Ela não tem lar. Sente fome. Treme de frio. Para aquecer-se, queima fósforos trás fósforos. Não se aquece. Mas essas efêmeras luzinhas dão-lhe também impressões de Natal. A caixa está vazia. O último fósforo, acendendo-se, abre-lhe o céu, mostrando-lhe uma enorme árvore resplandecente de luminarias, ricamente ornada de presentes preciosos, e, com essa visão divina, adormece para sempre.

Como é difícil em tal época fria e hostil aquecermo-nos com os pobres fósforos que nos restam! Tenhamos confiança no poeta! Experimentemos sempre e sempre acender novas luzes, esperemos sempre que, para nós também, apareça, um dia, a Árvore que promete o renascimento.



VARIEDADE, QUALIDADE E ECONOMIA

MIOVIEIS A.I.F. COSITA

(A maior galeria de moveis do Rio)

Para vossos moveis um só endereço:
Rua dos Andradas, 27 — Rio

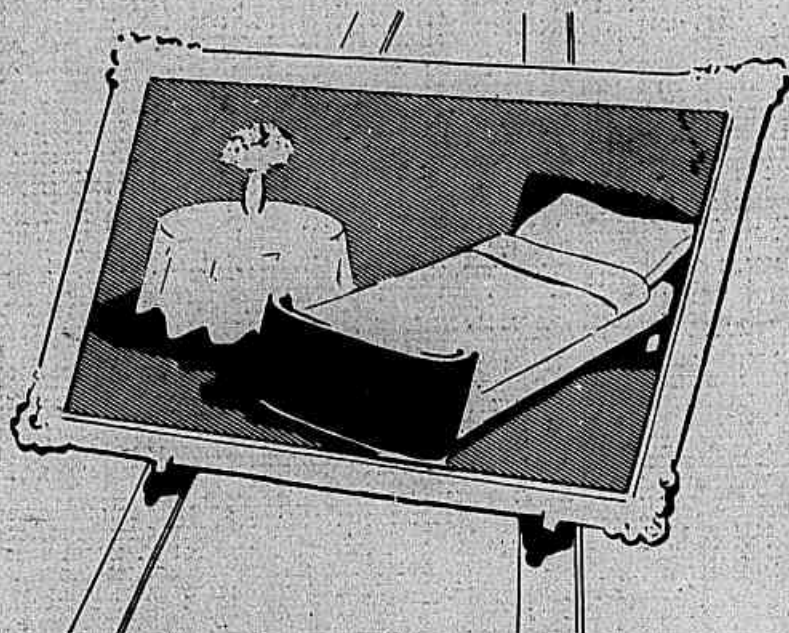
BANCO BOAVISTA

Depositos - Descontos - Cauções

Rua 1.º de Março, 47 --- Avenida Rio Branco, 137

Avenida Passos, 40 --- Rua Siqueira Campos, 23

RIO DE JANEIRO



UM QUADRO PREMIADO

Leve para sua casa o valor inestimável de conforto e bom gosto que este quadro apresenta. As roupas de cama e mesa trazem sempre alegria ao lar.

Nova
Secção de roupas de cama e mesa
Casa Jose' Silva
 Vinte e cinco de uma vez...
 e pague em 12 meses.
 OURIVES, 3 e 5

Onde estiver no Brasil ouça

P.R.A. 8

A única Emissora Nacional
 que transmite simultaneamente
 em duas ondas

49,92 .. 6010 Kc/s

416,6 .. 720 Kc/s

5.000 Watts - P R A. 8 - 25.000 Watts

**Radio Club de
 Pernambuco S/A**

Musica

Todos os aplausos serão sempre poucos para as iniciativas que visem a educação artística do nosso público. E quando dizemos

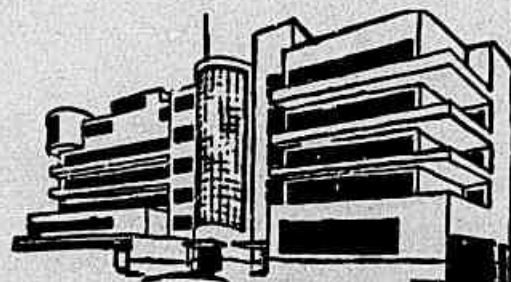
artística, incluímos, naturalmente, qualquer expressão de arte, que se manifesta de tantas maneiras: música, pintura, escultura, poesia, arquitetura, dança... Essas reflexões vieram-nos a propósito da última audição do Orfeão dos Apiacás, cuja fundação e manutenção se devem aos esforços da professora Lucilla Villa-Lobos. Ao que parece, entretanto, o Orfeão se apresentou com grande parte dos seus antigos elementos substituídos por outros novos. Está claro que a ambientação dos novos cantores, ao grupo orfeônico exigiu um esforço muito grande tão grande quase quanto o trabalho inicial de sua fundadora. E o fato havia de influir, como influiu, no equilíbrio que já havia sido conquistado, e que só um milagre de energia e de ideal não permitiu que fôsse completamente por água abaixo. Tal milagre realizou-o a professora Lucilla Villa-Lobos, que, nem por isso, tem desencorajado o seu desejo de trabalhar, com o Orfeão, pela nossa educação musical.

Louvemo-la, pois, com entusiasmo ainda maior, e façamos votos para que os atuais elementos do lúcido grupo de vozes por ela reunidas se mantenha íntegro, coeso, disposto a levar por diante, e seriamente, a obra iniciada e prosseguida com tanto êxito. É preciso que todos se lembrem de que nenhuma iniciativa pôde viver e prosperar como resultado do esforço de um só, mas sim como consequência do esforço coletivo. Temos mais uma prova disso no reaparecimento da Sociedade de Concertos Sinfônicos, veterana agremiação de idealistas, a que devemos o início e o desenvolvimento de nossa educação no terreno da música sinfônica. A essa sociedade alguns nomes estão indissolúvelmente ligados, três dos quais aqui gostosamente assinalamos: o do inolvidável maestro Francisco Nunes, que foi o seu criador e presidente durante longos anos; o de Leopoldo Duque Estrada, que o substituiu na presidência, também anos seguidos; e o de Francisco Braga, o mais glorioso de todos os nossos músicos vivos, e que, quase sem interrupção, durante mais de trinta anos, foi o seu diretor artístico e regente. Os tempos passaram, Francisco Nunes desapareceu. Os solistas e demais músicos da orquestra foram sendo substituídos, com os anos. Novos elementos surgiram, a batuta da regência passou da mão de Francisco Braga para a de Carlos Viana de Almeida; e eis que a Sociedade de Concertos Sinfônicos reaparece, para mais uma vez brilhar, num programa muito interessante, que o aplauso do público consagrou ruidosamente.

Registramos esse fato com o prazer de quem não desanima na sua missão de estimular as boas iniciativas. Nosso papel de animadores sente-se bem, diante de tudo quanto exprime uma conquista feliz do nosso meio musical. Agora mesmo, vibramos com o aparecimento de um novo e precioso elemento artístico, personificado na senhora Lilia Nunes, cantora de câmara, que surgiu como uma radiosa promessa neste fim de temporada.

Não se trata de uma voz grande. Trata-se, antes, de uma grande voz, isto é, de uma grande cantora, porque ela é, antes de tudo, uma artista de fina sensibilidade. Bastará a escolha das peças que compõem o seu repertório, para se ter a certeza disso. Lilia Nunes não pensa em fazer o que não pôde. Não quer brilhar como joia falsa. Prefere as peças que lhe despertam emoção. E canta-as emocionada. Diz, frazeira, expõe, interpreta-as, sem berreiros, mas com finura, sem malabarismos, porém, com doçura de modulações vocais. É, enfim, uma artista primorosa, que não surgiu titubeante, mas, sim, pronta para uma carreira, que só pôde ser vitoriosa.

A estréia auspiciosíssima de Lilia Nunes traz-nos à lembrança o reaparecimento da pianista brasileira Silvia de Figueiredo Mafra, no concerto comemorativo do primeiro aniversário da Associação Musical Pró-Juventude, a cuja frente estão as professoras Suzanna e Helena de Figueiredo e Magdala Souza Pinto. Eis aí uma instituição musical que merece o apoio do público. A juventude é em toda parte a sementeira de onde não de sair as inteligências do futuro. Guiar os jovens para o caminho da arte nobre é, pois, proporcionar-lhes os meios de gozar as melhores emoções que a vida nos reserva. A A. M. P. J. assim compreendendo, há um ano trabalha nesse sentido. E pôde gabar-se de ter conseguido resultados já bastante apreciáveis. No concerto de aniversário, os sócios e convidados tiveram ocasião de apreciar uma das nossas pianistas de maior mérito. Silvia de Figueiredo Mafra, que só de longe em longe aparece, continuava senhora de predicados pianísticos invulgares, que a colocam na primeira linha das nossas culturas do piano. Seu programa decorreu entre merecidos aplausos.



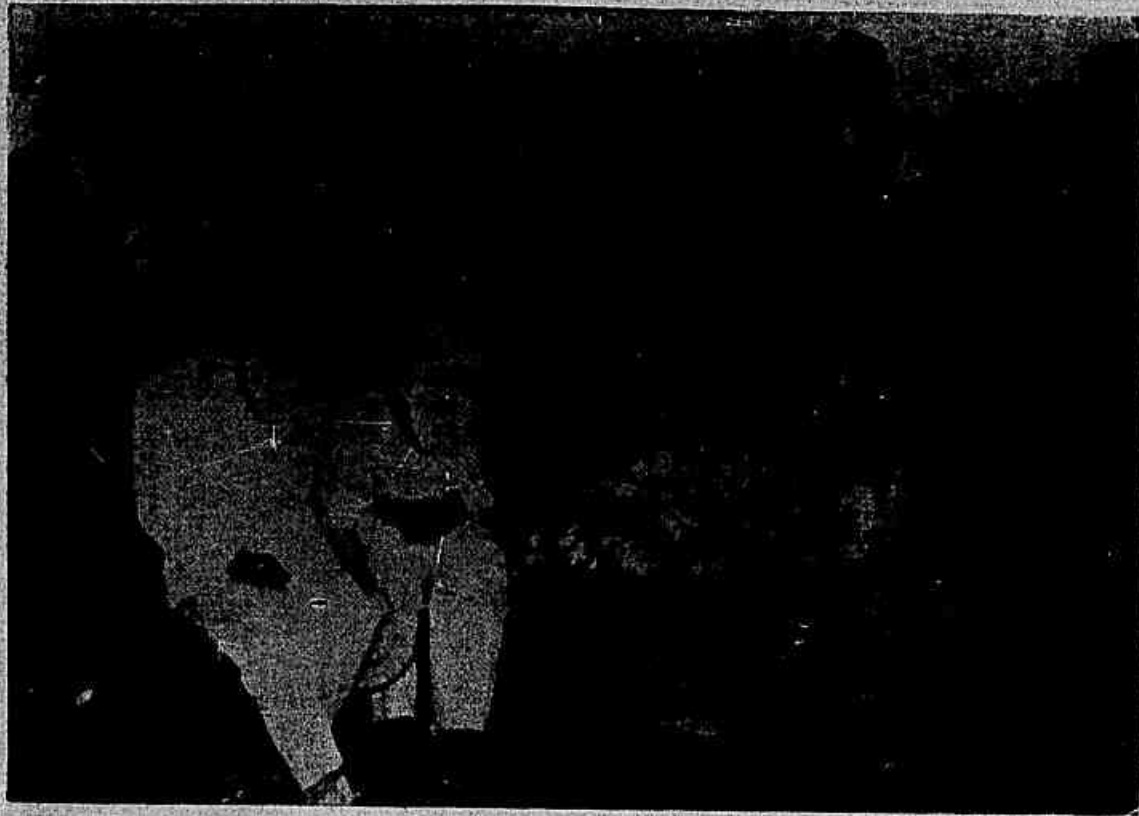
**MATERNIDADE
 Arnaldo de Moraes**

PARTOS E CIRURGIA
 DE SENHORAS
 Tel. 27-0110

Instalações e aparelhagem moderníssimas. Ar condicionado nas salas de partos e de operações e nos apartamentos. Internamento e assistência a partir de 1:200\$000, com inscrição prévia. Radioterapia profunda. Raios X, diagnóstico. Tenda de oxigênio e Elio-terapia. Parto sem dor.

RUA CONSTANTE RAMOS, 173 — COPACABANA

OS NOVOS ESCRITÓRIOS DA EMPRESA CONSTRUTORA UNIVERSAL LTDA.



Um aspecto das pessoas presentes à inauguração da nova agência da Empresa Construtora Universal Ltda. nesta Capital

REALISOU-SE, ha dias, nesta Capital, a inauguração das novas instalações da Agência da Empresa Construtora Universal Ltda., no Distrito Federal, inegavelmente a maior organização predial do Brasil e que através de suas 1.670 agências espalha benefícios por todo o país.

Diante da importância de que no momento se reveste o problema da Casa Própria é de maior oportunidade o gesto da Construtora Universal, ampliando os seus serviços na Capital, afim de melhor atender ao seu desenvolvimento sempre crescente.

À inauguração da Agência da Empresa Construtora Universal Ltda., que se acha localizada no 8.º andar do Edifício Martelli, à Avenida Rio Branco 108, revestiu-se de invulgar brilhantismo, a ela tendo comparecido representantes de ministros do Estado, autoridades Judiciárias, Federais e Municipais e dos Institutos de Aposentadoria e Pensões, Associações de Classe Industriais, Comerciais, Jornalistas e grande número de pessoas amigas. Afim de presidir a cerimônia inaugural, veio de São Paulo o dr. Alfredo Aloé, diretor-gerente da Construtora Universal, figura de grande prestígio nos meios sociais e financeiros do Estado bandeirante.

Nessa ocasião na nova sede da Agência, o dr. Aloé ocupando o microfone da Rádio Mayrink Veiga, que em cadeias com mais sete estações irradiou a cerimônia, deu posse ao sr. Francisco Primerano novo agente e em breves palavras, disse o muito que esperava de sua capacidade organizadora e produtora. Falando, o sr. Francisco Primerano agradeceu a confiança que lhe depositava a direção da Construtora, dizendo que tudo faria para não só justificá-la mas, também, torná-la ainda maior.

Em seguida, o novo agente da Construtora entregou ao sr. Cyro Aranha duas séries do plano "H" que a Construtora destinara aos jogadores Nino e Alfredo II responsáveis pela brilhante atuação do Vasco no jogo com o Flamengo.

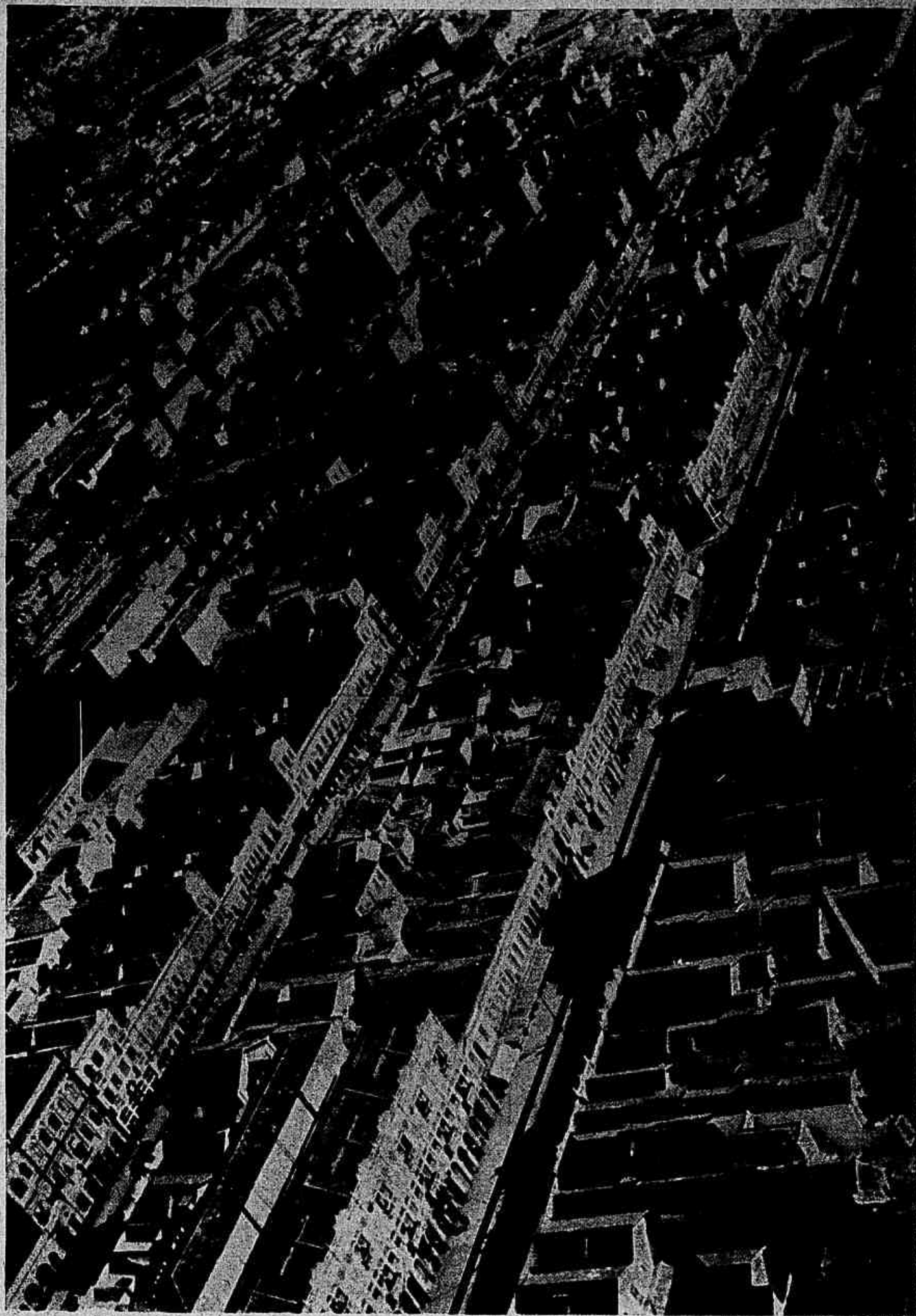
Aproveitando a estadia do dr. Abelardo Condurú, prefeito municipal, Belem o dr. Alfredo Aloé fez entrega ao mesmo sr. de 10 séries do plano Universal "H", pedindo-lhe que as destinasse às crianças pobres de Belem.

Agradecendo o dr. Abelardo Condurú, disse que não era a primeira vez que a Construtora, pelos seus diretores se mostrava amiga de Belem, e do Pará. Esta era apenas mais uma demonstração que se ia anexar a muitas outras.

Logo após os presentes se dirigiram para os salões do Fluminense Yatch Club onde foi oferecido a todos um banquete. Ao champagne falaram o sr. Oswaldo Orico que enalteceu a figura do dr. Aloé e a direção que imprime à Construtora.

Agradecendo em ligeiro improvisado, o dr. Aloé disse que não sabia distinguir se era ele que dirigia a Construtora ou se a Construtora que o dirigia, porquanto tão vasta é a sua ramificação que a obra já não pode ser mais de um único homem e sim da colaboração de todas as classes.

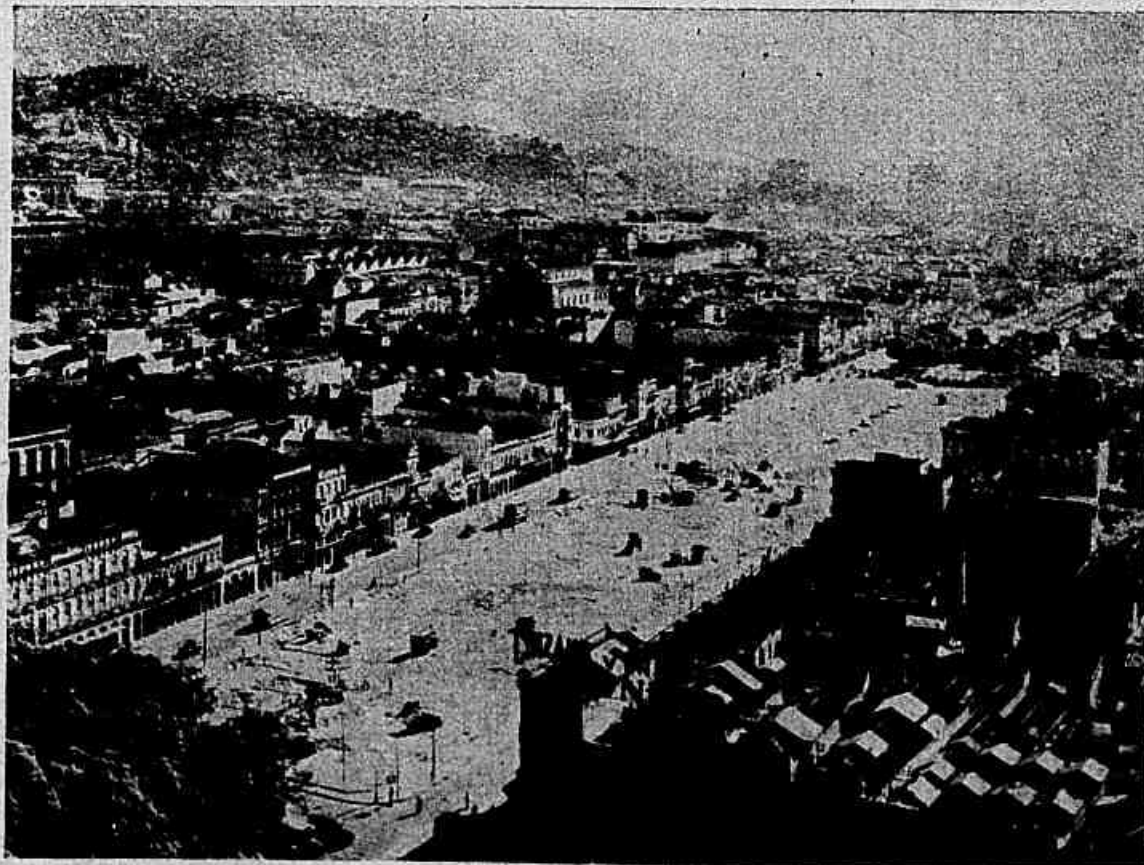
Encerrando a solenidade, falou o novo agente sr. Francisco Primerano que agradeceu a presença de todos ao ato inaugural e ao banquete.



Vista aérea, tomada antes das demolições do trecho inicial da Avenida Presidente Vargas.

O RIO DE ONTEM E DE HOJE

Aspecto atual do trecho inaugurado a 10 de Novembro.



Edições da S. A. O MALHO

ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA

O MALHO

CINEARTE

O TICO-TICO

MODA E BORDADO

ARTE DE BORDAR

ANUARIO DAS SENHORAS

ALMANAQUE D'O TICO-TICO

Bibliotéca Infantil d'O Tico-Tico
Bibliotéca de Arte de Bordar

